

REVISTA DOS CRIADORES

ANO XIX

JULHO - 1948

N.º 7





Isto custa mais caro que a

Um potro que nasce com o mal das juntas"... uma rês que se quebra por ter ossos fracos... uma porca que perde a barrigada... eis fatos que ocorrem com frequência onde as terras são pobres em Cálcio, Iodo e Fósforo - elementos indispensáveis à perfeita saúde dos animais. É por isso que a Mistura Iodo Cálcio Fosfatada é usada, há muitos anos, nos maiores centros criadores do mundo. Siga também este meio seguro, fácil e econômico de valorizar o seu gado e aumentar os seus lucros em carne, leite, ovos, lã e tração!

Econômico no custo...

Sacos de	40 quilos	Cr\$
" "	10 "	220,00
" "	5 "	70,00
" "	2 "	40,00
" "	1 quilo	18,00
" "		10,00

- generoso nos resultados!



Pedidos à

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES BOVINOS

21 ANOS DE BONS SERVIÇOS
PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

- Presidente — Dr. Joaquim de Barros Alcantara
Vice-Presidente — Dr. João Moraes Barros
1.º Secretário — Dr. Bernardo Galvão Monteiro
2.º Secretário — Dr. João Batista Lara
1.º Tesoureiro — José C. Moraes
2.º Tesoureiro — Paulo Eduardo de Souza

DIRETOR-GERENTE

Dr. Arnaldo de Camargo

CONSELHO CONSULTIVO

Dr. Lafaiete Alvaro de Souza Camargo
Dr. Mario Masagão
Eliseu Teixeira de Camargo
José Rezende Meireles
Dario Freire Meireles
Dr. Osni da Silva Pinto
Antonio Caio da Silva Ramos
Orlando Barros Pereira
Dr. Naur Martins

SUPLENTE

José Procópio de O. Azevedo
Dr. Pio de Almeida Prado
Dr. Francisco Pereira Lima
Francisco Galvão Bueno
Fernando Leite Ferraz
Claudio de Carvalho

MÉDICOS VETERINÁRIOS

Dr. Celso de Souza Meirelles,
Walter C. Battiston

TÉCNICOS

LEITE E DERIVADOS E CONTROLE LEITEIRO

Dr. Fidelis Alves Netto
Dr. Joaquim de Barros Alcantara Filho

CARNE E DERIVADOS

Dr. Pascoal Mucciolo

AGROSTOLOGIA

Dr. Breno de M. Andrade

ENGENHARIA RURAL

Dr. Joaquim de Barros Alcantara Filho

AVICULTURA

Dr. Henrique Raimo

GERENTE COMERCIAL

Serviço de Assistência Veterinária da A. P. C. B.

Cumprindo seu programa de trabalho em prol da valorização do rebanho brasileiro, a Associação Paulista de Criadores de Bovinos tem se desdobrado em esforços no sentido de atacar todos os problemas que dificultam e entravam a marcha de progresso da pecuária nacional. Entre os muitos serviços que presta aos seus associados, destaca-se o da assistência veterinária. Dispondo de técnicos habilitados e capazes, a Associação Paulista de Criadores atende aos reclamos de seus associados, localizados em todos os quadrantes do Estado, oferecendo-lhes os serviços de assistência aos seus rebanhos. Assim, não só merecem atenção os casos de medicina puramente curativa, como principalmente, os de profilaxia das várias doenças que golpeiam os animais. Batalhando nesse terreno, a A. P. C. B. coopera com os Departamentos oficiais encarregados da defesa sanitária animal pelo muito que se empenha no combate às doenças do gado, ao mesmo tempo que oferece aos criadores um serviço rápido, barato e eficiente.

O Serviço de Assistência Veterinária, sediado na Capital, atende aos chamados dos associados no interior por intermédio de uma equipe volante de veterinários que levam até a fazenda todos os recursos que a ciência e a técnica dispõem para o tratamento ou a prevenção do gado. Entretanto, como resultado do constante interesse por esse serviço, o número de chamados foi se avolumando de tal forma que se tornou difícil, senão impossível, atender com a solicitude necessária todos os interessados. Essa prova irrefutável da eficiência do Serviço de Assistência Veterinária da A. P. C. B. levou a diretoria desta entidade de classe, em um de suas últimas reuniões a estudar o assunto visando dar mais amplitude ao Departamento para que, crescendo em trabalho, não diminuísse em seus prestígios aos associados. Equacionado o problema, resolveu a diretoria dividir o Estado em quatro zonas, cada uma com um veterinário responsável pela assistência, sediado na cidade principal que permita locomoção fácil para as propriedades rurais dos associados. A primeira zona tem como sede a Capital, rua Senador Feijó, 30 sobreloja, e ficará a cargo do Dr. Celso Meireles que atenderá Itapicica, Santos, Jundiaí, Piracicaba, Bragança, Tatuí, Botucatu, zona Sorocabana até Norte do Paraná. A segunda da zona a cargo do Dr. João S. Muniz, com sede em Campinas à rua Coelho Neto, 50, compreenderá as seguintes cidades: Itú, Itacy, Itatiba, Cabras, Souza,



REVISTA DOS CRIADORES

REDACÇÃO: RUA SENADOR FEIJÓ, 30 - 1º ANDAR
TELEFONE 2-8260 - SÃO PAULO



ANO XIX

JULHO 1948

Nº 6

Diretor Responsável:

LUIZ A. PENNA

Redator:

DR. PASCOAL MUCCIOLO

Colaboradores especializados
Indústria de Laticínios:

DRS. FIDELIS ALVES NETTO e

JOSÉ DE ASSIS RIBEIRO

Engenharia Rural:

DR. LAERCIO OSSE

Avicultura

DR. HENRIQUE F. RAIMO

Alimentação:

DR. BRENNO M. DE ANDRADE

Veterinária — Clínica Geral:

DR. NOÉ MASOTTI

ASSINATURA

1 ano	Cr.\$ 60,00
2 anos	Cr.\$ 100,00
3 anos	Cr.\$ 150,00
Assinatura sob registro postal, mais Cr.\$ 6,00 por ano.	
Numero avulso em todo o Brasil, Cr.\$ 6,00. Numero atrazado mais Cr.\$ 1,00 por ano.	

AS OPINIÕES EXPENDIDAS EM ARTIGOS ASSINADOS CORREM POR CONTA DE SEUS AUTORES.
NA TRANSCRIÇÃO DE ARTIGOS PEDE-SE CITAR O NOME DA "REVISTA DOS CRIADORES"

Representante e
correspondente no
RIO DE JANEIRO

OCTAVIO DE ALBUQUERQUE

Rua da Quitanda, 17 2.º — Tel. 32-2619

Venda Avulsa:

DISTRIBUIDORA INTERNACIONAL LTDA.

Caixa Postal, 3542 — RIO DE JANEIRO

Correspondente e representante para as Republicas do
Uruguai e Argentina:

ROLF MEYERHEIN

Granja Elisabeth, Colonia Valdense, Republica do Uruguai

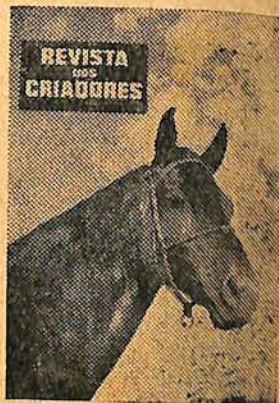
///
Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.
Desejamos estabelecer canje com revistas similares. On
désire établir échange avec les revues similaires. We
wish to establish exchange with all similar reviews.

**REVISTA
DOS CRIADORES**
órgão oficial
da Associação Paulista
de Criadores
Bovinos

NOSSA CAPA

nossos fazendeiros para as lides campeiras por ser um animal docil, marchador e de grande resistencia fisica. A cabeça que ilustra Nossa Capa é de "ESTALINGRADO", um puro sangue da criação dos herdeiros do Sr. Antonio Junqueira Franco, de Colina, onde vamos encontrar uma das mais antigas e afamadas criações de Mangalarga. Atualmente "ESTALINGRADO" está servindo o plantel do Dr. Heitor Gualberto de Oliveira

UMA CABEÇA DE MANGALARGA
— De todos os cavalos de sela
é o Mangalarga o preferido pelos





O Artigo de seu interesse estará aqui ?

PAGINA

- 1 — Serviço de Assistência Veterinária da A. P. C. B. — mais uma iniciativa da Associação em benefício de seus associados.
- 2 — Nossa Capa — uma cabeça de Mangalarga
- 4 — A pecuária no mês — O Serviço de Fiscalização do Leite — Peste Suína — A questão da imigração — Reprodutores zebús — A questão da carne — O problema do gado matogrossense — Alimentos essenciais à avicultura — As safras de milho, arroz e feijão e pelas regiões agrícolas do Estado.
- 32 — O boleto — sua importância — Dr. Carlos A. Frontini
- 33 — Plano Salte - a produção leiteira na Bahia - Dr. José de Assis Ribeiro
- 36 — Formulas para aumentar a duração dos mourões de cerca — um punhado de formulas muito boas.
- 47 — X Exposição-Feira Agro-Pecuária e Industrial de Juiz de Fora — Inauguração — Semana Ruralista — Desfile — Concurso Leiteiro — Comissões Julgadoras — Encerramento. — Paulo Feijó
- 61 — A organização dos Serviços de Controle Leiteiro no Estado de S. Paulo — Normas para a execução do controle leiteiro "Inicial". — Dr. Fidelis Alves Netto.
- 64 — Bruceloses animais — um mal que está se disseminando entre os nossos rebanhos e causando grande prejuízos — Dr. Mario D'Apice.
- 67 — Temperatura e humidade na incubação artificial dos ovos de perúas — da perfeita combinação destes dois fatores depende da produção economica dos peruzinhos — Dr. Henrique F. Raimo.
- 69 — "Tristeza bovina" — como se transmite e metodos de "premunição" — Dr. Renato Lopes Leão.
- 73 — Erros de julgamento no cavalo de tiro — os cavalos defeituosos devem ser eliminados — Dr. Angelo Sala.
- 75 — Professor H. Valée — um benfeitor da veterinária — Dr. J. J. Carneiro Filho.
- 77 — Doce de leite — um produto preparado com leite integral — Dr. José de Assis Ribeiro
- 81 — A bôa vaca leiteira — as fazendas de um país são as suas maiores fábricas — Hug G. Pelt.
- 83 — Receituária prático — Esterco artificial — Esterco de curral — O esterco deve ser encarado como fertilizante ou corretivo? — Estimulante genético — Emulsão de petroleo — Esmeril — Essencia de flores — Esterilidade dos animais — Extrato de fumo — Eletricidade — Ebulição — Dormideira — Dores — Defluxo — Denti-fricio — Destilação da madeira — Desinfecções — Eucaliptos — Aplicações do eucalipto e variedades aconselhadas — Xarope de maçãs — Licor de maçãs — Vinho ou sidra de laranjas — Aguardente de laranjas e Creme de laranjas.
- 83 — "Recordes" do Controle Leiteiro da A. P. C. B. — Quadros de Honra
- 95 — Serviço de Controle Leiteiro da A. P. C. B. — acompanhe por aqui, o valor destas vacas.
- 102 — Cotações dos Produtos Lácteos — movimento do mês de Junho
- 104 — Cotações do Mercado de Carne — mês de Junho.

A Pecuária no Mês

- O Serviço de Fiscalização do Leite.
- Peste Suína
- A questão da imigração
- Reprodutores zebus
- A questão da Carne
- O problema do gado matogrossense
- Alimentos essenciais à avicultura
- As safras de milho, arroz e feijão
- Pelas regiões agrícolas do Estado

Um dos assuntos mais importantes surgidos na imprensa nestes últimos dias é, sem duvida, aquele referente ao Departamento do leite da Municipalidade de S. Paulo. Como já é do conhecimento publico, em atenção à Lei Orgânica dos Municípios, todo o serviço de fiscalização do leite, até agora efetuado pelo Estado, passará para a alçada exclusiva das Prefeituras.

Em S. Paulo, a Camara Municipal organizou uma comissão encarregada de estudar o assunto e que conta com os seguintes nomes: Elvenar Castilho de Barros, Pedro Fanganiello, Janio Quadros, Waldemar Teixeira Pinto, Lauro Monteiro da Cruz e Pedro Brasil Bandecchi. As demarches já vão adiantadas, tendo mesmo já entrado em discussão o ante-projeto que orientará o futuro serviço do leite da Prefeitura. Naturalmente que em matéria de legislação propriamente técnica pouco ou nada há que fazer, de vez que o Estado já oferece uma estrutura regulamentar que conta com alguns anos de vida, a par de uma experiência não desprezível no assunto. Entretanto, a questão administrativa de organização do novo departamento, como preencher os cargos, a quem confiar o timão do Serviço que velará pela saúde dos municípios, isto tudo é que tem causado alguns sobressaltos.

Por exemplo, surgem as preocupações, muito naturais, de discutir a quem devem ser endereçados os cargos de chefia. E, a este proposito, lendo

o ante-projeto, ficamos perplexos ante a incoerência de um legislador que, não abarcando o teor da matéria a ser transformada em lei, dá privativamente, aos medicos o cargo de chefia do futuro Departamento do leite. Com isso, podemos afirmar que continuamos, como a decenios passados, a remediar nossos males pelo avesso. Ora, si a ciência evoluiu e já existe uma carreira universitaria destinada a cuidar de todos os assuntos referentes aos animais e seus produtos, porque não entregar a quem de direito a chefia do Departamento do leite? Como um atestado publico de nossa ignorancia, persistimos ainda em palmilhar a época de doutores e bachareis, dos "fac-totum" do nosso progresso, sem compreendermos que já foi inaugurado o período das especializações em que se enterraram os chamados "enciclopedistas". Mas a verdade nua e crúa é que no Brasil ainda se acredita que, "quem pode o mais, pode o menos" como ouvimos, em certa ocasião, de então alta autoridade de nossa administração publica. Pela logica vesga, si um medico cura o homem, com muito mais propriedade, curará um animal. Não poderia haver maior ignorancia e mostra mais cabal de insensatez.

A chefia do Departamento de Leite da Prefeitura deve caber a um veterinario, legalmente habilitado e que tenha cursado uma das Escolas oficiais do País. A Universidade de S. Paulo, ber-



UM POR TODOS, TODOS POR UM

Uma das finalidades da A. P. C. B. é a de atender os criadores nos seus problemas e dificuldades que diariamente se apresentam em suas fazendas. Esses problemas não são poucos. Ora são rezes que morrem repentinamente, ora se quer mudar o atual sistema de criar ou apurar mais a raça que se cria. São ainda problemas sobre alimentação que surgem. Construções a se fazerem. Maquinas a se comprarem e assim por diante. Só mesmo uma organização com diversos especialistas nos variados ramos da exploração animal é que poderá resolver esses assuntos. Daí existir um DEPARTAMENTO DE ASSISTENCIA TÉCNICA DA A.P.C.B., onde por uma carta ou uma prosa acompanhada de um gostoso cafezinho você poderá resolver seus mais intrincados problemas.

Em 1947, a A. P. C. B. recebeu 13130 cartas de consultas e 11.002, em 1948. Não se esqueça de quão útil lhe pode ser a A. P. C. B. e procure desfrutar essas vantagens expondo nos seus problemas.

BANCO DO BRASIL S. A.

RUA ALVARES PENTEADO, 112 — SÃO PAULO

COBRANÇAS - DEPÓSITOS - EMPRÉSTIMOS - CAMBIO - CUSTÓDIA - ORDENS DE PAGAMENTO - CRÉDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL - CARTEIRA DE FINANCIAMENTO

TAXAS DAS CONTAS DE DEPÓSITO:

Populares

(limite de Cr\$ 10.000,00) .. 4 1/2% a. a.;

Limitados

até Cr\$ 50.000,00 4% a. a.;

até Cr\$ 100.000,00 3% a. a.;

SEM LIMITE 2% a. a.

Depósitos a Prazo Fixo:

12 meses... 5% a. a. — 6 meses... 4% a. a.

Depósitos de Aviso Prévio:

90 dias .. 4% a. a. — 60 dias... 4% a. a.

30 dias 3 1/2% a. a.

Contas a Prazo Fixo, com pagamento mensal de juros:

6 meses 3 1/2% a. a. — 12 meses 4 1/2% a. a.

DIREÇÃO GERAL e AGÊNCIA CENTRAL:

Rua 1.º de Março, 66 — RIO DE JANEIRO

END. TEL. "SATELITE" — Agências em

todas as Capitais dos Estados e principais

praças do País. Correspondentes nas prin-

cipais praças do País e do Exterior. Agên-

cias no Exterior: Assunção (Paraguai) e

Montevideu (Uruguai).

Agências localizadas no Est. de São Paulo:

Andradina - Araçatuba - Araguaçu - Ara-

quara - Assis - Avaré - Bariri - Bar-

retos - Baurú - Bebedouro - Botucatu -

Bragança Paulista - Cafelandia - Campinas

- Catanduva - Chavantes - Duartina -

França - Itapetininga - Itapira - Ituverava

- Jaboticabal - Jaú - Limeira - Lins - Ma-

rília - Matão - Mirassol - Mogi das Cruzes

- Monte Aprazível - Nova Granada - Novo

Horizonte - Olímpia - Orlandia - Peder-

neiras - Piracicaba - Pirajú - Pirajuí -

Pirassununga - Presidente Prudente - Pro-

missão - Rancharia - Rib. Bonito - Ribeí-

rão Preto - Rio Claro - Sta. Cruz do Rio

Pardo - Sto. Anastacio - Santo André -

Santos - São João da Boa Vista - S. José

dos Campos - S. José do Rio Pardo - S.

José do Rio Preto - Sorocaba - Taquaritin-

ga - Taubaté - Tupã - Valparaíso - Votu-

poranga.

A PECUÁRIA...

go inconteste do ensino superior em nossa terra, conta entre seus institutos com uma Faculdade de Veterinária onde se ministram conhecimentos especializados de anatomia, fisiologia e patologia animais, além das cadeiras essenciais e indispensáveis a formar técnicos devotados ao estudo dos animais economicamente úteis e de seus produtos destinados ao bem estar da humanidade. Ora, si apenas as Escolas de Veterinária possuem em seu "currículo" escolar uma cadeira exclusivamente destinada ao estudo da inspecção, conservação, tecnologia e manipulação dos produtos alimentícios de origem animal, está claro que só os veterinários podem desempenhar tais funções. Tanto essa afirmativa é certa que o proprio governo, regulamentando a profissão veterinária pelo decreto federal 23.133 de 9 de setembro de 1933, considera as funções de fiscalização de produtos animais como privativas do profissional veterinário. Mas, se isso não bastasse, era preciso que se atendesse para o fato de que só quem conhece a saúde dos animais, a sua produção, manutenção, desenvolvimento, enfim a criação, pode conhecer os seus produtos.

Tirando aos veterinários, num verdadeiro gesto de usurpação e injustiça, a oportunidade de exercerem a sua profissão, não haverá necessidade dos governos despenderem tantas e tantas verbas em manter Escolas da Veterinária, posto que as Escolas de Medicina se incumbiriam de fornecer os técnicos de que a nação precisa para todos os ramos da biologia.

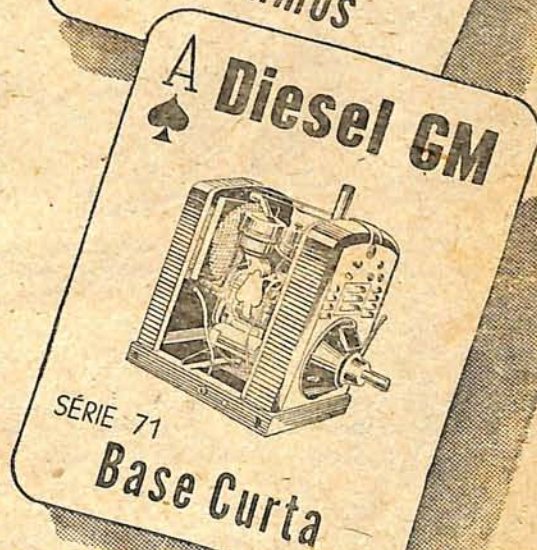
Incontestavelmente, a Veterinária é uma profissão nova no Brasil onde, nem por força de lei conseguiu ainda um lugar ao sol. No campo da clínica dos animais, polulam pelo interior e mesmo nas Capitais charlatões de toda a ordem a receitar mesinhas ou a preconizar absurdos tratamentos profiláticos, ludibriando crédulos pecuaristas e desacreditando os verdadeiros profissionais. Agora, no setor da inspecção dos produtos alimentícios de origem animal que em todo o mundo civilizado está entregue a veterinários, surgem também arrivistas de ultima hora para tentar a escalada. Certamente que este estado de cousas nada mais representa senão o reflexo da desorganização que nos assoberba e que transparece orginarmente quando ninguém conhece o lugar que lhe compete. E, assim, teimamos em não seguir os bons exemplos de outros países que conseguiram progresso moral e economico graças a uma esplendida organização, em que cada individuo está habilitado para exercer determinadas funções com eficiencia e segurança.

Cumprindo os dispositivos da Lei Organica dos Municipios, na parte referente à fiscalização de

REVISTA DOS CRIADORES



4 Azes



Quatro unidades de primeira escolha... Quatro azes consagrados pela marca Diesel da General Motors, para as mais variadas aplicações. Os motores Diesel GM são de 2 ciclos, o que significa um aproveitamento máximo de energia, além do que são também compactos, econômicos, fáceis de transportar, proporcionando a força requerida no local necessário, de imediato e com inteira segurança. Verifique como um Motor Diesel GM da Série 71 pode oferecer-lhe maiores lucros em seus negócios — Visite o concessionário mais próximo ou escreva-nos pedindo detalhes especiais.

DIESEL GM

a força
moderna

PRODUTO DA GENERAL MOTORS

Para maiores informações mande este coupon hoje mesmo à
GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

Caixa Postal 200-B - São-Caetano - São Paulo - Dept. E

Estando interessado na aquisição de um Motor Marítimo/ Gerador de Força/ Diesel GM Industrial/ pegos-lhes enviar-me sem compromisso da minha parte o folheto explicativo.

NOME

CIDADE RUA

GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

A PECUÁRIA...

produtos alimentícios de origem animal entrou o referido Departamento, devidamente autorizado pelo sr. secretário da Agricultura em entendimentos com a Prefeitura da Capital tendo em vista a transferência dos serviços de inspeção da produção e do beneficiamento do leite e derivados para a sua Secretaria de Higiene.

Nessas condições dentro em breve passará à esfera de ação da Prefeitura todo o serviço de inspeção às Usinas da Capital, bem como a produção de leite do município, assim como as atividades referentes à inspeção das fábricas de subprodutos e derivados da carne.

A inspeção das Usinas de beneficiamento do leite no interior também está sofrendo alterações, pois, a partir de 31 de maio último, o Departamento suspendeu a fiscalização nas Usinas de pasteurização de leite localizadas em algumas cidades do inte-

rior, cuja produção é destinada ao exclusivo abastecimento do município e cuja inspeção de acordo com as disposições da Lei Organica dos Municípios, Lei n. 1 de 18-9-47, constitui atribuição privativa das respectivas Prefeituras.

São as seguintes as cidades cujos estabelecimentos já se encontram naquelas condições: Campos do Jordão, Bragança Paulista, Sorocaba, Itapetininga, Piracicaba, Rio Claro, Limeira, Campinas, Araraquara, Marília, Lins e Araçatuba.

* * *

Os técnicos da produção animal do Ministério da Agricultura vêm-se dedicando à tarefa de combater à peste suína, em cooperação com os governos e especialistas do Estado do Rio, Minas, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo notícia publicada pelo "O Globo", pode-se ter uma ideia aproximada dos trabalhos efetuados contra a devastadora doença que, no Rio Grande do Sul, grassa nos municípios de Três Pas-

sos, Santa Rosa, Palmeira e Montenegro, estando no mesmo trabalhando, além dos profissionais do Ministério, 30 veterinários da Secretaria da Agricultura e vacinadores contratados. Em Santa Catarina continua grave a situação, causando acentuadas baixas no Vale do Rio do Peixe, em Videira, Caçador e Joaçaba, tendo surgido novos focos em outras zonas. No Paraná continuam a ser feitas, em grande escala, as vacinações de animais, sobretudo no setor sul, que está sob a responsabilidade direta do Ministério da Agricultura. Em S. Paulo a situação se tem normalizado. No Estado do Rio, a peste vem sendo combatida em Petrópolis e Vassouras. Em Minas Gerais grassou em varios pontos e está sendo levada a efeito a revacinação dos municípios da zona triangulina. A Inspetoria Regional de Belo Horizonte produziu, no aludido período, 46.764 doses de vacinas e seus funcionarios vacinaram 28.807 porcos, trabalharam em 113 fazendas, localizadas em 33 municípios.

De dezembro a março a Divisão de Defesa Sanitaria Animal do Ministério da Agricultura distribuiu 1.714.834 doses de vacina contra a peste suína pelos Estados do Sul.

* * *

Já por diversas ocasiões nos referimos aqui à decantada questão da imigração de braços para a



Nenhum criador joga fóra propositadamente o leite que produz em sua fazenda — porque leite é dinheiro proveniente de trabalho contínuo e penoso.

Já pensou, entretanto, em quantos latões de leite o senhor desperdiça simplesmente porque deixa de os produzir?

Lembre-se de que para produzirem com eficiência e economia as vacas leiteiras exigem uma *alimentação racional* — farta, rica e bem equilibrada.

As "RAÇÕES CONCENTRADAS BRASIL" são cuidadosamente calculadas para a obtenção do máximo rendimento dos seus animais, conservando-os fortes e sadios.

Experimente-a hoje mesmo e nunca mais deixará de usa-la.

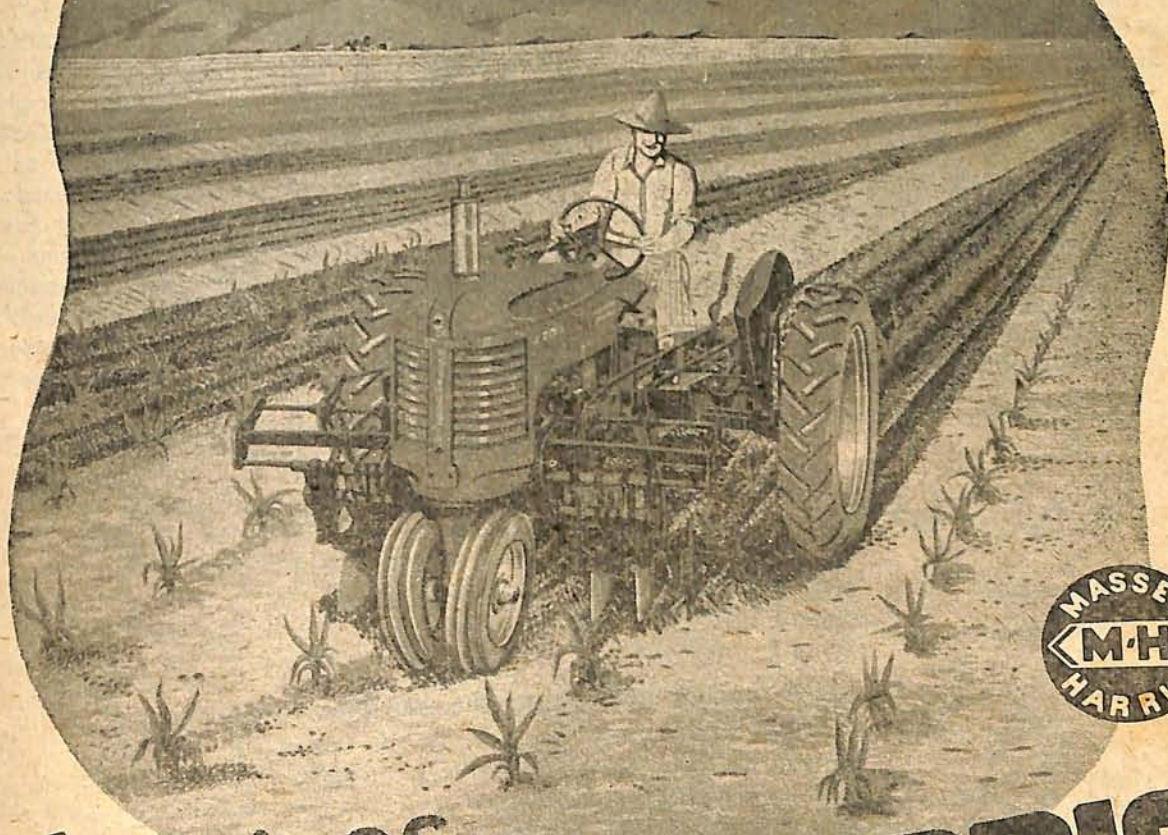
(Resp. Brenno M. de Andrade, eng.-agro.)

Produto da Refinadora de Oleos Brasil S/A
Rua Xavier de Toledo, 114 - Caixa Postal, 1117
São Paulo



MECANIZE

sua lavoura com



Máquinas

MASSEY-HARRIS

1847-100 ANOS DE EXPERIENCIA-1947

DISTRIBUIDORA DE
EQUIPAMENTOS PARA LAVOURA, INDÚSTRIA E TRANSPORTE "E.L.I.T." LTDA

RUA GROTA FUNDA, 224

(FÁBRICA STUDEBAKER)

C. POSTAL, 232-B - S. PAULO

A PECUÁRIA...

lavoura e agora voltaremos à carga cientes de que nunca será demais repetir que na matéria o Brasil tem tido uma política verdadeiramente desastrosa. Houve tempos em que a imigração, a cargo dos serviços estaduais, funcionava regularmente engrossando as fileiras daqueles estrangeiros que procuravam a nossa lavoura como termo de viagem.

Nesses tempos, zonas agrícolas e cidades cresciam da noite para o dia com a chegada de grandes levas de trabalhadores e uma ansia de trabalho e de progresso se notava em toda parte. Com a guerra começou o declínio, que, aliás, quanto à imigração alemã e italiana já se verificara muito antes do conflito, por força de medidas dos governos então dominantes na Alemanha e Itália.

Terminada a guerra, com as primeiras possibilidades de reinício de imigração recebemos os chamados "deslocados", em número de 5.000 todos constituídos de industriários ou comerciantes e essa primeira experiência não agradou porque os resultados para a lavoura foram nulos. Daí para cá não conseguimos acertar o passo em matéria de imigração a despeito da existência permanente de um Conselho incumbido da tarefa. "O Estado de

S. Paulo", de 17 de junho, comentando o fato assim finaliza seu oportuno editorial":

"Enquanto isso, a Argentina, que não contava com a mesma simpatia e facilidade para organizar sua corrente imigratoria, firmou contratos principalmente com a Espanha e a Itália e vai atraindo ao seu território os melhores elementos no momento existentes no continente europeu. Muitos milhares já chegaram à Argentina no ano passado, e agora, só nos primeiros quatro meses do ano em curso, chegaram 33.000 imigrantes, entre homens, mulheres e crianças. Cerca de um terço foi selecionado por técnicos argentinos de imigração na Itália e 22.098, ou seja: 66,25%, são imigrantes que ali chegaram por meio de "cartas de chamada". Só no mês de abril entraram na Argentina 8.535 imigrantes, dos quais 4.072 escolhidos pelos inspetores argentinos. Mas mesmo assim o governo argentino ainda está tomando providências para selecionar melhor o pessoal que chega e a "Comisión de Encauzamiento y Recepcion de Imigrantes", conforme noticiam os jornais de Buenos Aires, inaugurou recentemente, no porto de Buenos Aires, uma estação sanitária com o fito de evitar a entrada de imigrantes com defeitos físicos que diminuam sua capacidade de trabalho ou portadores de molestias infecto-contagiosas. A estação, dotada do mais mo-

VACINAS:

- Contra a febre aftosa (Leivas Leite)
- Contra a peste suína Cristal Violeta
- Contra a Brucelose
- Contra a Batedeira (pneumo enterite dos leitões)
- Anti-rábica
- Contra a Cinomose
- Contra o garrotilho
- Contra a peste da manqueira

dos melhores laboratórios veterinários do país

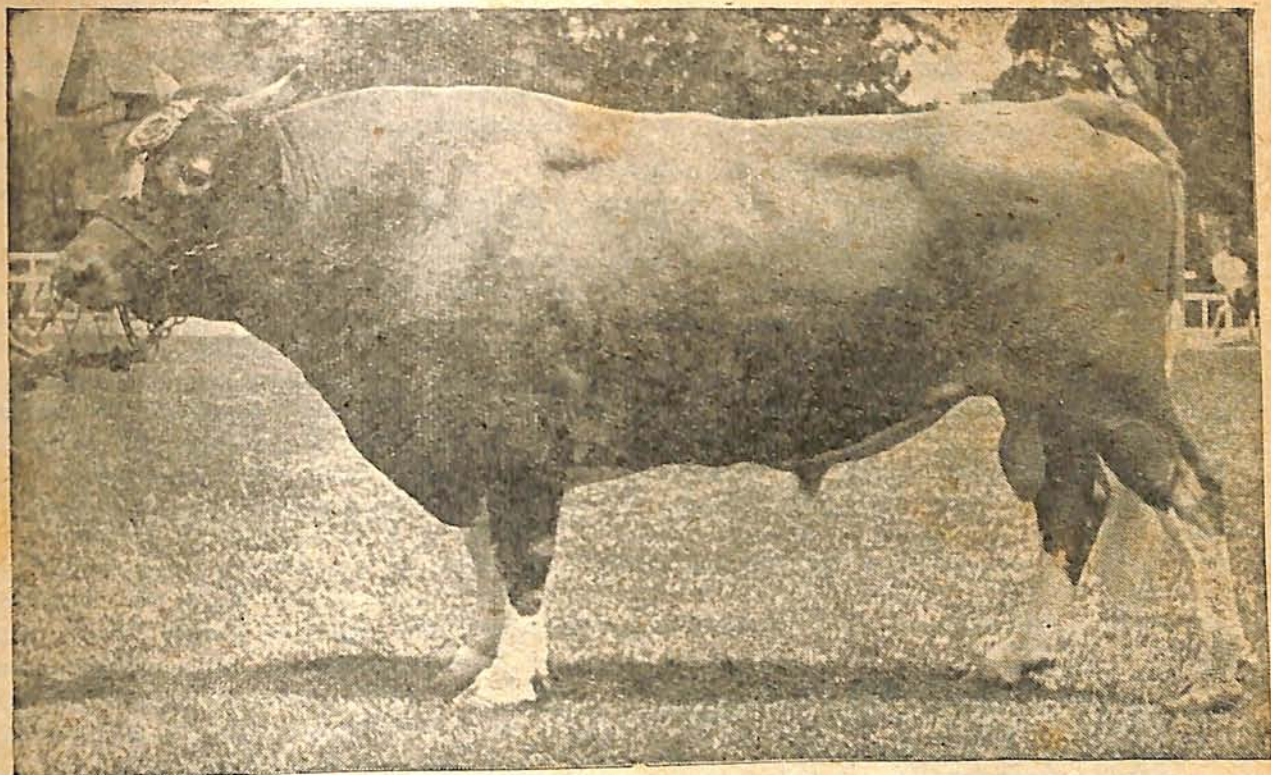
A SERINGA VETERINÁRIA "ZARA"

é a melhor

Dotada de vidro PIREX neutro e resistente. Não tem arruelas de borracha
SOLIDA — DURAVEL — PRÁTICA e EXATA

Prods. Vets. ZOOFARMA

Rua Cristovão Colombo, 63, 1.º and. — Tel. 2-6634 e 3-4298



SALVEMOS NOSSOS REBANHOS

O Brasil pode hoje se orgulhar, perante o mundo, de estar em primeira linha como produtor de gado selecionado e de alta classe.

Como bons brasileiros, cabe-nos a grata obrigação de zelar por este patrimônio nacional, de fama universal, cercando nossos rebanhos dos mais carinhosos cuidados e defendendo-os contra toda e qualquer ameaça.

Entre os perigos que perseguem nosso gado, destaca-se o carrapato, transmissor de moléstias de graves consequências, que suga impiedosamente seu sangue e inutiliza seu couro, acarretando sérios e irreparáveis prejuízos.

O CARRAPATICIDA F. Q., contendo em sua fórmula DDT e ROTENONA, em alta concentração para se dissolver em água, extermina totalmente os carrapatos e imuniza os animais durante 20 a 30 dias.



Pulverizadores SPRAYER

Para uma aplicação prática e econômica, use Pulverizadores Sprayer, de custo reduzido e cuja ação é de notável eficiência.

Carrapaticida FQ



FQ-6

Leva a garantia da
FONTO-QUÍMICA S. A.
Rua Caetano Pinto, 129 - Cx. Postal 4789 - São Paulo



A PECUÁRIA...

dermo aparelhamento, está em condições de receber até 10 mil imigrantes por mês e de radicá-los nas diferentes zonas agrícolas do país.

Mas quem se dá ao trabalho de avaliar melhor o tipo de imigrante que a Argentina está recebendo, nota que chegam também grandes grupos destinados a trabalhos de estradas de rodagem, a serviços em fábricas de aviões, a trabalhos especializados em viti-vinicultura, à mecanização da lavoura etc. Mas há também gente mais selecionada e, há poucos dias cerca de 52 técnicos e engenheiros de aviação ali chegaram para trabalhar numa fábrica da provincia de Cordoba. Mais recentemente, até mesmo um dos maiores cientistas, com um grupo de seus colaboradores, do antigo Instituto de Febre Aftosa de Grienswald, na Alemanha, também ali chegou para colaborar nas pesquisas do

"Instituto Nacional de la Fiebre Aftosa", do Ministerio da Agricultura. E' desta forma que a Argentina vai resolvendo o problema da imigração e, portanto, o do desenvolvimento economico do país Enquanto isso, que se faz no Brasil?"

* * *

Sob o titulo "Reprodutores zebus" o Diario de S. Paulo, publicou interessante topico sobre as vicissitudes por que passou o gado indiano quando, pela queda brusca de preços no mercado interno, procuraram os criadores patricios negocios nos países das Americas. O acreditado órgão da imprensa paulistana, historia inicialmente as negociações com o Mexico e a superveniencia da epizootia de aftosa que determinou a suspensão da importação, a despeito de se ter provado que o surto nada tinha que vêr com os animais importados. Passando a referir-se às compras feitas pelo Perú diz:

"Agora se procura levar os nossos reprodutores zebus, apesar da enorme dificuldade de transporte, para o Peru; e nada menos de 200 cabeças, constituindo um só lote, acabam de chegar ao país, procedente de Uberaba, no Estado de Minas Gerais, depois de uma prolongada viagem de quatro meses por terra e mar, cruzando territorios brasileiro, argentino e chileno, pois atravessaram a cordilheira dos Andes para embarcar em navios no porto chileno de Valparaiso. Segundo se afirma, os animais chegaram em boas condições, e apenas se verificou uma perda de 16 cabeças que morreram porque, por engano, lhes foram ministrados alimentos que procediam de campos tratados com arsenico para combater os gafanhotos. Esses primeiros animais levados, em caráter experimental, por conta e risco do sr. Afranio Azevedo, encontram-se agora na Estação Experimental Zootecnica do governo peruano, em Eten, onde estão sendo vendidos aos criadores locais. O exito dessa exportação para o Peru levou alguns criadores brasileiros a organizarem com peruanos uma sociedade para levar 1.000 vacas e 100 touros das raças Gir, Nelore e Guzerath que serão criados no Perú para mestiçagem com o gado nacional, de modo a permitir o desenvolvimento da pecuaria peruana, visando a-



É a média de produção de uma boa galinha. Para alcança-la, e médias ainda mais elevadas, é preciso que as aves encontrem em sua alimentação todos os nutrientes necessários, em quantidade e qualidade, não só para a manutenção do seu corpo como para produzir ovos.

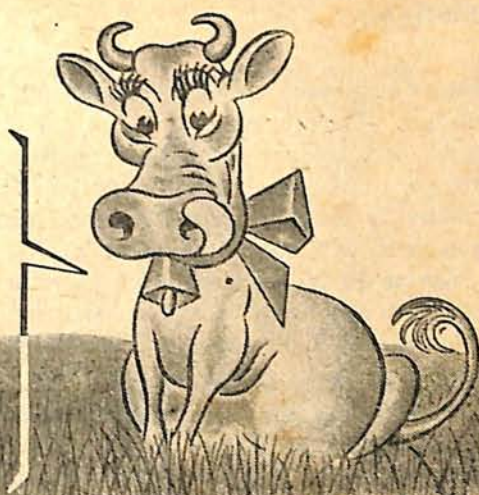
As "Rações Concentradas Brasil" garantem o fornecimento desses nutrientes.

(Resp. Brenno M. de Andrade, eng.-agro.)

Produto da Refinadora de Oleos Brasil S/A
Rua Xavier de Toledo, 114 - Caixa Postal, 1117
São Paulo



QUE PASTOS BONITOS!
Tambem pudéra! foram
formados com



Sementes Novas

DE ALTO VALOR GERMINATIVO

Vendidas sob o Contrôlo do Serviço de Fiscalização e
Comércio de Sementes da Secretaria da Agricultura

SOJA

FORRAGEIRA

Plante esta leguminosa rica em
proteínas, substituta da alfafa e
do farelo de algodão. Indis-
pensável nas fazendas de cria-
ção.

Quilo Cr.\$ 3,50

CAPINS PARA PASTO

Para quantidades superiores a 1.000 quilos,
FAZEMOS PREÇOS ESPECIAIS

Catingueiro Roxo Francano	Quilo Cr.\$ 2,50
Jarguá, colhido no cacho	Quilo Cr.\$ 3,00
Jarguá, colhido no chão	Quilo Cr.\$ 2,00
Cabelo de Negro	Quilo Cr.\$ 3,50
Colonião	Quilo Cr.\$ 5,50
Rhodes (Cloris)	Quilo Cr.\$15,00

REFLORESTAMENTO

EUCALIPTOS DAS VARIEDADES SEGUINTE:

Saligna	Quilo Cr.\$ 100,00
Teriticornis	Quilo Cr.\$ 80,00
Alba	Quilo Cr.\$ 100,00

CORTE E FENAÇÃO

Capim colonião	Quilo Cr.\$ 5,50
Capim Rhodes (Cloris)	Quilo Cr.\$ 15,00
Soja forrageira	Quilo Cr.5 3,50

ADUBAÇÃO VERDE

FEIJÃO MUCUNA PREÇOS A CONSULTAR

Em sacos de 60 quilos
FEIJÃO DE PORCO

CERCAS E COMBUSTIVEL

NOGUEIRA BRASILEIRA

Semente oleosa e combustivel

Para cercas vivas, cortinas protetoras e sebe
Até 100 sementes Cr.\$ 0,15 cada
De 101 a 999 sementes Cr.\$ 0,12 cada
Para milheiro ou mais Cr.\$ 0,10 cada



ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
RUA SENADOR FEIJÓ, 30 - S/LOJA - SÃO PAULO

A PECUÁRIA...

bastecer a população com carne suficiente durante todo o ano. O Peru, como o Chile, a Bolívia e o Paraguai, costumava receber da Argentina reprodutores para o desenvolvimento zootécnico do país, mas dadas as condições das regiões criadoras, as raças de gado mais fino, como o "Hereford" e "Devon", não se deram bem no país e entraram a definhando; daí a resolução pelos técnicos peruanos de fomentar a criação das raças nacionais em cruzamento com as raças zebuínas.

E' ainda cedo para se presumir do êxito da nossa exportação de reprodutores para o Peru; cumpre-nos todavia registrar a iniciativa como prova de arrojo da nossa gente que procura assim encontrar mercados para gado de corte rustico, de que já possuímos grandes rebanhos, dos melhores fora do seu país de origem. Ao que se sabe, há negociações para estender o envio de reprodutores a outros países americanos, tal como se fez para o Peru; sendo de notar que para este ultimo país já se prevêem este ano envios no valor de cerca de vinte milhões de cruzeiros. Não há quem não deixe de fazer votos para o êxito de tal iniciativa, mas os nossos criadores e negociantes não devem esquecer a experiência mexicana e tomar todas as pre-

cauções para que tal não se reproduza, pois viria comprometer irremediavelmente as novas tentativas de exportação de bovinos para qualquer outro país".

Cada vez mais o problema da carne se complica. Há poucos dias foi a noticia da liberação que, publicada por toda a imprensa paulistana, sacudiu a opinião publica determinando alarme sem conta. E' que houve confusão em interpretar o termo. Liberação para os açougueiros em fazer suas compras dos marchantes mas não liberação do publico em relação aos açougueiros. Em meados do mez de junho a Sociedade Rural Brasileira realizou uma sessão de pecuaria que tratou quase que exclusivamente do problema da pecuaria em Mato Grosso, tendo os representantes dos pecuaristas e dos criadores daquele Estado, presentes à reunião, exposto o seu ponto de vista sobre o assunto. Esse ponto de vista, segundo se constatou, coincide perfeitamente com o pensamento da Sociedade Rural Brasileira, consubstanciado aliás, em memorial enviado ao presidente da Republica, há pouco tempo, conforme sugestões do sr. Fernando Gomes.

Resolveram, afinal, após os debates, que as entidades rurais de S. Paulo e Mato Grosso enviem memorial ao presidente da Republica, ao ministro da Fazenda, ao ministro da Agricultura, além de di-

LYSOSULFIN

VETERINÁRIO
Sulfamidoterapia

INDICAÇÕES Faringites, pielites, pneumonias, mastites, adenites (garrotilho dos cavalos) etc., pneumo enterite dos bezerros, diarreia dos leitões, feridas infecciosas, abscessos, queimaduras e abortos.

SOLICITE LITERATURA ELUCIDATIVA

RUA TAQUARÍ, 1338
SÃO PAULO

LABORATÓRIOS LYSOFORM S.A.

RUA LAVRADÓ, 70-A
RIO DE JANEIRO

FILIAL DE PORTO ALEGRE - Rua Cap. Montanha, 113 - Fone 5654



A RAÇÃO DOS CAMPEÕES



MILTONIA-CONGA — Campeã no concurso leiteiro realizado em Belo Horizonte, na XIII Exposição Nacional de Animais, em Agosto 1947, produziu com 40 meses de idade, 97 kilos e 315 gramas de leite, em 3 dias. Esta admirável reprodutora, que é de propriedade do sr. José Ribeiro dos Reis, Leopoldina, Minas, é alimentada com LEITIL, um dos notáveis produtos da SOCIL, a fabrica que produz as melhores rações balanceadas do Brasil.

—/—

RAÇA + SOCIL = SUCESSO

—/—

CRIADOR: Eis um exemplo que deve ser imitado. Gaste um pouco mais com a alimentação e **GANHE MUITO** com a produção. Peça informações e faça seu pedido.

—/—

SOCIL - PRÓ - PECUÁRIA S/A.

Rua do Cortume, 196 (Água Branca)

Fones { 5-0211 Caixa Postal 5013
 { 5-0298 Telegramas "SOCILIL"

SÃO PAULO.

A PECUÁRIA...

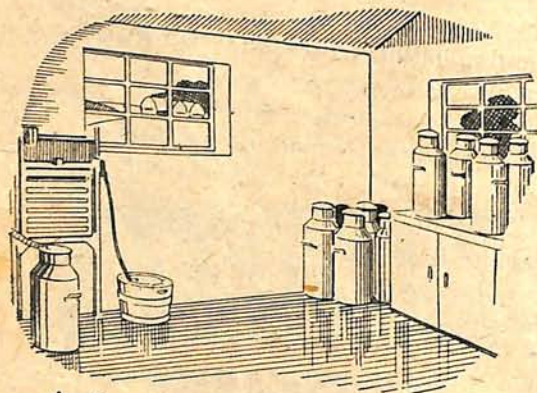
versos deputados matogrossenses à Camara Federal, para que debatam o assunto, no qual se pleiteará o seguinte:

1.º — Liberação absoluta do comercio da carne, inclusive exportação; 2.º — apoiar o trabalho apresentado pelo sr. Fernando Gomes e já entregue à presidencia da Republica, analisando o problema da pecuaria; 3.º — financiamento amplo à pecuaria; 4.º — liberação da matança de vacas; 5.º — revisão dos impostos que são pagos duas vezes.

Em torno do problema do gado matogrossense e da lei que proibe a exportação do gado em pé, contrariando os interesses daquele Estado do Oeste brasileiro, "O Radical" do Rio de Janeiro, em sua edição de 22 de maio estampou a entrevista que lhe concedeu o deputado José Henrique Hastenreiter, lider da maioria na Camara Estadual. Inicialmente aquele parlamentar assim se expressou:

— "Alega a FARESP que o Artigo 5.º daquela lei atenta contra os decretos-leis federais n. 915, de 1.º de dezembro de 1938 e 1.061 de 20 de janeiro de 1939, e que se reveste de forma de bitributação, ferindo mais os Arts. 27 e 19 da Constituição Federal. Essa tecla já foi repetida em todos os jornais do Rio, São Paulo e Mato Grosso, pela Federação das Associações Rurais de S. Paulo, sem que, entretanto, a reclamação tenha a menor razão de ser.

— A legislação federal citada, junto da vontade soberana da ditadura, feita com fundamento no Art. 180 da Constituição de 1946, que, longe de criar imposições aos Estados no tocante à decretação dos seus impostos, deu-lhes força para bem dispor de suas fontes de renda. Também inconstitucionalidade não há na lei n. 16 do Estado de Mato Grosso. O art. 5.º estabelece apenas que todo gado que sair do Estado será considerado como revendido para efeito do pagamento do imposto sobre vendas e consignações. Onde está a dupla incidência desse imposto, se só o Estado o adota, por força da Constituição?



A MANEIRA MAIS PRÁTICA E ECONÔMICA
PARA MANTER SUAS CONSTRUÇÕES RURAIS
LIMPAS E HIGIÊNICAS E' COM

A APLICAÇÃO DE NEVECEM

NEVECEM protege o exterior da sua construção
contra chuvas e intempéries, dando-lhe, ao mesmo
tempo, uma aparência vistosa

Aplicada internamente NEVECEM aumenta o reflexo da luz de 20% no mínimo e proporciona o máximo de higiene, pois pode ser lavado repetidamente.

NEVECEM não descasca nem esfarela.

NEVECEM é o acabamento ideal para fabricas de manteiga e queijo, postos de resfriamento de leite, estabulos modernos, silos e para a impermeabilização de banheiros de gado, etc.

NEVECEM

Cobertura decorativa e impermeavel
A' venda nas côres: branco, creme e cinza prateado. Peça folheto descritivo aos

DISTRIBUIDORES:

WILSON SONS & CO. LTD.
Rua Barão de Paranapiacaba, 64-76 SÃO PAULO



PRODUTOS VETERINÁRIOS

O INSTITUTO PINHEIROS
(Caixa Postal, 951 - São Paulo)

tem o prazer de comunicar aos Senhores Veterinários, Fazendeiros e Farmacêuticos, que está iniciando o lançamento de uma grande série desses produtos.

Os primeiros já a venda são:

- SULFAGUANIDINA:** tubos de 10 e vidros de 100 comprimidos de 0,60 g.
VACINA CONTRA MANQUEIRA: ampolas de 10 cm³ e frascos de 100 cm³
SÔRO ANTI-TETÂNICO: ampolas de 20 cm³
VACINA CONTRA BRUCELOSE: ampolas de 20 cm³ e frascos de 100 cm³
VACINA ANTI-RÁBICA: ampolas de 5 e de 10 cm³ e frascos de 100 cm³

Dos dois últimos, por serem os seus prazos de validade relativamente curtos, o Instituto Pinheiros não manterá grandes estoques, atendendo, entretanto, a qualquer pedido dentro do prazo mínimo necessário ao preparo dos mesmos que, assim, serão sempre fornecidos com absoluta garantia de atividade máxima.

Brevemente o Instituto Pinheiros apresentará outros produtos veterinários de grande eficácia, como: **Terнерina** (Buco-Vacina contra diarreia infecciosa dos bezerros), **Stilbestrol**, e, ainda, **Vacina Contra a Boubа Aviária**, **Vacina Contra a Peste Suína**, etc..

Quaisquer consultas sobre os mesmos bem como sobre as doenças dos animais domésticos, serão prontamente respondidas pelo Departamento de Veterinária.

Pelo sistema de reembolso postal, o Instituto Pinheiros atenderá diretamente a todos os pedidos de seus produtos, quando não encontrados na localidade de residência do solicitante.



RACÕES BALANCEADAS "FERREIRA"



INDÚSTRIA - SÃO PAULO - BRASILEIRA

LISTA DAS RACÕES "FERREIRA"

Para gado leiteiro	L-3
Para muares	M-C-1
Para Potros	M-C-2
Para Aves	A-V-1 e A-V-2
Para Suínos	S-1 e S-2
Para bois	B-1 e B-2

ADUBOS

Adubos em geral
para hortas e jardins
Algodão, Arroz, Milho,
Batata, Fumo e mais
culturas como, planta-
ções de arvores frutíferas.

PEDIDOS A'

J. FERREIRA APARICIO

Rua Dr. Moacyr Troncoso, 128 - Tel. 52-1015

Rua Libero Badaró, 314, s|18 - Tel. 2-8842

SÃO PAULO

A PECUARIA...

— Nem o Art. 27 da Constituição Federal foi infringido. O Estado pela lei n. 16 não criou imposto novo de transito ou barragem, não estabeleceu limitações ao tráfego de gado e nem quis dificultar o comércio de um dos seus principais produtos. O que ele fez foi estabelecer mais fiscalização sobre um objeto de comércio que, pela sua natureza própria de transporte — a pé —, se esvaia do Estado, sem o pagamento do imposto devido. Aliás, não há nenhuma inovação nisso. O Código de Tributos do Estado (Decreto-lei numero 296, de 1.º de agosto de 1939), já estabelecia que para efeito de tributação, consideram-se vendas e consignações as transferencias de mercadorias para outros Estados, a esses fins destinados.

— Uma portaria da Secretaria de Estado de Mato Grosso, porém, pôs abaixo essa fiscalização e, os pecuaristas interessados, querem, agora, revogá-la para continuar prejudicando o Estado e o Povo matogrossense.

A verdade, porém, é esta: — existe um pequeno grupo de fazendeiros do Estado, verdadeiros latifundiários, que fazem sistemática oposição ao Governo honrado do dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, e que procuram subverter a ordem que há muito tempo foi ali implantada. Interessada na confusão, e mais ainda, na sonegação de impostos que reverteriam em beneficio do Povo, esse grupo, astuciosamente, vem querendo criar um impasse em torno de uma cobrança fiscal, tão trivial.

— O lamentavel é que o sr. Iris Meinberg, Procurador do Estado de São Paulo e prestigioso elemento de destaque politico, tenha se prestado a fazer o jogo dos adversários do governo de Mato Grosso, contribuindo para o menor progresso daquele Estado. Fala-se até que a lei n. 16 virá prejudicar a compra de gado matogrossense. E' mais uma falsa alegação dos magnatas e dos politicos inescrupulosos que se saciam na miseria do povo. Os campos de Mato Grosso estão abarrotados de gado, não faltando nunca um pretexto para que ele não seja adquirido.

— Os pantanais matogrossenses não estão repletos de feras, como erradamente se propala. Ali existe um rico rebanho bovino que daria para abastecer toda a população brasileira. A FARESP e os frigorificos estrangeiros, melhor do que qualquer departamento estatístico, sabem disso.

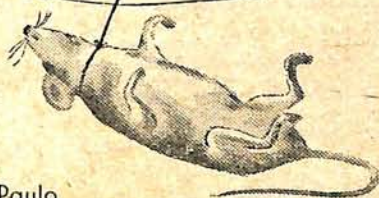
A cobrança do imposto de vendas e consignações sobre o gado que sai de Mato Grosso, nada tem de ilicito ou de inconstitucional. Haja visto a maneira com que foi recebida pela quase totalidade dos pecuaristas, excetuando-se apenas meia



QUANTO lhe custa um rato?

Ninguém se preocupa com tais detalhes aparentemente insignificantes. Mas, na verdade, os vorazes roedores causam prejuízo de milhões de cruzeiros. Eliminá-los em massa é economia segura. Com **Antufon** V. poderá exterminar os ratos em sua propriedade, pois esse novo e poderoso raticida contém substâncias de grande poder tóxico que provocam a sufocação dos ratos, matando-os irremediavelmente.

Antufon



Leva a garantia da
FONTO - QUÍMICA S. A.
Rua Caetano Pinto, 129
Caixa Postal 4789 - São Paulo

Como usar Antufon

O simples contato com Antufon, a base de Antu, é fatal aos roedores, não sendo, porém, tóxico ao homem, nem lhe irritando a pele.

● - Aplicando-o até formar espessas camadas, nos lugares frequentados pelos roedores. Faça com que Antufon esteja sempre onde possa estar um rato.



● - Pulverizando-o em finas camadas sobre pedaços de banana, doce, queijo, etc., e colocando essas iscas variadas ao alcance dos ratos.



● - Expondo nos prováveis caminhos dos ratos, latinhas rasas, cheias de água pulverizada na superfície com Antufon.



À venda nas casas
do ramo



At-1

S. S. publicidade

A PECUÁRIA...

duzia de latifundiários, com os quais fez côro a FARESP. Os fazendeiros matogrossenses, patriotas sinceros e amantes daquele vasto rincão, esses compreenderam logo que o Art. 5.º da lei n. 16, visava justa e benéfica arrecadação para o Estado e, ao mesmo tempo, a moralidade administrativa de inescrupulosos contribuintes que, buscando evasivas em leis e atos, muitas vêzes conseguidos incautamente, tudo faziam para prejudicar o erário publico, o que redundaria em contribuir para o estacionamento do Estado. O que causou estranheza, também, foi a FARESP se investir contra o Governo de Mato Grosso, "exigindo" a revogação daquele dispositivo, quando a Assembléia Legislativa que o decretou se acha em férias e sem que seja da competência do Executivo revogá-lo, mormente, quando tal disposição parte de entidade estranha ao Estado e sem apoio legal.

A lei n. 16 é plenamente constitucional e precisa ser respeitada, em constante vigilância, por

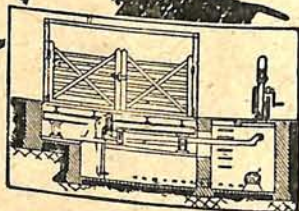
consultar aos interesses do meu Estado e também do laborioso povo matogrossense. De Corumbá, o mais rico Municipio do Estado, primeiro produtor do gado bovino, não partiu uma voz sequer contra um justo ato legislativo procrastinado pela FARESP. No entanto, ali está o maior centro de criadores do Estado — o Centro Criador da Nhecolândia — formado em sua maioria de homens que pertencem a partidos minoritários no Estado. São homens que valem pela grandeza de Mato Grosso e o bem estar de seu povo e não pactuam com o estreito partidatismo politico".

Os produtores continuam a reclamar alimentos essenciais à avicultura e há pouco, em representação que entregou recentemente ao secretário da Agricultura, a Associação dos Produtores de Aves e Ovos do Estado de S. Paulo, fez acusações aos serviços encarregados da distribuição do farelo e farelinho de trigo, sub-produtos de interesse vital para aquele setor das atividades economicas. Desse memorial extraimos o seguinte trecho:

"A questão da distribuição dos subprodutos de trigo é a que exige providencias mais urgentes. A principio confiada ao Departamento da Produção Animal, depois ao Departamento da Produção Vegetal, dessa Secretaria e, agora, inexplicavelmente, à Secretaria do Trabalho, o Serviço de Controle e Distribuição de Farelo e Farelinho de Trigo precisa receber uma orientação certa e segura, pois não podem os avicultores, que dependem desses sub-produtos, ficar na dependência das continuas alterações que se verificam nesse setor. Assim é que esses sub-produtos são distribuidos a pessoas que não são produtores, e falsos sindicatos de granjeiros e a industriais de rações com graves prejuizos para os produtores de aves e ovos. E' constante o fato de que as cotas desses sub-produtos, adquiridos pelos avicultores, mediante guias liberatorias fornecidas pelo serviço oficial, não podem ser entregues por moinhos localizados neste Estado, que alegam a inexistência deles. Acresce

BALANÇAS PARA PESAR GADO

Dispensando o mesmo rigoroso cuidado e a mesma orientação especializada para cada tipo de balança, também os modelos COSMOPOLITA, que se destinam à pesagem de gado e de suínos, apresentam caracteristicos próprios, práticos e eficientes. Mediante indicações de capacidade e dimensões da plataforma tornaremos prazerosamente, orçamentos.



Em ferro forjado e aço especial temperado. Disc. da plataforma, grades e portas, em madeira reforçada com parafusos e tiras de ferro. (Com ou sem aparelho registrador de peso)

Cosmopolita

RUA SAPUCAI, 452

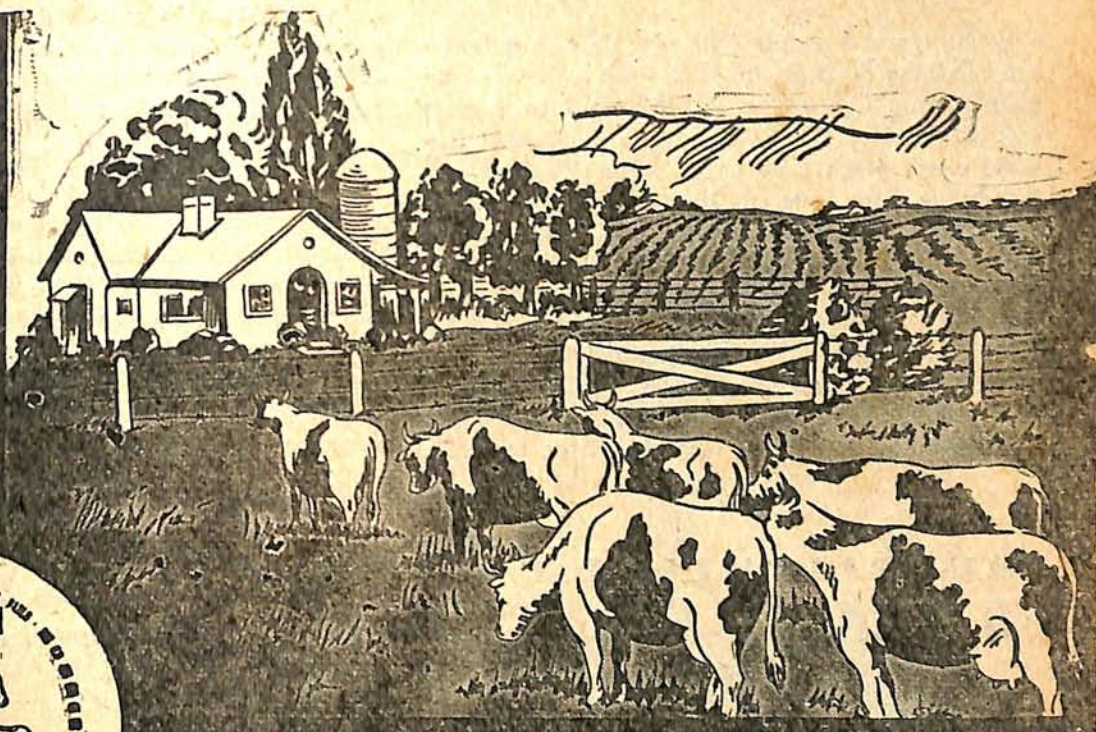
METALÚRGICA



SÃO PAULO

PAULISTA S.A.

Feche
a
porteira
das
doenças
USANDO



SAL INGLEZ

(COMPOSTO)

PINTO BUENO & CIA.

Rua Aurora, 39
S. PAULC

**UNICOS
FABRICANTES**
DO

“E’ APLICADO COM GRANDE PROVEITO PARA A ENGORDA DOS ANIMAIS EM GERAL, E INDICADO COMO TÔNICO RECONSTITUINTE PARA ANIMAIS CONVALESCENTES. AUMENTA A GORDURA EM POUCO TEMPO. DÁ ENERGIA E VIVACIDADE AOS ANIMAIS”.



Nas vacas leiteiras aumenta o leite e facilita a assimilação dos alimentos.

DESPEZA MENSAL DE CR.\$ 0,30, COM A SALITRAÇÃO POR ANIMAL — LUCRO DE CR.\$ 20,00 A CR.\$ 30,00 POR CABEÇA.

DISTRIBUIDORES:

Minas Gerais — Belo Horizonte: —
Rio de Janeiro e Norte do Brasil —

Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais.
Hasenclever & Cia. (Em liquidação) — Campo de São Cristovam, 110 — Caixa Postal, 640.

São Paulo —

Almeida Silva & Cia. — Rua Brigadeiro Tobias, 502.
Drogasil Ltda. — Rua José Bonifacio, 166.
João Jorge Figueiredo S/A. — Rua Miguel Couto, 8.
Elekeiroz S/A. — Rua São Bento, 503.

A PECUÁRIA...

a circunstancia bastante estranha de que o farelo e o farelinho de trigo, que em 1942 custavam respectivamente Cr\$ 4,50 e Cr\$ 5,50 o saco custam hoje Cr\$ 17,00 e Cr\$ 19,00, quando na Capital Federal o seu preço é de Cr\$ 11,00 e Cr\$ 13,00. A farinha de carne, que em 1942 custava 400 cruzeiros a tonelada, vem sofrendo continuo aumento no preço, que ainda há pouco foi majorado de mais 300 cruzeiros, custando agora a 2.700 cruzeiros a tonelada. A farinha de trigo só é obtida a 2.500 cruzeiros a tonelada. A proposito da soja diz a Associação de classe que, apesar das safras terem sido grandes, não conseguem os produtores obter a torta, sub-produto que desapareceu do mercado,

só se podendo atribuir esse fato à exportação. E, após consideração acerca da necessidade de criação de uma comissão de avicultura, apresenta a Associação de Produtores de Aves e Ovos as seguintes reivindicações:

"1.o) — fazer-se por intermedio da Secretaria da Agricultura, pasta mais competente para promover as medidas necessarias ao amparo e incentivo animal no Estado, o serviço de controle e de distribuição do farelo e farelinho. Enquanto tal providencia não se efetive, solicita a entidade providencias junto à Secretaria do Trabalho, no seguinte sentido: a) — controle efetivo na produção dos sub-produtos e residuos de trigo pelos moinhos deste Estado; b) — tenha a avicultura

prioridade na aquisição desses subprodutos e residuos, imprescindiveis na alimentação de aves e na produção de ovos; c) atribuir à Associação dos Produtores de Aves e Ovos do Estado de São Paulo o encargo de distribuir os subprodutos e residuos de trigo aos avicultores paulistas. Essa medida se justifica pelo fato de representar a entidade de cerca de 80 por cento da produção avicola do Estado, pois dela fazem parte, alem dos produtores individuais, as cooperativas, que tambem se dedicam à produção de aves e ovos; d) — seja estabelecida a paridade de preços dos subprodutos do trigo entre S. Paulo e a Capital Federal, na base maxima de 11 e 13 cruzeiros o sacco de farelo e farelinho de trigo, respectivamente, 2.o) — impedir-se a exportação de farinha de carne e de farinha de figado, pelos frigorificos, ou, pelo menos, estabelecer-se uma cota desses residuos para os avicultores e distribuida por intermedio da entidade de classe; 3.o) — impedir-se a exportação de torta de soja.

MUNDIALMENTE CONHECIDO: O MANUAL MAIS COMPLETO... ...até hoje editado na America Latina!

6

CAPITULOS
SOBRE:



BOVINOS



EQUINOS



SUINOS



OVINOS



COELHOS



CAES



AVES

2ª edição
AUMENTADA!...

autor: JOÃO BRUNINI



TUDO O QUE
INTERESSA AOS
CRIADORES
NA DEFESA
DOS ANIMAIS

COM

408 páginas
170 gravuras
285 textos

BROCHURA DE LUXO CR.\$ 50,00
ENCADERNAÇÃO DE LUXO CR.\$ 80,00

A venda em todas as
Livrarias do Brasil

OU DIRETAMENTE
Uzinas Químicas Brasileiras S/A

CAIXA POSTAL, 74 — JABOTICABAL — E. S. PAULO

Atendemos pedidos pelo reembolso postal

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS
Rua Senador Feijó, 30 — São Paulo

A ordenhadeira "SURGE"

é
PREFERIDA
porque é
PRÁTICA



Em 1947, quase mais um milhão de vacas, em todo mundo, receberam benéficos resultados de serem ordenhadas com a SURGE, a única máquina de ordenhar que satisfaz todas as exigências do produtor de leite.

- 1** O moderno produtor de leite EXIGE, hoje, u'a máquina de ordenhar fácil de manejo, que ordene por completo e com rapidez...sem ajuda do operador.
- 2** EXIGE u'a máquina de ordenhar que seja fácil de limpar e esterilizar em poucos minutos.
- 3** EXIGE u'a máquina de ordenhar que seja segura para suas vacas, e cujos insufladores não possam subir no fim da ordenha e absorver uma parte do úbere.

A ordenhadeira SURGE satisfaz todas estas exigências...é fácil de manejar... ordenha com rapidez assombrosa e por completo, sem ajuda de quem a maneja. O tempo economizado na hora de ordenha não é, depois, perdido na hora da limpêsa e esterilização... É segura para as vacas porque o peso do leite, que cai no balde da máquina, não permite que os insufladores subam e cortem o fluxo do leite no fim da ordenha, quando o úbere está quase vazio.

AS vantagens da SURGE se traduzem em **MAIOR RENDIMENTO... LEITE MAIS LIMPO... ÚBERES MAIS SADIOS... MENOR CUSTO... MAIORES LUCROS.**



BABSON BROS. CO.
2843 W. 19th St., Chicago 23, Ill., E. U. A.

DISTRIBUIDOR

CIA. FABIO BASTOS, COMÉRCIO E INDÚSTRIA

RIO DE JANEIRO — Rua Teófilo Otoni, 81
SÃO PAULO — Rua Florêncio de Abreu, 367

BELO HORIZONTE — Rua Rio de Janeiro, 367
PORTO ALEGRE — Av. Julio de Castilhos, 36

A PECUÁRIA...

PELAS REGIÕES AGRÍCOLAS

Segundo dados colhidos na Secção de Previsão de Safras da Secretaria da Agricultura, a produção de arroz, milho e feijão, durante o período de 1943-48 foi a seguinte no Estado:

Anos	Sacras de 60 kg		Sacras de 50 kg	
	Milho	Feijão	Arroz	em casca
1943	20.480.418	3.291.395	12.369.025	
1944	18.975.948	2.953.910	12.039.840	
1945	18.387.836	2.592.322	13.901.990	
1946	26.634.000	2.226.000	15.452.770	
1947	19.629.782	2.311.763	10.715.666	
1948 (est. de maio)	17.746.125	2.252.000	12.379.936	

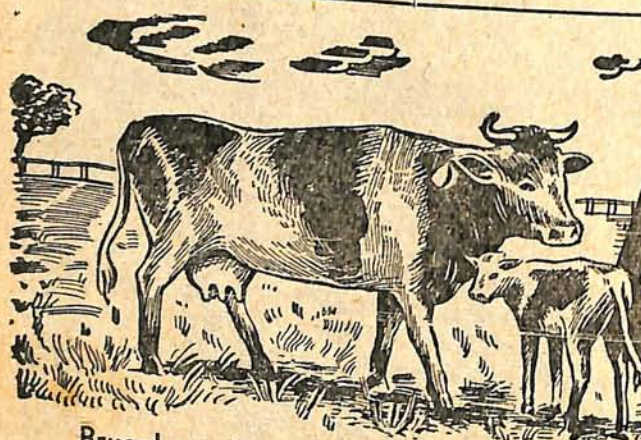
Como se vê, tivemos um máo ano cerealífero: com um deficit de arroz, de milho e de feijão.

ARAÇATUBA — BIRIGUI — PENAPOLIS — VALPARAÍZO — ANDRADINA

BOVINOS — Em virtude da seca reinante as pastagens sofreram muito e o gado não se apresenta em muito bom estado de carnes. O gado leiteiro não se ressen-te tanto devido às rações concentradas, cuja distribuição tem sido grande.

SUINOS — Grande é a luta pela obtenção de alimentos devido à falta absoluta dos mesmos e o preço alto do milho, Cr.\$ 800,00 o carro e o farelo a Cr\$ 1,20, o quilo.

AVICULTURA — Falta de alimentos a par de preço altíssimo. Penapolis conta com 40 granjas inscritas na "Casa da Lavoura", com 35.660 cabeças de galinhas de raça. Araçatuba, conta com uma granja com a capacidade para 1.500 aves.



**EVITE O ABORTO
INFECCIOSO EM
SEUS REBANHOS**

Brucelose do bovino significa aborto infeccioso, o aborto infeccioso alastra-se rapidamente no rebanho e impede a reprodução, a falta de reprodução do rebanho representará um tremendo prejuízo na sua economia de criador. Sendo moléstia incurável, só lhe resta uma solução: EVITÁ-LA. E, felizmente, você o pode fazer, aplicando uma vacina de alta confiança e resultados seguros:



VACINA CONTRA A BRUCELOSE "VITAPEC" (AMOSTRA B-19)

Peça literatura completa para:

PRODUTOS VETERINARIOS VITAPEC LTDA.

Rua Pamplona, 817 - Tels.: 3-4139 e 3-4130 - S. Paulo



A Solução do seu problema pode estar num destes livros...

Pedidos à

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES



CRIAÇÃO

	Volume Cr\$
Manual do Criador de Caprinos	15,00
Bovinos das Raças Indianas — Dr. Celso de Souza Meirelles	20,00
Como Criar Bezerros — Dr. Celso de Souza Meirelles	2,50
Obstetricia Veterinária — Dr. René Strunard	25,00
Manual do Criador de Bovinos — Prof. Nicolau Athanassof (4.a Edição)	120,00
Principais Característicos da Boa Vaca Leiteira — Hugh G. Van Pelt	10,00
Manual do Criador de Suínos - (4.a Edição) Prof. Nicolau Athanassof	40,00
O Zebú — Prof. Paulino Cavalcanti	20,00
A Pecuária Cearense e o seu melhoramento — Prof. Octavio Domingues	20,00
A Criação de Caprinos — Alberto Alves Santiago	15,00
Pequeno Manual do Criador de Caprinos — Walter Ramos Jardim	15,00
Como Amansamos nossos Cavalos — João Francisco Diniz Junqueira	30,00
O que todos Criadores devem saber — Eurico Santos	25,00

LEITE E LATICÍNIOS

Fabricação de Queijos — M. L. Arruda Behmer	20,00
Instrução e Projetos de Fábricas de Laticínios — M. L. Arruda Behmer	15,00
Industrialização da manteiga	20,00
Material de Laboratório para exame de Leite e Derivados — Otto Frensel	10,00

CONTABILIDADE E ORGANIZAÇÃO

Livro para Registro de Gado Bovino — Em duas Partes — A primeira para escrituração e controle geral do gado existente na fazenda e a segunda para o registro individual de cada animal	180,00
--	--------

Volume
Cr\$

Livro de Controle, com 24 folhas para o gado existente, na fazenda e controle da produção de leite	35,00
--	-------

AVICULTURA

Conjunto de Lições sobre Criação de Galinhas, Patos, Marrecos, Gansos, Perús e Coelhos — Volume ricamente encadernado com 386 paginas	50,00
Perús, Patos, Marrecos e Gansos e sua Criação	10,00
Pintos de Um Dia (2.a Edição)	12,00
Os Perús — Tradução e Adaptação — J. Reis — Criação e aproveitamento	15,00
Marrécos e Patos — Tradução e adaptação de J. Reis	12,00
Incubação dos Ovos de Galinha — Trad. e adaptação de J. Reis	15,00
Criação de Galinhas — J. Reis	18,00
Doenças das Aves — J. Reis	40,00

DIVERSOS

Arboricultura Frutífera — H. Pinto Cesar	35,00
Construções Rurais — Prof. Orlando Carneiro	160,00
Silo Econômico — Finalidade e instr. para construção de um silo subterrâneo	3,00
Principais Forragens para o Estado de São Paulo — Brenno M. de Andrade	5,00
Reflorestamento — Mansueto Kosciński ..	15,00
Indicador Terapêutico Veterinário	8,00
Manual Prático do Enxertador - Heitor Pinto Cesar	15,00
Bibliotéca Popular de Higiene — Dr. Sebastião Barroso — Coleção de 27 volumes	54,00
Floricultura — J. S. Decker	20,00
Horticultura — João S. Decker	15,00
El Maiz (Em Castelhana)	25,00
Pescarias Fluviais no Brasil — Do Sr. Amazonas de Aragão	25,00
Caçando e Pescando — 1.a série — Mato Grosso e Goiás — Francisco de Barros Junior	40,00

Para remessa, sob registro, pelo Correio mais Cr\$ 5,00 por volume.

TRABALHAMOS COM O SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Os associados gozam de desconto de 10% sobre os preços desta lista.

**CAMPINAS — AMPARO — MOGI-MIRIM —
CAPIVARI — ITU — JUNDIAÍ**

BOVINOS — As pastagens continuam ressecadas com a falta de chuvas e a produção leiteira em Campinas estacionou nos 22.000 litros diários. Está faltando o farelo de algodão, pois apesar de se terem liberado 450.000 quilos, durante o mês, este farelo ainda não chegou devido o atraso no transporte rodoviário. Em Amparo, espera-se para breve a instalação de uma fábrica de queijos, de propriedade dos Srs. M. Vituzzo & Irmãos. Em Itú, foram liberados 50.000 quilos de farelo de algodão e 400 sacos de farelo de trigo. Em Mogi Mirim, a "Casa da Lavoura" distribuiu 120.000 quilos de torta e está distribuindo 880 sacos de farelo e farelinho de trigo.

SUINOS — Prossegue a vacinação contra a "peste suína". O porco está sendo cotado a Cr\$ 180,00, a arroba.

AVICULTURA — Continua em franca ascensão o progresso neste ramo de exploração. Em Campinas foi iniciado o levantamento das Granjas para que possam melhor atender os avicultores no fornecimento de alimentos. É digno de se salientar os trabalhos executados na Fazenda "Paraíso",

em Itatiba, pelo Sr. Luiz Emanuel Bianchi. Cerca de 80.000 galinhas estão sendo criadas pelos métodos mais modernos. A criação mais intensiva é a de frangos híbridos com as raças Plymouth Barreda e New Hampshire. Existem instalações isoladas com capacidade para 45.000 pintos, que são criados no mesmo local até ficarem frangos, em 90 a 120 dias.

**S. PAULO — MOGI DAS CRUZES — S. ROQUE
— SOROCABA — SANTOS — BRAGANÇA
PAULISTA — REGISTRO**

BOVINOS — Agrava-se a situação dos pecuaristas pela falta de farelo e farelinho de trigo e a torta de algodão. As pastagens acham-se em plena florada, portanto, fracas para alimentação; outros alimentos possíveis de substituição ao farelo, somem da praça ou aumentam excessivamente de preço.

**ARARAQUARA — TAQUARITINGA — NOVO
HORIZONTE — S. CARLOS — ITAPOLIS —
IBITINGA**

BOVINOS — Região em que predomina a exploração leiteira, ha entretanto, boas invernadas

**Modernização
das Fazendas
Para grande
produção**

Consultem a

Pereira de Magalhães & Cia. Ltda.

Importadores de Máquinas Agrícolas e Motores

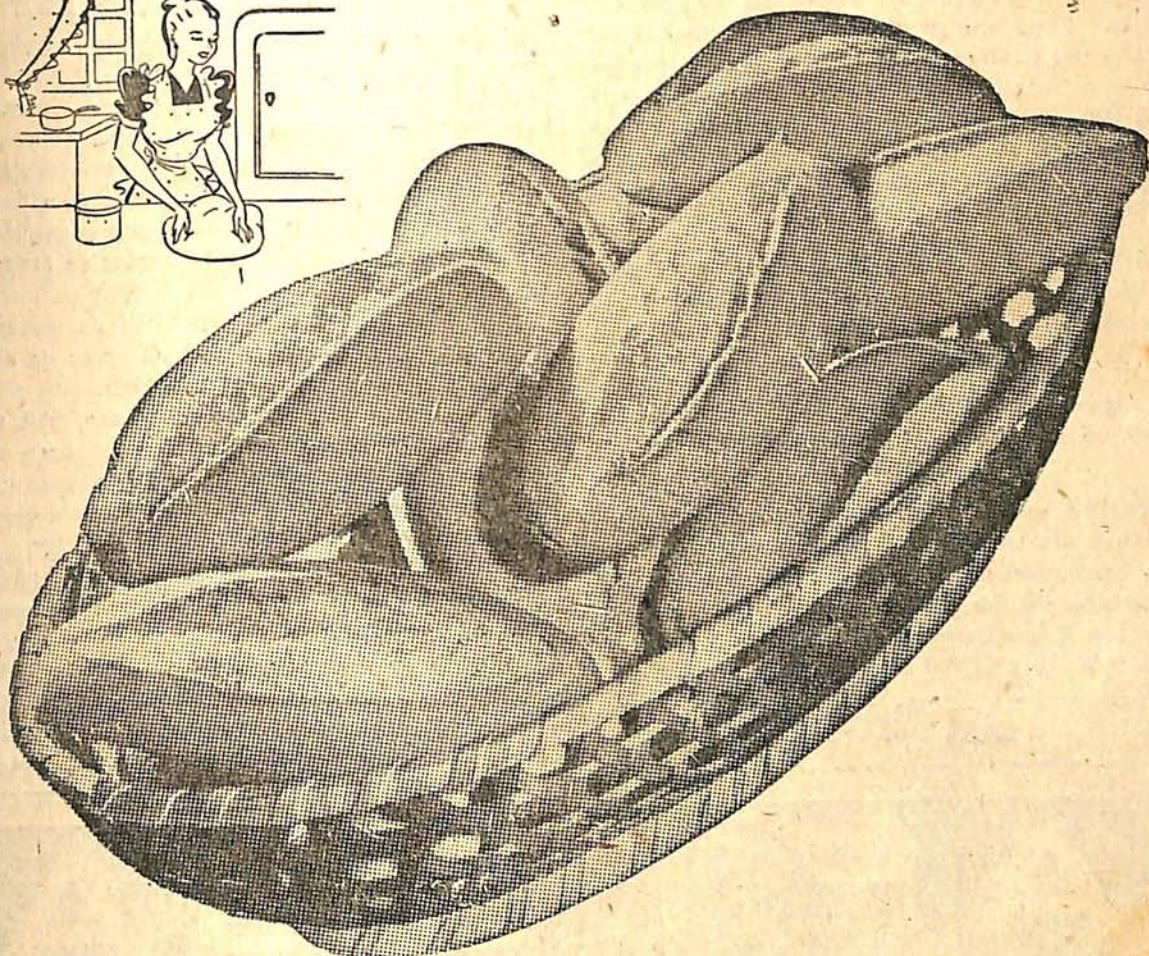
EM ESTOQUE:

Motores Diesel de 5, 7, 9, 12, 16, 20, 30, 40, e 60 HP.
Tratorzinho para pequena lavoura.
Tratores maiores para grandes lavouras.
Arados, Semeadeiras, Grades de discos importadas de fabricantes da California.
Batedeiras e Debulhadeiras de Cereais acionados no campo para Trigo, Aveia, Centeio, Arroz, Feijão. Colheideiras, Batedeiras, Enfardadura e Limpadura de Amendoim.

PRECISANDO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS, CONSULTEM O NOSSO DEPARTAMENTO AGRÍCOLA RELACIONADO COM EE. UU., INGLATERRA, SUÍÇA, FRANÇA, ITALIA E TCHECOSLOVÁQUIA PARA IMPORTAÇÃO DE MÁQUINAS.

Rua Duque de Caxias, 715 — Fones: 4-2763 e 3-3461





PARA QUEM GOSTA DE FAZER PÃO EM CASA!

O pão não é apenas uma delícia! É uma necessidade! E, para fazer pão de primeira ordem, criou-se o Fermento Sêco Fleischmann. No volume, na aparência, na textura da massa e no sabor, a qualidade é garantida com o uso do Fermento Sêco Fleischmann. Este famoso produto agora pode dispensar a refrigeração. Um lugar sêco e fresco é o que basta para que se mantenham longamente suas notáveis qualidades! Veja a receita nos dizeres da latinha, que é de 60 grs.

**FERMENTO SÊCO
FLEISCHMANN**

Produto da Standard Brands of Brazil, Inc. - Rio de Janeiro

AGORA

em
econômicas
latinhas
de 60 grs.



com grande numero de cabeças em plena engorda. Com a estiagem prolongada e com a quase absoluta falta de torta na região, decresceu o volume da produção leiteira. As liberações são feitas de distantes pontos de embarque o que encarece muito o alimento e desinteressa os produtores. Continua a transformação de férteis terras de cultura em pastarias. Taquaritinga, por exemplo, que até há poucos meses enviava à Cia. Nestlé, de Araraquara, de 60 a 80 mil litros de leite por mês, está enviando 200 mil litros. Nesta região há muito interesse pelo gado holandês. Em Araraquara, a produção leiteira diminuiu regularmente. A entrega de leite nas usinas foi a seguinte:

Nestlé	Araraquara	189.911	litros
Cia. Paulista Laticínios	"	140.988	"
Laticínios S. José	Rincão	90.109	"
Lact. S. Paulo - Minas	Matão	9.663	"

As usinas continuam pagando Cr.\$ 1,60 o litro e continua grande o interesse pela pecuária leiteira.

SUINOS — Os criadores veem-se preocupados com a escassez de milho, seu preço elevado e com a burocracia da liberação do farelo e torta. A peste suína está em declínio e a vacinação prossegue. Para Araraquara e Matão, estima-se um numero de 26.000 e 13.000 cabeças, respectivamente.

AVICULTURA — São grandes as dificuldades dos avicultores para a obtenção de alimentos para

suas aves. Para se ter uma ideia do que se passa, publicamos algumas linhas do Dr. Milciades Botura, agrônomo regional de Itapólis; "Neste setor, atravessam os interessados, uma época de apogeu, no que diz respeito a preço. Assim é que desde o início do ano, os ovos vêm sendo pagos na base de Cr\$ 10,00, em média por dúzia. O preço parece tentador, e de fato, ovos a esse preço, representam um alto negocio para o produtor, se a postura correspondesse. Entretanto, dado o mau êxito das criações do ano passado, condicionando esse mau êxito à abundancia de chuvas e variações bruscas de temperatura, as aves, ao atingirem a época de mudança de penas, a fizeram de uma maneira impressionante e ainda hoje os efeitos se fazem sentir.

As aves não alcançam o nível de postura que deveriam já ter nessa época. O custo da alimentação cada vez mais alto, principalmente, considerando o milho como alimento básico, pois poucos são os avicultores que o plantam, tornam a avicultura, um negocio aparentemente bom, para um observador alheio e leigo, mas para aquele entrozado no assunto, o negocio não é muito tentador.

Haja visto o fato dos avicultores não dispensarem o devido trato as suas aves e estarem aos poucos se desinteressando pelo negocio; poucos são os avicultores que procederam á encomenda de pintainhos, para reforma de seus rebanhos, quando nos anos anteriores nesta época o entusiasmo era muito grande e já se iniciavam as primeiras cria-

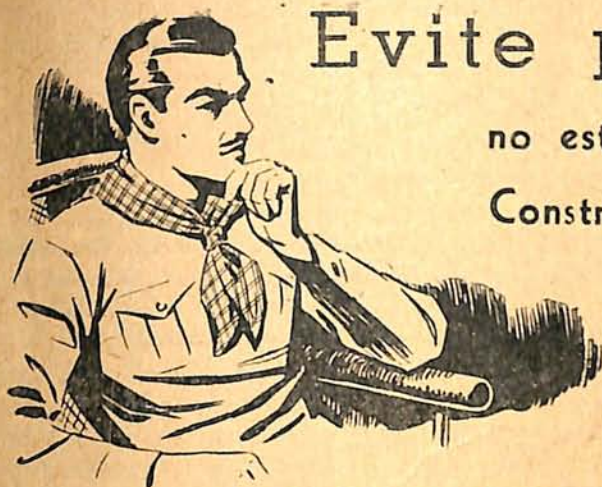
AFTOSA



**SARNA - DIARRÉIA - VERMES - MAGREZA - BOUBA
E MAIS MOLÉSTIAS INTERNAS E EXTERNAS.
ELOGIADO E DISTINGUIDO PELO GOVERNO
FEDERAL — CERTIDÃO N.º 384/1935
MEDALHAS DE OURO
30 ANOS DE ÊXITO — PEÇAM GRATIS O
"GUIA DO CRIADOR"**

INDUSTRIAS J. B. DUARTE S/A - Cx. Postal 1002 - S. Paulo
BENZOCREOL

**CHAGAS — BICHEIRAS (NUMA SÓ APLICAÇÃO SEM IRRITAR
20 GRAMAS (2%) de "BENZOCREOL" num quilo de sal ou de alimento, uma
vez por semana.**



Evite preocupações

no estudo de planos para suas
Construções Rurais

NOSSA EXPERIÊNCIA DE 19
ANOS, INDICA O QUE DE
MAIS PRÁTICO, CÔMODO E
ECONÔMICO ADOTAR

PLANTAS PARA CONSTRUÇÕES RURAIS

PLANTAS

	Cr\$
Cocho Coberto para dar sal ao gado	10,00
Tronco para ordenha	10,00
Banheiro para Suínos	10,00
Estábulo para 60 vacas	20,00
Estábulo Econômico	20,00
Estábulo para 26 vacas	20,00
Estábulo MODELO	20,00
Estábulo para 48 vacas	20,00
Plataforma para banho carrapaticida com bomba de aspersão	10,00
Aprisco para 70 carneiros	10,00
Projeto de uma grande estrumeira	10,00
Projeto de uma pequena estrumeira	10,00
Tipo de pequena pocilga	10,00
Cavalariça mista	20,00
Tronco para apartação de gado	10,00
Paio	10,00
Tronco para cobertura	10,00
Fábrica de Manteiga	20,00
Silo Subterrâneo	10,00
Silo de 130 toneladas	20,00
Silo Aéreo	20,00
Silo de Encosta	20,00
Projeto de um Silo Econômico	20,00
Projeto de um Rolo de Faca	10,00
Galpão esterqueira	20,00
Cocheira	30,00
Banheiro Carrapaticida	20,00
Tipo de maternidade dupla para 24 suínos ..	20,00

PLANTAS

	Cr\$
Curral	20,00
Currais com apartação e tronco para ordenha	20,00
Abrigo Mixto	10,00

RESFRIAMENTO DE LEITE, ENGARRAFAMENTO E CONSERVAÇÃO ATÉ O MOMENTO DA ENTREGA

Estes projetos contém: planta, cortes, fachadas, esquemas e dados de toda espécie para a construção completa; além de um memorial descritivo do maquinário necessário com todas as especificações técnicas e orientadoras para a instalação.

PROJETOS COMPLETOS (planta memorial)

	Cr\$
Fábrica de Manteiga — Capac. 100 lts.	100,00
Fábrica de Manteiga — Capac. 300 lts.	100,00
Fábrica de Manteiga — Capac. 500 lts.	100,00
Posto de Resfriamento de latões por circulação — Capacidade 200 litros	100,00
Posto de Resfriamento — Capacidade 200 litros	100,00
Posto de Resfriamento — Capacidade 500 litros	100,00
Posto de Resfriamento e Engarrafamento — Capac. 200 litros diários	110,00
Posto de Resfriamento e Engarrafamento — Capac. 500 litros diários	100,00

Os associados gozam do desconto de 20% sobre os preços desta lista

PEDIDOS à

Associação Paulista de Criadores de Bovinos
(EX-FEDERAÇÃO DE CRIADORES)

ções. Esta Regional empenha-se sobremaneira, para que não venham a faltar os farelos de trigo e felizmente, tem encontrado por parte dos Srs. Encarregados da Liberação de Farelo, a maior compreensão e boa vontade e podemos dizer, não ter deixado faltar os referidos sub-produtos do trigo, o que muito tem contribuído e contribue para a formação e conservação dessa exploração. Só medidas protetoras por parte de nosso governo, poderão preservar essa fonte de riqueza e alimentação".

BEBEDOURO — JABOTICABAL — OLIMPIA — BARRETOS

BOVINOS — A seca ocorrida ultimamente tem trazido apreensivos os invernistas, mormente aqueles que até o momento não venderam suas boiadas. O gado invernado, em parte, ainda, não foi colocado no mercado, em virtude da política dos frigoríficos, abstendo-se da compra de bois gordos, suprimindo-se na medida do possível de vacas, carreiros e marrucos. A retenção dos bois gordos nas invernadas, vem prejudicar a entrada de gado magro para engorda para a próxima estação. A chegada de bois magros, encontrando ocupadas as invernadas em virtude de não terem sido retirados os bois gordos, vem embarçar as atividades dos pecuaristas da região. Os bois gordos vão perdendo peso em virtude da seca que atravessamos e os magros não podem ser invernados convenientemente. Tem sido grande a procura de farelo de caroço de algodão por parte dos invernistas, afim de remediar a situação. Esperamos que logo as fábricas forneçam esse subproduto. Também a produção leiteira vem sendo prejudicada com a falta de torta e farelo de algodão.

JAU' PEDERNEIRAS — BARIRI — BROTAS — DOIS CORREGOS

BOVINOS — As pastagens estão boas. As chuvas do mês vieram contribuir ainda mais para seu bom estado. O gado se apresenta em bom estado. Há grande procura de torta por parte dos produtores de leite. A grande distancia entre o centro fornecedor e o consumidor da torta encarece muito o alimento.

SUINOS — O rebanho suíno se ressentia da falta de alimentos, pois o milho está por um preço muito alto. São poucos os casos de peste suína e a vacinação prossegue.

PIRACICABA — TIETE — LIMEIRA — RIO CLARO

BOVINOS — As pastagens se apresentam em estado regular e os invernistas estão mais anima-

dos com os negocios. A produção leiteira decresceu um pouco e Piracicaba continua receber seus 64.127 litros de leite.

SUINOS — A suinocultura mantém-se no mesmo nível, tendo decrescido um pouco o interesse dos criadores.

PIRASSUNUNGA — SANTA RITA DO PASSA QUATRO — MOCOCA — S. JOÃO DA BOA VISTA — S. JOSE' DO RIO PARDO — ARARAS — CASA BRANCA — DESCALVADO

BOVINOS — A falta de chuvas e a temperatura elevada estão determinando uma seca antecipada nas pastagens do setor e já foram notados os seus efeitos na produção leiteira. Queixam-se os pecuaristas, avicultores, etc., contra as dificuldades, e mesmo, a não obtenção de torta e farelo de trigo para os seus rebanhos.

SUINOS — A peste suína continua a causar serios estragos e a vacinação prossegue.

PRESIDENTE PRUDENTE — SANTO ANASTÁCIO — MARTINOPOLIS — RANCHARIA — ARAGUAÇU' — ASSIS

BOVINOS — As pastarias estão mais ou menos boas, tendo havido em certas zonas uma reação consequente das chuvas. As invernadas estão mais ou menos lotadas de gado gordo e os invernistas estão na expectativa de bons negocios.

BOVINOS — Após as funestas consequências da peste suína os criadores estão refazendo suas criações. O milho continua alto e prossegue a vacinação.

RIBEIRÃO PRETO — S. SIMÃO — SERTÃOZINHO — BATATAIS — ORLANDIA — FRANCA — S. JOAQUIM DA BARRA — ITUVERAVA

BOVINOS — Aumenta o interesse dos criadores pela melhoria de seus rebanhos leiteiros, bem como pelo melhoramento das instalações existentes e das rações empregadas.

SUINOS — Está aumentando o numero de criadores de porcos apesar do perigo da peste e da falta de alimentos.

S. JOSE' DO RIO PRETO — MIRASSOL — MONTE APRAZIVEL — TANABI' — NOVA GRANA-DA VOTUPORANGA — CATANDUVA

BOVINOS — As pastagens não estão em bom estado. As invernadas já bastante ressequidas por uma prolongada estiagem que se estendeu da segunda quinzena de abril até a segunda quinzena de maio, pareceram melhorar quando as chuvas verificadas na segunda quinzena de maio, tornaram-nas mais secas e endurecidas com a queda de temperatura que se verificou a seguir.



CONFIANÇA!..

Os medicamentos veterinários U.C.B. pelas suas bases científicas com que são fabricados e a severa crítica a que são submetidos todos os novos produtos, antes de serem oferecidos à venda. Além disto, o cuidado dispensado na preparação de todos os produtos contribuiu para que aumentasse a confiança nos medicamentos U.C.B. na defesa da saúde dos animais.

MEDICAMENTOS
VETERINÁRIOS
PARA



BOVINOS



EQUINOS



SUINOS



OVINOS



COELHOS



CAES



AVES



Alguns dos Insuperáveis e Afamados Produtos U. C. B.

SOHOLINA - Evita a sangria em todos os casos de aguentamento, arejamento e cólicas.

PHENODRAL - o 914 da Pecuária - Para restituir a saúde aos

animais depauperados e convalescentes.

TRISTEZINA - Preventiva e curativa, contra a Pneumo-enterite dos bezerros.

COLARGOLINA - Insuperável na cura do curso de sangue e curso preto.

BENZOPHENOL-AZUL - 100 oje de eficiência na cura de bicheiras, frieiras, aftas da aftosa, umbigo, sapinho de bezerros.

PETRO-LANO - Medicamento de alto valor terapêutico, na cura de feridas antigas, recentes, cortes e etc.

POMADA VITAMINADA MANQUEIRA - Antisseptica e cicatrizante das feridas, antigas ou recentes e umbigueiras.

FOSIRON - Fortificante, recalcificante para animais agitados, depauperados, convalescentes e descalcificados.

PLACENTINA - Em todos os casos de retenção da placenta, partos tumultuosos, cólicas, etc.

SAL DIGESTIVO VITAMINADO - O fortificante dos rebanhos que contem Arsênico, Cálcio, Ferro, Quina, Herva Doce, etc.

FENOSTAL - Vermífugo a base de Fenetiazina. Dispensa dieta e pode ser dado misturado à ração.

FENAZON-AZUL - Contem sulfanilamida e azul de Metileno. Para a cura das diarreias infecciosas e pneumonias.

TIMBOLINA - Parasiticida a base de timbó. Contra pulgas, piolhos, micoins, carrapatos, coceiras e sarnas.

FRIEIRINA INDIANA - Contem iodoformio, sulfato de cobre, ácido bórico e sulfanilamida. Contra feridas antigas, recentes e frieiras.

FARINHA CALCIO FOSFATADA «Saúde» - Recalcificante da mais alta qualidade.

KARABÉ - O medicamento para aves mais usado nos galinheiros brasileiros contra as doenças.

KALCEINO - Fortificante-recalcificante para pintalhos e poedeiras.

Uzinas Chimicas Brasileiras S/A

A ESPECIALISTA VETERINÁRIA

C. POSTAL 74 - JABOTICABAL - E. S. PAULO

Pedidos: ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

Rua Senador Feijó, 30

— SÃO PAULO

O BOLETO —

sua importância

Dr. Carlos A. Frontini.

O boleto é uma articulação de grande movimento, destinada a transformar o esforço em impulso e por outro lado a atuar como amortecedor nos andamentos; portanto, é de grande importância sua observação e conhecimentos de perfeições e defeitos, para a escolha do cavalo destinado ao trabalho ou à reprodução.

CONFIGURAÇÃO — Acha-se situado em seguida à tibia e precede a quartela; apresenta na frente o tendão extensor da falange e atrás dois pequenos ossos — grandes sesamoideos, nos quais se insere o ligamento suspensor do boleto e forma uma especie de polia por onde desliza o tendão flexor do pé.

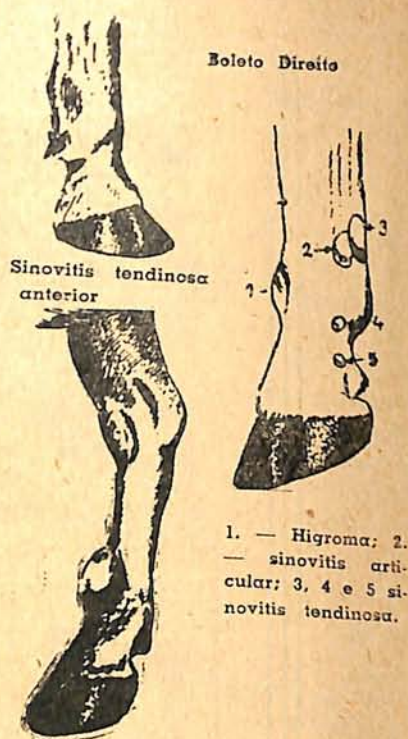
MOVIMENTOS — Todo esforço transmitido pela tibia, subdivide-se no boleto em duas partes: uma que segue a quartela e outra que atua sobre o ligamento suspensor e os flexores da falange. No andar, ao tocar o casco no solo, o boleto baixa, distendendo-se as cordas e os tendões laterais do suspensor e se mantém firme a alavanca da quartela que oscila de baixo para cima. A descida do boleto rapidamente se detem, produzindo uma reação em vir-

tude da qual volta à sua altura primitiva e atua como poderoso amortecedor e mola de impulso.

CONDIÇÕES DE BELEZA E LESÕES — Deve ser largo, enxuto, limpo, convenientemente aberto, isto é, nos casos da tibia ser vertical a quartela deve estar suavemente inclinada. Quando desaparece o angulo entre ambas, diz-se que o animal é direito sobre o boleto, o que é um defeito. O boleto visto de traz ou de frente deve se encontrar no mesmo plano ou eixo do membro.

As feridas ou cicatrizes podem nos indicar certos defeitos ou más conformações de outras partes do membro: quando estão na face interna, diz-se que o animal se corta; estando na face anterior, como consequencia de atritos chama-se ao animal "coroadado do boleto" (debilidade, falta de condições, pisaduras). Outra lesão mole do boleto é o higroma que começa por uma tumefação edematosa e mais tarde se transforma em tumor flutuante ou endurecido, situado na face anterior.

Não se deve confundir com outro tumor igualmente situado



na parte anterior causado pela inflamação sinovial do tendão extensor. Esta dilatação é dupla enquanto que a outra é unica. As dilatações laterais (bexigas laterais) são causadas pela inflamação ou da sinovial ou da bainha sesamoideana. Estas lesões são muito sérias, principalmente as que se dão nas articulações; contribuem para a sua formação as imperfeições anatomicas e os golpes continuos sobre um mesmo ponto.

O desvio do boleto para a frente, comparavel à curva do joelho, qualifica o animal de "direito sobre seu boleto", com a diferença que esse desvio é uma lesão e o boleto direito é um defeito. Quase sempre ele se verifica devido a lesões nos tendões (esforços, tensões) da articulação do boleto ou como consequencia de enfermidades do citado membro: do pé, sobreossos, etc. No membro posterior é quase sempre sintomatico do esparavão.

A produção Leiteira da Bahia

José Assis Ribeiro

Med. Vet.

Constituindo objetivos do Plano SALTE o estudo das condições gerais do País e a proposição de medidas de execução prática, num período quinquenal, nos setores da Saúde pública, da Alimentação, dos Transportes e da Energia elétrica, que podem ser considerados os pontos cardeais das necessidades brasileiras, a produção leiteira baiana foi estudada em suas linhas gerais, visto ela influir na solução de parte dos problemas da Baía.

Na organização dos trabalhos do Plano SALTE, os estudos referentes a leite e derivados ficaram subordinados aos assuntos da "Produção Animal" do setor Alimentação. A comissão incumbida da realização dos estudos sobre leite e laticínios excursionou todo o Nordeste Brasileiro, inclusive a Baía, onde foram realizadas observações que justificaram as explicações e as propostas contidas no Plano, a seguir resumidas.

I — Abastecimento de leite à Capital Baiana

Das grandes capitais brasileiras, sendo a da Baía a mais antiga, é também uma das poucas desprovidas de estabelecimento centralizador do leite de consumo, que funcione como elemento receptor de toda a produção da região leiteira (bacia do Inhambupe), para beneficiá-lo e distribuí-lo, além de industrializar as sobras. A inexistência de uma usina completa em Salvador, que à primeira vista parece constituir-se numa falha, depois de observações detalhadas, apresenta-se-nos como uma vantagem — justamente por facultar a organização de uma empresa em bases modernas, técnica e economicamente, e livre dos vícios e erros que eivam organizações existentes, algumas de há longos anos, em outras Capitais.

O abastecimento em leite à cidade do Salvador é feito por meio de organizações inteiramente particulares. A maior parte do leite consumido provém do Interior (da bacia leiteira do vale Inhambupe), sendo remetido em latões, cru ou pasteurizado, quase sempre congelado, por 6 diferentes usinas, de propriedade de 3 firmas. Essas usinas estão localizadas em Amado Baía (posto de refrigeração), Pojuca, Mata de S. João (Usina Salus) Alagoinha (Usina Ula), Catú (Usina Glória, necessitando reparos), S. Sebastião do Passé e Catuiçara. Várias destas usinas estão em vias de melhoramentos, e, nenhuma delas está preparada para industrialização de sobras.

O volume de leite remetido destas usinas à Capital é em média, 9.000 litros diários, sendo que de algumas procedências, a remessa é diária, quando por rodovia, e de outras, dias alternados, dadas as deficiências do transporte ferroviário, a cargo da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, que traz o leite até à estação da Calçada, no perímetro urbano de Salvador.

Cerca de 6.000 litros são fornecidos, diariamente, por um total de mais de 140 estábulos nos arredores da Capital. Alguns destes estábulos estão muito bem organizados, contando com ótimo plantel de gado Holandês.

Nestes estábulos, lá chamados "vacarias", o gado, em sua maioria, é mantido em regime de estabulação permanente, com duas ordenhas diárias, dando u'a média diária de 10 litros, com teor gorduroso indo de 3,5 a 4,0%.

Uma das vacarias bem organizadas é a de Da. Laura Costa Santos, entusiasta pioneira da pasteurização do leite na cidade do Salvador, proprietária de várias usinas de beneficiamento, no Interior do Estado e maior fornecedora de leite à Capital. Foi de sua proprieda-

de a vaca Dansarina, campeã do 1.º concurso leiteiro estadual, em 1939, dando um total de 48,155 kg de leite em 3 dias, com 3,35% de gordura. A fotografia da ordenha desta vaca durante o concurso tem ilustrado várias publicações em revistas técnicas, como focalizando uma ordenha perfeita.

O leite pasteurizado é distribuído em latões às leiterias, e, o obtido nas vacarias dos arredores da Capital, grande parte sem o menor controle higiênico, é entregue diretamente ao consumidor.

Existe um projeto para a montagem de uma usina-entrepósito na Capital, de iniciativa do Governo Estadual, não estando ainda concretizada a organização que o realizará, nem conhecida a fonte que irá fornecer os meios necessários para a instalação.

Os serviços de controle técnico-sanitário do abastecimento à Capital são regulados pelo Decreto 4.144, de 20-11-925, que aprovou o Código Sanitário Estadual.

Atualmente (fevereiro de 948) as usinas pagam aos produtores de Cr\$ 1,0 a Cr\$ 1,40 por litro de leite. Este é vendido aos intermediários distribuidores de Cr\$ 2,50 a Cr\$ 2,80, os quais entregam ao consumo a Cr\$ 3,00 ou Cr\$ 3,50.

O custo da produção de leite nas vacarias existentes ao redor da Capital é onerado pelo elevado

preço das forragens, das terras, da mão de obra e dos transportes.

Considerando boas as condições apresentadas pelo vale do Inhambupe, para a produção de leite em larga escala, característica que virá confirmar a denominação consagrada àquela região, de "baía leiteira", e, tendo em vista que a Capital Baiana, com sua população superior a 350.000 habitantes tem capacidade para absorver volume de leite 4 ou 5 vezes superior ao atual, e, diante dos melhoramentos dos meios de transporte já iniciados, que ampliará ainda mais as possibilidades de abastecimento de leite, pode-se garantir que uma usina de beneficiamento no Salvador é uma das providências mais acertadas que o Plano Salte deve sugerir, facultando às autoridades baianas e às entidades particulares interessadas os meios de realização.

II — Abastecimento de leite a cidades do Interior.
Si a Capital Baiana é desprovida de instalações de beneficiamento e de controle técnico-sanitário do leite de consumo, muito mais o são as cidades do Interior.

Assim, como no Planejamento Salte foi prevista a solução do abastecimento de leite a cidades com mais de 15.000 habitantes, as quais serão providas de pequenas usinas de beneficiamento, as cidades de Ilhéos, de Itabuna e de Feira de Santana foram incluídas, e possivelmente, em breve sua produção leiteira estará devidamente organizada.

III — INDUSTRIA DE LATICINIOS

A região conhecida como laticinista é a de Conquista, no Sul do Estado, onde existem vários estabelecimentos, alguns produzindo queijos e manteiga de ótima qualidade. Também em Mundo Novo, Jequitibá, Jequié, Feira de Santana, Irará, etc. há fábricas de queijos e manteiga com boa produção.

Infelizmente, não nos foi possível a obtenção de dados concretos sobre o número de estabelecimentos existentes no Estado, nem o total de sua produção, afim de se calcular com exatidão. E' que os serviços de controle técnico-sanitário da indústria leiteira carecem de meios de atuação eficiente. Esta situação, entretanto, é idêntica à dos demais Estados, razão por que o Plano Salte, nas suas sugestões, deixou nitida a necessidade de reorganização dos serviços de inspeção e de orientação tecnológica à indústria leiteira do País, supervisionados pelo Ministério da Agricultura, como base para solução do abastecimento de leite e laticínios às populações.

IV — MEDIDAS SUGERIDAS AO PLANO SALTE PARA A BAÍA:

1.º — Dada a inexistência de uma organização, no Salvador, destinada à higienização do leite de consumo, e, considerando o grande interesse não só de autoridades estaduais (Secretaria da Agricultura) como de entidades particulares (Instituto

"TECMANGAM"

Sulfato de Manganês — $MnSO_4$ — (65%)
Solúvel em água

VALIOSO COMPLEMENTO
DAS RAÇÕES
IMPORTANTE PARA O

CRESCIMENTO

E A

REPRODUÇÃO

BOVINOS, EQUINOS, SUINOS E AVES

AUMENTA A RESISTÊNCIA DO GADO
CONTRA A BRUCELOSE.

PÓDE SER ADICIONADO AO SAL NA
PROPORÇÃO DE 5%

PRODUTO DE

TENNESSEE EASTMAN CORPORATION

Distribuidores exclusivos

LANDMANN, FILHOS & CIA. LTAD.

Rua Marconi, 131 — 11.º — SÃO PAULO

da Pecuária, proprietários de usinas de beneficiamento e de vacarias, etc.), todos relacionados com o abastecimento de leite à Capital Baiana, no sentido de ser montada e equipada uma usina de beneficiamento de leite, deve ser fundada uma Cooperativa Central de Produtores de Leite do Salvador, na base da legislação vigente, mantendo o espírito de iniciativa particular.

2.º — Financiamento à Cooperativa de Produtores de Leite do Salvador, para montagem de uma usina na Capital, conforme projeto previamente aprovado pela Comissão Executiva do Plano Salte, destinada a beneficiar, engarrafar e distribuir todo o leite de consumo da cidade, com capacidade para 50.000 litros diários. Este financiamento, que não deve ser inferior a Cr\$ 15.000.000,00 inclui o necessário para a reforma e montagem de postos de refrigeração no Interior, bem como a aquisição de veículos para transporte e distribuição do leite, inclusive oficina para reparo de vasilhame.

3.º — Considerando a conveniência de ser proporcionado às principais cidades do Interior melhor abastecimento de leite, foi sugerido que, mediante detalhado estudo nas respectivas localidades, e a partir do 3.º ano de execução do Plano, seja feito

financiamento, a cooperativas de produtores ou a firmas industriais laticinistas, para montagem de usinas de beneficiamento de leite nas cidades de:

Ilhéos — até Cr\$ 1.000.000,00;

Itabuna — até Cr\$ 1.000.000,00 e

Feira de Santana — até Cr\$ 1.000.000,00, ou outras, cujas condições justifiquem.

4.º — À vista do elevado numero de vacarias nos arredores de Salvador, instalações estas que poderão ser sensivelmente melhoradas tendo como estímulo o exemplo a ser dado por granja leiteira, produtora de leite infantil, foi sugerida a montagem de duas destas granjas, na Baía, uma na Capital e outra, no Interior, em local a ser escolhido, mediante o seguinte:

financiamento de 70% do	
valor da propriedade	— Cr\$ 1 400 000,00
premios correspondentes	
a 30% dêste valor	— 600 000,00

Total — Cr\$ 2 000 000,00

5.º — À vista do sensível desenvolvimento que se observa na industria de laticínios baiana, principalmente no Sul do Estado, foram previstos os seguintes financiamentos:

— a 5 fábricas de manteiga — para melhoramentos de suas instalações, preferentemente na parte de frigorificação — na base de Cr\$ 200.000,00 para cada estabelecimento	— Cr\$ 1.000.000,00
— a 2 fábricas de queijos, para a mesma finalidade de melhoramentos de instalações, na base de Cr\$ 150.000,00	— Cr\$ 300.000,00

RESUMO

FINANCIAMENTOS (nas condições estatuidas pelo Plano Salte):

— à Cooperativa Central de Produtores de leite do Salvador	— Cr\$15.000.000,00
— a cooperativas ou firmas industriais para montagem de usinas no Interior	— 3.000.000,00
— a granjas leiteiras — 1 na Capital e outra no Interior	— 1.400.000,00
— a fábricas de manteiga — para melhoramentos de instalações	— 1.000.000,00
— a fábricas de queijos — idem, idem	— 300.000,00

Cr\$ 20.700.000,00

PREMIOS (em dinheiro, benfeitorias ou animais)

— a 2 granjas leiteiras	— 600.000,00
-------------------------	--------------

Total das aplicações na Baía

Cr\$ 21.300.000,00

Consideramos que, com financiamentos em bases razoáveis (juros baixos e prazos longos) e mais as providências sugeridas ao Plano SALTE, tais como:

- nova legislação sanitária sobre leite e derivados, exequível com eficiência;
- organização de pessoal operariado técnico, mediante realização de cursos intensivos em escola especializada (como a Fábrica-Escola Candido Tostes, em Juiz de Fora, Minas);
- combate sistemático às doenças do gado lei-

teiro, além de fomento à produção leiteira mediante venda de reprodutores a preço de custo, facilidades de aquisição de forragens, manutenção do preço do leite em nível compensador, etc., etc., os problemas que entravam a produção de leite e derivados da Baía como dos demais Estados, serão resolvidos — isso porque, condições favoráveis à produção leiteira o Brasil possui, só não tendo tido até agora, um plano de aproveitamento de mais esta parte das suas possibilidades, e nem pessoas decididas à sua realização.

Formulas para aumentar a duração dos mourões de cerca

Para aumentar a duração dos mourões de cercas de eucalipto pode-se pintá-los com algumas das formulas seguintes:

FORMULA I

Alcatrão 3 ks.

Sebo ordinario 1 k

Aplica-se a quente com pincel grande. Com um barril de alcatrão pode-se pintar 100 a 200 mourões.

FORMULA II

Resina ordinaria 5ks.

Alcatrão 125ks.

Enxofre 6ks.

Aplica-se com pincel ou se submergem os postes no recipiente que contém a mistura quente.

FORMULA III

Cal viva de boa qualidade 15 ks.

Caseína 5 ks.

Sal comum ou alumen 7 ks.

Carvão de lenha, moido 2 ks.

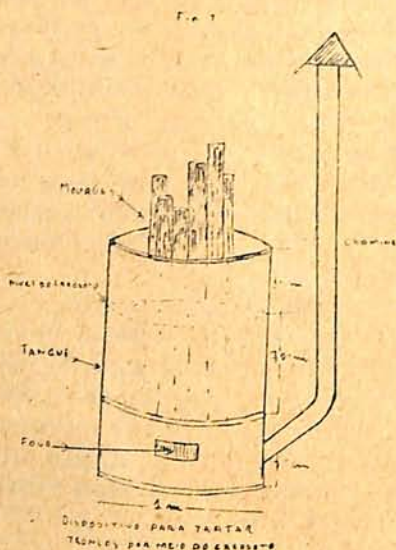
Água 50 lts.

Para se preparar essa solução, coloca-se a cal viva num recipiente e se apaga colocando água limpa até que se forme uma pasta espessa.

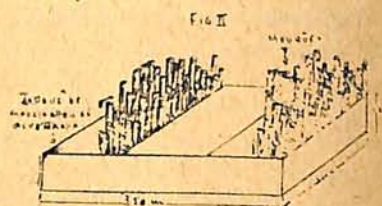
Dissolve-se em separado a caseína e o sal em águas quente e se adiciona a pasta de cal, mexendo-se bem. Aplica-se a quente, adicionando-se água quando esteja muito espessa.

FORMULA IV

O creosoto aumenta muito a duração dos mourões. Pode-se aplicá-lo com pincel, conservando-se uma temperatura elevada. Quando se dispuser de um tambor de ferro aquece-se o creosoto com os mourões submersos no líquido até uma altura um pouco superior a 1 metro, de duas a seis horas.



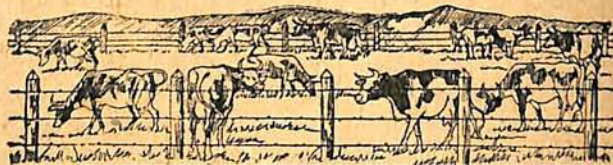
Dispositivo para tratar mourões de cerca pelo creosoto



Tanque para tratar mourões de cerca pelo sulfato de cobre.

FORMULA V

Em uma caixa de madeira ou em um tanque de alvenaria, coloca-se uma solução de sulfato de cobre a 5% (cinco quilos e 100 litros de água), previamente dissolvido em água quente, completando com água fria até obter-se a concentração indicada e o nível para cobrir os postes até a altura de 50 centímetros mais ou menos, deixando-os submersos até que o líquido se tenha infiltrado até a extremidade do mourão, o que se comprova pela coloração azulada que a madeira adquire. O tratamento dura 4 a 5 dias se a madeira for verde e 6 a 8 dias quando os mourões estiverem secos. Em ambos os casos os mourões devem ser bem descascados.



LOURÕES serrados para CERCAS

DE EUCALIPTO, Wolmanizados (imunizados) contra

PODRIDÃO, CUPIM E INSETOS

Por tratamento moderno em Auto-Clave.

INCOMBUSTIVEIS - LONGA DURAÇÃO.

PLENA SATISFAÇÃO EM TODO SENTIDO.

Deposito permanente para pronta entrega.

Peca prospeto com preços

PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS Lda

RIJA QUINTINO BOCAIUVA, 176

2-4522

Prema

SÃO PAULO

O Vale do Paraíba em 1947

A presente publicação é uma síntese do que o Vale do Paraíba produziu em 1947, os seus problemas agro-pecuarios e o trabalho do Agrônomo Regional junto aos pecuaristas para o emprego de melhores e mais economicos metodos de produção.

O original que serviu de base para esta publicação nos foi gentilmente cedido pelo Dr. Romeiro Cesar, chefe do Serviço das Regiões Agrícolas e representa o trabalho dos agrônomos: Herculano Livramento Prado, de Taubaté; Nelson Cembranelli Schimidt; de Pindamonhangaba; Oswaldo Damasceno, de Guaratinguetá; Francisco Juliano Filho, de Lorena; José Jeronimo Souza Barros, de Cruzeiro; Prudente de Moraes Dias, de Caçapava; José Maria Sant'Ana, de S. José dos Campos e Marcelino Oliveira, de Jacareí.

Na edição de Agosto concluiremos este trabalho com a publicação das partes referentes a Pecuária Leiteira, a Mecanização da Lavoura, o Homem e Conclusões.

A produção de cereais e outros gêneros de 1.ª necessidade foi sempre, e continua sendo no Estado de São Paulo um sub-produto da cafeicultura. Acha-se localizada presentemente nas zonas da Alta Paulista, Alta Sorocabana e Norte do Paraná.

Como nossas organizações de transportes, armazenamento e expurgo são deficitárias e insuficientes, a solução para resolver o abastecimento dos centros consumidores de São Paulo e Rio, é, sem dúvida alguma, aproximar a produção junto a esses centros consumidores. Para tal, nenhuma região se apresenta em melhores condições que a denominada Vale do Paraíba.

Nessa região geográfica que liga as duas maiores capitais do Brasil está reunida cerca de 1/5 da população do país (inclusive as populações de São Paulo, Rio e subúrbios).

Encontrando-se os diversos tipos de clima, desde o úmido, e quente das baixadas de Campos ao frio dos arredores de Campos do Jordão na Mantiqueira, existem excepcionais condições para todo tipo de exploração agrícola ou pastoril.

Existem facilidades naturais para controle das águas do Paraíba e irrigação de enorme área de terras férteis e inaproveitadas das várzeas. Do controle das águas resultará o aproveitamento da energia elétrica.

Além das qualidades do clima, e das facilidades de produção de energia elétrica, encontramos condições estratégicas, quer sob o ponto de vista militar ou econômico, para instalação de um grande parque industrial, do qual o marco zero é, indubitavelmente, a Usina de Volta Redonda.

O Vale do Paraíba, na parte que particularmente nos referimos daqui por diante, ou seja, na parte do Estado de São Paulo, sofreu, como não podia deixar de ser, a influência da marcha nômade do café.

As terras erodidas e esgotadas, transformaram-se em pastagens. A exploração leiteira, e a cultura do arroz, instalada nas várzeas do Rio Paraíba por iniciativa de Carlos Botelho, ambas, com as mais rudimentares organizações de trabalho —

constituem a economia básica dessa região.

A situação presente do Vale do Paraíba é exposta a seguir no resumo dos relatórios dos agrônomos regionais no ano de 1947.

Durante o ano de 1947 os fenômenos climatológicos, caracterisaram-se pela desigualdade de clima dentro das estações. No inverno houve grandes precipitações pluviométricas. Isso favoreceu às culturas de alto e prejudicou sobremaneira as culturas de várzea. Houve durante 1947, cinco grandes enchentes, em Janeiro, Fevereiro, Junho, Novembro e Dezembro, todas elas de desastrosas consequências para as culturas localizadas nas várzeas.

As precipitações pluviométricas e temperaturas médias durante 1947 foram as seguintes:

Meses	Precipitações em m/m	Média mensal das temperaturas
JANEIRO	341,2	24,9
FEVEREIRO	299,3	26,0
MARÇO	178,1	23,4
ABRIL	64,7	22,5
MAIO	55,9	21,1
JUNHO	60,7	19,6
JULHO	58,9	17,4
AGOSTO	66,3	19,1
SETEMBRO	72,9	20,7
OUTUBRO	84,5	19,9
NOVEMBRO	147,2	22,3
DEZEMBRO	217,3	23,2
TOTAL :	1.647,0 m/m	

As enchentes de Janeiro e Fevereiro foram particularmente prejudiciais a todas as culturas instaladas nas várzeas. Ruíram diversas barragens, muitas delas bem antigas. As enchentes obrigaram a colheita do arroz a ser realizada em botes, ou com os operários trabalhando dentro de um lençol de água que chegou a atingir um metro de altura. A secagem do arroz também foi prejudicada pelas chuvas. O excesso de precipitações atrasou ainda o início do plantio de tomate.

A enchente de Junho foi totalmente prejudicial às culturas de tomate e batata das várzeas.

E as de Novembro e Dezembro, além dos prejuízos determinados nas culturas novas de arroz, atrasaram bastante o seu plantio. Na Fazenda Coruputuba em Pindamonhangaba um dique construído em 1932 com 8 quilômetros de comprimento de 4.50 metros de altura, foi arrombado em cerca de 100 metros e teve dos 260 alqueires de arroz, 210 completamente submersos e perdidos.

Passaremos agora à uma descrição sumária das diversas culturas exploradas na região:

ARROZ

Essa cultura localiza-se em sua quase totalidade nas várzeas do Paraíba e afluentes. Não há praticamente cultura de alto. Das várzeas do Paraíba calcula-se que são aproveitadas 30% da área. Os 70% restantes são terras, como dizem os habitantes do lugar, "que pertencem ao Paraíba". Grande parte da área aproveitada está ainda sujeita às enchentes periódicas.

A maioria das lavouras de arroz está sujeita ao seguinte regime: o preparo do terreno é feito a tração animal (bois). Faz-se a execução o destoramento a trator que já está bem generalizado. As sementes usadas possuem elevadíssima porcentagem de grãos vermelhos e pretos. A plantação é feita com plantadeiras de linhas distante uma da outra 25 centímetros. A densidade usada é de um saco de 60 quilos por 7 quadras

(12 X 12 braças). A plantação de mudas que chegou a ser bem empregada, devido ao alto custo, está sendo abandonada. As capinas são todas feitas a enxada em número médio de 3. A irrigação é feita com água dos ribeirões, não se aproveitando, salvo raras exceções, a água do Paraíba; não existe drenagem, que, para as várzeas é mais importante que a irrigação. A colheita é toda manual. A batatura é feita em bateadeiras leves que vão acompanhando a colheita. A secagem é feita em terreiros. A palha é enfiada e vendida às fábricas de papelão da zona. O resto de matéria orgânica que sobra, na cultura seguinte é queimado para "facilitar" o preparo da terra. A colheita é, portanto, total. O rendimento é de 2,5 a 3 sacos em casca por quadra, ou melhor, de 80 a 90 sacos por alqueire. Não se realizam adubações. Há numerosas pragas e moléstias, agravando-se ultimamente o "brusona", causado pelo fungo *Piricularia oryzae*. Como consequência de tudo isso, o custo de produção por saco é elevado.

Esse é o panorama geral da cultura do arroz. Existem é claro, numerosos lavradores que todos os anos estão realizando experiências de espaçamento, época de plantio, adubações, mecanização do preparo da terra, do cultivo, da colheita e da secagem, bem como, procuram melhorar a qualidade das sementes, num esforço em benefício próprio uma vez que o governo nada lhes proporciona.

Pelo sistema de cultura inteiramente braçal, os lavradores fazem o plantio de acordo com a capacidade de colheita o cravo da cultura. Como não possuem braços, o plantio inicia-se em Setembro e vai até Dezembro. A colheita começa em fins de Fevereiro e vai até Junho. Se a cultura fosse mecanizada, podendo ser plantada e colhida em tempo, poderiam aproveitar os 6 meses de descanso da terra para outras culturas, como por exemplo,

hortaliças que os mercados do Rio e São Paulo tanto reclamam.

A produção de arroz na safra de 46-47 no Vale do Paraíba, foi por regiões, a seguinte:

Sacos de 60 quilos beneficiadas

Região de Caçapava	40.000
" " Pindamonhangaba	178.000
" " Guaratinguetá .	38.000
" " Lorena	45.000
" " Cruzeiro	17.500
TOTAL:	318.500

faltam dados das regiões de Jacareí, São José dos Campos e Taubaté. Calcula-se em 500.000 sacos a produção do Vale.

Ultimamente as safras têm sido cada vez menores — por diversos fatores, entre os quais, salientamos os seguintes:

1) cada ano que passa cresce o número de rizicultores arruinados pelos sucessivos prejuízos ocasionados pelas enchentes.

2) medidas de proteção de suas terras por meio de barragens do rio e instalação de bombas para irrigação e expulsão do excesso de água, além de muito dispendiosas, não parecem poder, assim isoladamente e sem obedecerem a uma orientação geral segura, resolver satisfatoriamente a situação. Essas medidas isoladas, aumentam o volume de água nas propriedades vizinhas que não possuem barragens, agravando ainda mais o mal.

3) concorrendo para que maiores sejam as dificuldades pecuniárias, surgem os arrendamentos das terras, que por serem feitos a altos preços, quer em moeda corrente, quer em porcentagem sobre a produção (de 25% a 50%), deixam pequena margem de lucro ao lavrador, impossibilitando-o de tomar providências que tomariam se menor fosse o aluguel das terras e maiores as garantias dadas pelo proprietário das mesmas.

4) a falta de crédito tem concorrido para uma apreciável diminuição do plantio. Os pequenos lavradores estão se apegando ao processo elementar de financiamento. Os donos de máquinas de beneficiar e atacadistas, financiam a preços elevados, ficando os produtores comprometidos a vender a mercadoria produzida aos financiadores.

5) outros fatores que têm concorrido para a diminuição do plantio são: falta de braços, falta de sementes, tabelamento exclusivo dos produtos agrícolas, falta de amparo go-

VENDA DE NOVILHAS

Novilhas das raças Holandêsa, Suíça, Cimental e Jersey, cruzadas com Zebú. Vendem-se:

Fazenda da Grama — Lavrinhas, — Est. São Paulo —
Fone, 5220

vernamental e principalmente a

6) **Falta de preços mínimos** — durante o ano o preço do arroz em casca no Vale do Paraíba sofreu as seguintes oscilações:

	Cr\$
JANEIRO	105,00
FEVEREIRO	102,00
MARÇO	97,50
ABRIL	92,50
MAIO	77,50
JUNHO	78,00
JULHO	83,00
AGOSTO	87,50
SETEMBRO	97,50
OUTUBRO	110,00
NOVEMBRO	120,00
DEZEMBRO	128,00

Justamente quando inicia a colheita, ou seja, em fins de Fevereiro, vemos que o preço sofre violenta queda, subindo mais tarde na época do plantio. Essa variação é extremamente prejudicial aos lavradores, pois, na época da colheita, tendo as safras empenhadas, são obrigados a entregar pelo preço do dia. Em 1947, depois, que a produção passou para os intermediários, o preço subiu a níveis elevadíssimos, jamais verificados na região. Nem a lei da oferta e da procura se pode alegar em favor da baixa dos preços, porque, o arroz é um produto tabelado, e o mercado durante o ano manteve-se sempre firme e com ofertas de compras. O descaso do Governo em benefício de manobras especuladoras e tem causado, justa revolta no seio dos lavradores.

TOMATE

A cultura de tomate, depois da de arroz foi a mais prejudicada durante o ano de 1947.

Devido ao insucesso dessa cultura nos municípios de Pinda, Caçapava, Taubaté, Guaratinguetá e Lorena, os lavradores levantaram a questão que tal se devia única e exclusivamente a determinada marca de adubo.

Foi enorme a diminuição de produção, e as principais ocorrências verificadas podem ser resumidas no seguinte:

- a) abertura anormal das flores, com queda das mesmas;
- b) baixa ou nenhuma produtividade;
- c) porcentagem relativamente grande de frutos vulgarmente denominados "pitanga".

Feita uma reunião na Casa da Lavoura de Taubaté, foram tomadas providências junto aos agrônomos regionais no sentido de serem feitos levantamentos do número de pés prejudicados, retiradas de amostras de adubo para análise, solicitação

da vinda de técnicos, instalações de experiências etc.

Os fenômenos anormais foram observados em culturas que receberam adubos de todos os tipos existentes no comércio, inclusive, com fórmulas preparadas pelos próprios lavradores. Na falta de elementos objetivos para uma conclusão definitiva, ficou certo entretanto, não serem os adubos da firma acusada os responsáveis pelo desastre. Das conjecturas sobre as causas do fenômeno, parecem mais lógicas, a do excesso de umidade, e da falta de luz proveniente de dias chuvosos determinando um desequilíbrio fisiológico.

Como exemplo da queda da produção devido a tais fenômenos citamos o município de Pindamonhangaba.

Produção em 1946 200.000 caixas
Produção em 1947 78.215 caixas

A variedade mais cultivada é a Santa Cruz, de melhor tipo comercial.

Como o preço do tomate também é extraordinariamente variável, está se generalizando a prática de cultivá-lo durante todo o ano para fazer média de preços, embora seu cultivo seja mais difícil no período das águas (zona serrana).

É uma cultura intensiva. Gasta-se enorme capital em adubos, inseticidas, fungicidas, taquaras, caixas e transportes para uma área relativamente pequena.

A cultura de tomate, encontra no Vale do Paraíba, ótimas condições para desenvolvimento, quer pela necessidade de irrigação, quer pelo clima favorável, ou pelos mercados próximos de São Paulo e Rio.

BATATA

Essa cultura foi uma das principais do Vale do Paraíba, estando hoje praticamente abandonada. É feita

na várzea e a maioria é irrigada. A melhor época para plantio é Abril e Maio, meses menos sujeitos ao ataque de pragas e também, porque, a colheita não vem coincidir com o início das águas. É uma cultura excelente para aproveitamento da terra que descança entre uma cultura e outra de arroz.

Os fatores que diminuíram a produção foram: alto custo cultural — adubos caros e preparo do solo difícil; baixo rendimento; pragas, moléstias, geadas e principalmente as enchentes do Paraíba.

No município de Taubaté em 1945 foram plantados 28.000 sacas de sementes e o prejuízo foi de 14.000 sacas de sementes, sem levar em conta as culturas que foram prejudicadas em consequências do enxarque do terreno. Em 47 poucos lavradores cultivaram a batatinha, e o prejuízo foi de 2.000 sacos de sementes. Em Pinda no ano de 47 a exportação foi de 14.195 sacas, calculando-se o prejuízo devido à enchente em.... 15.000 sacas. Em Caçapava em 1945 foram plantados 2.400 sacas de sementes, em 1946, 700 sacas, em 1947 apenas 50 sacas de sementes. E assim em todas as outras regiões a cultura dessa solanacea está praticamente desaparecida.

MILHO

A cultura de milho no Vale do Paraíba não chega para seu consumo. O pouco que se produz é usado na alimentação dos animais domésticos, na fabricação de fubá, quirera, canjica, etc.

Ultimamente devido aos altos preços alcançados, tem havido aumento da área de plantio, e bastante procura de sementes de milho híbrido.

O único município que produz quantidade relativamente grande é o de Cunha com 100.000 sacas, produ-

COALHO FRISIA

EM LÍQUIDO E EM PO'

1.ª FÁBRICA DE COALHO NO BRASIL

único premiado com 10 medalhas de ouro

KINGMA & CIA.

Mantiqueira — E. F. C. B. — Minas Gerais

Correspondência:

CAIXA POSTAL, 26
Santos Dumont — E. F. C. B. — Minas Gerais

Representantes:

CAIXA POSTAL, 342
Rio de Janeiro

CAIXA POSTAL, 3.191
São Paulo

CAIXA POSTAL, 397
Porto Alegre — Rio Grande do Sul

A venda em toda a parte. — Peçam amostras grátis aos representantes ou diretamente aos fabricantes.
Criadores de bovinos da raça holandesa. Vendemos ótimos animais puros de pedigree, puros por cruz, e etc.

ção essa, destinada à engorda de porcos.

As culturas são pequenas, por isso, semeadas em covas e limpas a enxada. Desconhecem os "planets". Essa cultura não tem expressão econômica.

CAFE'

O café é cultura praticamente desaparecida no Vale do Paraíba. A pequena produção de 1947 esteve assim distribuída:

Região de	Cruzeiro	37.000	arrobas
" "	Guaratininguetá	18.000	arrobas
" "	Caçapava	8.000	arrobas

Devido aos excelentes resultados, sob todos os pontos de vista, alcançados com a experiência de sombreamento dos cafeais em Caçapava, é de prever-se a instalação de novas culturas em toda a região sob aquele regime.

FEIJÃO

Em vários municípios a produção de feijão não chega para o consumo.

Por regiões agrícolas, a produção na safra de 46/47 foi a seguinte:

Região de	Cruzeiro	
" "	Guará	
" "	Lorena	

Essa leguminosa é plantada em 3 épocas diferentes. A primeira, o feijão das secas, é plantado em Fevereiro e Março; a segunda em Junho, aproveitando o descanso das várzeas de arroz e a terceira, o feijão das águas, de Setembro a Outubro geralmente em associação com a cultura de milho.

O feijão também não tem expressão econômica no Vale do Paraíba.

saíra de 1942	4.940.000	quilos
" " 1943	6.600.000	"
" " 1944	8.030.000	"
" " 1945	8.871.311	"
" " 1946	12.500.000	"
" " 1947	13.000.000	"

FUMO

O município de Cunha produziu 3.000 arrobas de fumo em corda.

Em São Bento do Sapucaí ha grande interesse por essa cultura, pois, a Secretaria da Agricultura tem um armazem para classificação e embalagem do produto e 18 estufas tipo "Virginia Bright", para secagem de fumos amarelos para cigarros. Predomina ainda nesse Setor, a cultura de fumo para corda.

MANDIOCA

A mandioca é plantada em toda a região unicamente para consumo local, alimentação dos animais, e fabricação de farinha. Faz exeção o município de Pindamonhangaba.

Em virtude da grande retração bancaria, a fábrica de amidos F. A. S. A. localizada naquele município, vem financiando as lavouras de mandioca ocasionando uma atmosfera de confiança e satisfação entre os

agricultores. Essa fábrica fornece como financiamento, a quantia de Cr\$ 1.700,00 por alqueire, quantia entregue parceladamente e mediante contrato. O financiamento é feito da seguinte maneira:

Para preparo do solo	Cr\$ 500,00
" plantio	300,00
" duas 1.as limpas	300,00
" duas ultimas limpas	200,00
" colheita e transporte	400,00

Essa fábrica garante ainda um preço mínimo de Cr\$ 3,50 por arroba posta na fábrica, chegou porém a pagar até Cr\$ 5,00 por arroba.

41.120	sacos de 60 quilos
21.500	sacos de 60 quilos
20.000	sacos de 60 quilos

Essa fábrica está financiando lavouras em municípios distantes da sede, e é geral o interesse e contentamento de todos os lavradores que com ela trabalham. Damos a seguir o aumento de produção verificado no município de Pindamonhangaba, sem dúvida, ocasionado por aquela operação de financiamento e garantia de preços mínimos:

REPOLHO

Justamente nesse ano que tivemos um apreciavel aumento das áreas de

Cr\$	
4.940.000	quilos
6.600.000	"
8.030.000	"
8.871.311	"
12.500.000	"
13.000.000	"

cultura, os lavradores sofreram prejuizos totais devido ao preço irrisório alcançado, ficando o produto se deteriorando nas culturas, por não compensar a colheita. vão os preços médios verificados durante o ano, notando-se as grandes flutuações, tão prejudiciais aos lavradores.

Cr\$

JANEIRO	54,00
FEVEREIRO	43,00
MARÇO	51,50
ABRIL	45,00
MAIO	22,50
JUNHO	17,50
JULHO	17,50
AGOSTO	12,40
SETEMBRO	9,40
OUTUBRO	9,50
NOVEMBRO	12,00
DEZEMBRO	15,00

Além do custo de produção temos ainda as seguintes despesas:

Preço de saco	Cr\$ 6,00
Colheita e transporte	2,00
Frete para o Rio	7,00

TOTAL: Cr\$ 15,00

Por aí se vê que de Junho para cá, os preços não cobriram as despesas. Só no município de Pindamonhangaba foram perdidas mais de 20.000 sacas.

Mais uma vez observou-se o grande descontentamento oriundo da falta de garantias de preços mínimos, causando dificuldades para o fomento da produção, e contribuindo positivamente para o decréscimo da área de plantio.

TRIGO

A cultura de trigo, pelos resultados das plantações experimentais realizadas em Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Caçapava, poderá tornar-se em futuro próximo um dos baluartes econômicos da região.

O trigo foi plantado em terrenos do alto e nas várzeas de terras turfosas, misturadas e argilosas. Comportou-se magnificamente, com exeção, nas várzeas argilosas ou como são chamadas nas terras de "barro de telha", onde pela constituição física e por excesso de umidade a cultura fracassou. Em Pindamonhangaba foram plantadas 120 sacas numa área de 70 hectares durante os meses de Abril e Maio. Infelizmente 85% das lavouras foram totalmente destruídas por um ataque de lagartas. A produção de 1 hectare que não sofreu o ataque da praga foi de 1.500 quilos de grãos.

Numa plantação em S. Bento do Sapucaí de um hectare e 80 ares, houve um lucro de Cr\$ 5.000,00.

Em Caçapava numa cultura de terreno alto foram plantados 900 quilos que renderam 5.850 quilos.

Em Guaratinguetá também houve excelentes resultados.

A Cr\$ 5.00 o quilo, com uma cultura que se resume praticamente no preparo do solo, adubação, plantio e colheita, não necessitando de capinas, mesmo que haja uma produção baixa de 2.000 quilos por alqueire — resta um lucro que poucas culturas podem proporcionar. Por isso é fácil prever-se um grande aumento de produção na zona.

CENOURA

Essa cultura na região serrana está se desenvolvendo satisfatoriamente, pois, encontra além de condições excelentes de solo e clima,

Com um ciclo vegetativo de 120 dias, o frigo pode ser plantado nas várzeas turfosas ou nos terrenos de alto, aproveitando as terras que descansam entre um plantio e outro.

Tem-se mostrado preciosa quer em relação à seca quer em relação à resistência à ferrugem a variedade de "Bandeirantes".

bons mercados na praça do Rio de Janeiro.

A época de plantio se faz durante todo o ano, conforme se vê abaixo pela exportação verificada na estação de embarque — Pindamonhangaba:

Exportação		Preço médio
Janeiro	1.058 sacos	Cr\$ 118,00
Fevereiro	873 "	116,00
Março	16.273 "	119,20
Abril	9.355 "	97,50
Maio	7.041 "	80,00
Junho	4.214 "	75,00
Julho	4.109 "	48,20
Agosto	2.974 "	41,00
Setembro	3.636 "	30,20
Outubro	1.511 "	30,00
Novembro	1.931 "	—
Dezembro	2.080 "	60,00
Total:	55.055 E.F.C.B.	
	2.920 caminhão	
	57.975 sacos	

Grande quantidade é ainda consumida nos sanatórios de Campos de Jordão, estimulando-se por isso, a produção em 80.000 sacos.

FRUTICULTURA

A fruticultura que encontra con-

dições excepcionais de clima desde os altos da Mantiqueira até as baixadas do Paraíba, não têm valor econômico na região. Os laranjais foram destruídos pela "tristeza", e a formação de novos pomares quer de laranja ou outras frutas se faz lentamente.

CULTURAS DIVERSAS

Outras lavouras como cana, soja etc. são cultivadas com o fim exclusivo de consumo local ou para alimentação de animais domésticos.

Sobre a cana há pequenas fábricas de rapadura, açúcar batido etc., sem expressão.

REFLORESTAMENTO

O problema do reflorestamento apresenta-se de transcendental importância para o Vale do Paraíba.

Praticamente não há mais matas, e as poucas existentes continuam sendo criminosamente derrubadas, agravando muitos problemas inclusive o de aumentar cada vez mais as enchentes do Paraíba.

Dizemos que as derrubadas são criminosas, porque, não são acompanhadas da formação de matas artificiais.

O reflorestamento de modo geral está paralisado, porque não há financiamento. O único município que o realiza em quantidade apreciável é o de Pindamonhangaba, assim mesmo, porque necessita para as fábricas de papel lá localizadas. Em Pindamonhangaba, o reflorestamento é feito em geral com Eucaliptos sendo na zona serrana mais difundido o Pinheiro.

Em Campos do Jordão a reserva de pinheiros nativos é grande, não existindo porém, dados sobre o número. A Cia. Cicero Prado, já possui plantados nesse município cerca de 250.000 pés, como parte inicial de um programa de plantio de 1.000.000 de pés.

Ainda aquela Cia. plantou no município de Pindamonhangaba durante 1947, 700.000 pés de eucaliptus, predominando a variedade Saligna, também como parte de um plantio de 10.000.000 pés.

O município de Pindamonhangaba possui um total de 12.000.000 de pés de eucaliptus.

Serviço de Assistência...

(Conclusão da pag. 1)

Indaiatuba, J. Paulino, Jaguarí, Amparo, Cordeiro, Piracicaba, Rio Claro, Pirassununga. P. Ferreira, Mogi-Mirim, Ouro Fino, Cascavel, Descalvado, Pantano, Santa Rita do Passa Quatro, Tambaú, Pinhal, S. João da Boa Vista, S. José do Rio Pardo, Mococa, Itaquara, Poços de Caldas, Rio Preto, Batatais e Franca.

A terceira zona está a cargo do Dr. Edmundo Seixas Martinelli com sede em Araraquara à rua D. Pedro II n.º 536 e compreende: Brotas, Itirapina,

S. Carlos, Orlandia, Jaú, Baurú, Dourado, Rio-Bonito, Bariri, Jaboticabal, Itapolis, Marília, Guataporá, Barrinha, Sertãozinho, Ribeirão Preto, Bebedouro, Barretos e Rio Preto.

A quarta zona, chefiada pelo Dr. José Gomes Vieira, tem como sede Pindamonhangaba, e compreende: Mogi das Cruzes, Jacareí, S. José dos Campos, Caçapava, Taubaté, S. Bento do Sapucaí, Campos do Jordão, Guaratinguetá, Piquete, Lorena, Cunha, São Lourenço e Cruzeiro.

Com este plano a A. P. C. B. amplia o seu serviço de assistência efetiva aos rebanhos de seus associados procurando oferecer mais solicitude e eficiência aos reclamos de tão importante setor.



1947 — Sombreamento do cafésal em Caçapava, Fazenda S. Pedro, de propriedade do Dr. Joaquim de Barros Alcantara. Ingaseiros fazendo sombra desde 1944 e rehumificando o solo com folheto cal- culado em dois quilos de manta por metro qua- drado e por ano. Produção de café calculada em cerca de 100 arrobas por 1.000 pés no presente ano.

Caçapava — Um exemplo maravilhoso

Quem escreveu isso foi o professor Mello Moraes ao visitar a Fazenda São Pedro de propriedade do Agrônomo Joaquim de Barros Alcantara. E' ali que encontramos um modelo de propriedade rural com excelente lavoura de café sombreado, um rebanho leiteiro de elevada produção e onde se realiza a rotação de culturas; plantas de inverno e plantas de verão sucessivamente. Não tem sido pequeno o numero de pessoas que para ali se dirigem avidas por conhecerem essa pequena escola de trabalho e onde se realizam experiências que poderão transformar os processos da exploração do solo em nosso país. Tanto é assim que essas visitas não ficaram só em curiosos ou mesmo de lavradores interessados em melhorar o nível de produção de suas terras. Fêz éco às altas personalidades dirigentes do Estado e que para lá rumaram.

Entre elas podemos citar o governador Dr. Adhemar de Barros, o secretário da Agricultura, Sr. Salvador de Toledo Artigas, o presidente da Assembléia Legislativa, Dr. Alvares Florence, os deputados Milliet Filho, Rubens do Amaral, Antonio Paula Leite, Anísio Teixeira e Procopio Ribeiro dos Santos. Nessa ocasião realizou-se também uma concentração de agrônomos regionais à qual compareceram os srs. Dr. Osmar Romeiro Cesar, chefe das Regiões Agrícolas e dr. Alyrio Machado. Logo a seguir entramos na divulgação do que se vem realizando na Fazenda São Pedro e desejamos com esta publicação contribuir para uma maior divulgação dessa iniciativa, digna dos maiores louvores e de ser seguida por nossos patricios. Muitos trechos desta divulgação são de um trabalho do Dr. Joaquim de Barros Alcantara, ou apanhados de palavras suas aos jornalistas que estiveram em sua fazenda.

"O processo de sombreamento se diferencia tanto do de céu aberto que não se pode aplicar a ambos tratamentos nas mesmas condições. "O sombreado, por exemplo não exige mais que uma capina anual, ao passo que o insolado exige 5 a 6 capinas. O sombreado recebe de graça da árvore que o tutela, no caso o ingazeiro, cerca de 2 quilos de matéria orgânica por ano e por metro quadrado de solo ao passo que o insolado obriga a despesas de adubação com matéria orgânica difícil de ser encontrada ou produzida naquela proporção para ser incorporada ao cafézal. O cafézal sombreado permite, por exemplo, a colheita em pano de cerca de 80% de cafés em estado de cereja, próprios para o despulpamento, e, consequentemen-

te para o preparo de finíssimos e reputados produtos, ao passo que, ao sol o café seca rapidamente na árvore, não dando tempo a que se obtenha sequer 57% de cereja. E assim por diante.

Os dados por mim apresentados foram colhidos de uma lavoura de 8.000 pés, plantados em terra fraca e esgotada possivelmente desbravada há mais de dois séculos, tendo por finalidade a demonstração de como seria possível a restauração da nossa cafeicultura em terrenos dessa natureza, com o auxílio da pecuária leiteira.

Com o sombreamento abrigam-se os cafezaes sob frondosa sombra de arvores maiores, com a consequente restituição dos elementos à terra e além dos resultados de natu-

reza puramente economica que apresenta, sobreleva-se como poderoso fator de reflorestamento.

Iniciando o plantio do cafézal em 1929, longe estávamos então de pensar na possibilidade do sombreamento, pois tentávamos fertilizá-lo com adubações orgânica e mineral, em dosagem equilibrada, como manda a técnica moderna. Somente em 1939, quando essa lavoura se encontrava com 7 anos de produção é que procuramos solucionar o problema econômico do fornecimento da matéria orgânica e da produção em massa de cafés finos, pelo processo do sombreamento. Nesse mesmo ano, não me tendo sido dada autorização pelo D. N. C. para formar uma lavoura experimental obedecendo às regras típicas das lavouras



Cerca de meio milhão de trabalhadores rurais mourejam de sol a sol no Estado de S. Paulo para a manutenção e trato dos cafezais ensolarados "no limpo". Estes braços poderiam ser empregados em outras culturas, uma vez que o sobreamento dispensa a barba-ra raspagem de radiculas dos cafeeiros pela enxada, fazendo deste um instrumento não só dispensável como prejudicial.

sombreadas, resolvi plantar nesse talhão os ingázeiros, a árvore mais recomendada para esse fim. Iniciamos o plantio dos ingázeiros em princípios de 1940. Assim a produção até o ano (1940) foi de lavoura a céu aberto. Por sua vez, os anos de 1941, 42 e 43 assinalam o período de crescimento das árvores, e possivelmente, de alguma concorrência, pois além disso nesses anos, principalmente o de 42, é que se registraram no Estado de S. Paulo os mais adversos fenômenos climáticos para a vida do cafeeiro, como sejam as ocorrências de geadas fortes e de secas prolongadas, cujos efeitos desastrosos os lavradores, prejudicados, como eu, guardamos bem na memória.

Somente de 1944 a esta parte é que tivemos o referido talhão sub-

metido a pleno regime de sobreamento.

Temos assim possibilidade de analisar os dados referentes à produção não de duas lavouras, uma ao lado da outra, porém da mesma lavoura submetida a regimes diferentes: 1.o) a pleno sol, até 1940; 2.o) sob regime de transição, até 1943; e finalmente, 3.o) sob regime tipicamente de sombra, de 1944 a 1946.

Analisemos, pois, os três períodos. No primeiro foi obtida a média trienal de 85 arrobas por mil pés. No segundo, 44 arrobas por mil pés e por média de triênio. No terceiro (plena sombra) 89 arrobas por mil pés por média de triênio. Devo adiantar que não posso considerar a pequena diferença de 4 arrobas

a favor do sobreamento como um aumento real da produção. Tendo em vista, porém o conceito dominante no seio da lavoura de que o sobreamento determina sensível redução na produção, o fato de se ter verificado a sustentação da mesma já é motivo para se acreditar nas vantagens do novo processo. Ademais, foi no seu primeiro ano de pleno sobreamento, em 1944, que o talhão produziu a sua maior safra de todos os anos ou seja de 123 arrobas por mil pés.

Para que se possa aquilatar do valor dessa produtividade, forçoso é que se comparem os dados referidos com as médias da produção geral de S. Paulo, nos seus vários anos.

No primeiro período, a média geral de S. Paulo (dados do I. do Ca-

Na Fazenda "S. Pedro" não se cuida só do café. Ha outras culturas e aqui está um clichê da cultura do trigo, que tão bons resultados vem dando.



fé) foi das mais bonançosas, pois atingiu a 44 arrobas por mil pés (1938, 39 e 40) enquanto o talhão de Caçapava, ainda a céu aberto se apresentava com 85 arrobas por mil pés nesse triênio. No 2.o período, a média geral de S. Paulo foi de 24 arrobas por mil pés e por triênio (1941, 42 e 43) enquanto o talhão de Caçapava, em regime de transição, se apresentava com uma produção de 44 arrobas por mil pés. Finalmente, no 3.o período, em 1944 a 1946, a média do Estado será aproximadamente de 22 arrobas por mil pés (dados oficiais) enquanto no cafézal, já agora sombreado, se obteve a média de 89 arrobas por mil pés e por triênio.

DIMINUIÇÃO DO PREÇO DE CUSTO DO CAFÉ

"Apesar das condições climáticas desfavoráveis — prossegue o sr. Barros Alcantara e da concorrência das árvores de sombra em formação, as safras de 1941-42 e 43 atingiram a média bastante satisfatória de 42 arrobas por mil pés. Já em 1944 eram sensíveis os efeitos benéficos da nova prática de cultura. Os cafeeiros mostravam sinais evidentes de agradecimento à sombra parcial e a manta protetora do solo, conseqüente do acúmulo de folhas caídas.

Desse ano em diante consideramos a lavoura já em regime de sombra. O vigor apresentado pelos cafeeiros, com folhas maiores e de verde intenso, de entrenódios mais espaçados, sem galhos ponteiros requeimados, denotava evidentemente os efeitos benéficos do novo processo de cultura. As safras obtidas em 1944-45 e 46 somaram a média de 89 arrobas por mil pés. Já nessa época também era evidente o efeito do sombreamento no que diz respeito ao aumento da fava e diminuição de mocas e chochos. Os trabalhos de capina reduziram sensivelmente. De 1946 para cá praticamente não se tem capinado a lavoura. Somen-

te nas zonas de falhas dos ingazeiros, onde os cafeeiros estão sujeitos ao regime de sol, e nos carregadores se fez necessária a operação de capina.

Disso resulta uma economia sensível em tratos culturais e, conseqüentemente, uma diminuição no preço de custo do café. No corrente ano agrícola, do fim da colheita de 1947 ao início da colheita de 1948, por exemplo, gastou-se nos oito mil pés:

Em capinas nas falhas de ingazeiros e carregadores, Cr\$ 850,00; poda, corte de lenha, transporte até o carregador e empilhamento da lenha dos ingazeiros (81m.3), Cr\$.... 575,00. Despesa total, Cr\$ 1.425,00.

Entretanto, os 81 metros cúbicos de lenha no carregador, a Cr\$ 25,00 o metro, renderam Cr\$ 2.025,00, que, deduzidos da despesa total, ainda proporcionaram uma renda líquida de Cr\$ 600,00.

Dessa demonstração conclui que os tratos culturais se tornam gratuitos com a renda da lenha produzida pelas podas obrigatórias e indispensáveis para a boa regulação da sombra. Os ingazeiros, plantados em compasso de duas ruas puladas em todos os sentidos, ou sejam, em 32 palmos distanciados em todas as direções, com 9 anos de idade já têm suas copas encontradas, de maneira que se faz obrigatório o debate anual para se evitar uma intensidade de sombra superior a 50%. Sempre que a intensidade de sombra é superior a 50% é manifesta a influência sobre o declínio da produtividade dos cafeeiros".

ECONOMIA DE BRAÇOS E MATERIAIS PARA O TRATO DA CULTURA

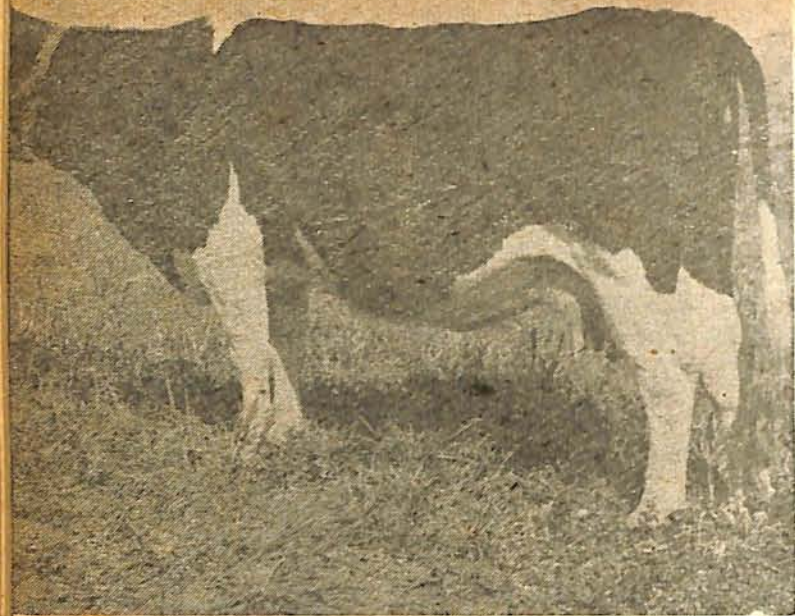
Das palavras do entrevistado deduz-se que, com o sombreamento, fica praticamente dispensado o elemento humano necessário ao trato constante dos cafezais no processo comum de lavoura ao sol. Ele se torna somente requerido na ocasião da colheita. Desaparece assim nas

culturas sombreadas o grande problema da falta de braços, que hoje preocupa toda a coletividade produtora de princípio a fim de safra cafeeira.

Vejamos ainda pelas próprias palavras do sr. Alcantara o significado do sombreamento no que se refere à economia em material e adubação para o trato do solo cansado como resultado de suas experiências:

"A manta de folhas dos ingazeiros cobre perfeitamente todo o solo do cafézal, abafando, estiolando as ervas daninhas, dispensando a necessidade de qualquer capina. Por outro lado, essa operação seria, para os cafeeiros, desastrosa, pois com ela seriam cortadas e destruídas as raízes capilares que vêm à superfície em busca da terra fresca e rica em húmus e elementos vitais. Não só em capina se verifica a economia no trato dos cafeeiros em regime de sombreamento. Ninguém poderá pensar em restaurar a cafeicultura em terras cansadas sem que a idéia esteja intimamente ligada à produção e distribuição de matéria orgânica, elemento primordial e imprescindível na restauração e sustentação da fertilidade das terras. E essas operações são caríssimas e, na maioria dos casos, irrealizáveis. O regime de sombreamento fornece essa matéria orgânica em quantidade, a meu ver, até excessiva, inteiramente gratuita. As despesas com a produção do café se reduzem, portanto, quase que exclusivamente à colheita, à secagem, ao benefício e ao transporte".

Dentro desse mesmo setor econômico cumpre-me ainda colocar a "qualidade", como fator resultante do sombreamento. Este sistema de cultura, ninguém o duvida, possibilita a produção de cafés finos em larga escala e em qualquer parte do mundo. E' por ele e com ele que sofremos a concorrência dos outros países produtores. Durante a minha palestra, na Rural, fiz questão de não só exi-



Rebanho leiteiro da Fazenda "S. Pedro" é de alta produção e dali sai leiteira Campeã Paulista em quantidade de leite, "Grauna", com ...

7.105. quilos de leite e 301,1 quilos de gordura, em 365 dias.

bir amostras do produto (verdadeiro "mild" centro-americano) como distribuir uma xícara de café a cada um dos presentes, a fim de que pudessem aquilatar da excelência da bebida de um autêntico "mild" de Caçapava. Tal produto foi considerado dos mais finos do país, segundo a classificação feita por técnicos de reconhecido valor. Como é do conhecimento geral, o vale do Paraíba é notoriamente produtor dos chamados cafés "Rio" ou sejam os que apresentam gosto máo, de iodofórmio. Ora, o sombreamento, oferecendo a vantagem de uma produção de maturação igualada, como se vem constatando em Caçapava, possibilitou colher e despolar, sem nenhum risco, cerca de 80% do produto em estado de cereja, bem maduro. Consequentemente, sr. redator o articulista não interpretou a verdade dos números e dos fatos quando assim se referiu à minha palestra:

O PROBLEMA DA BROCA NA LAVOURA SOMBREADA

"Alguém já afirmou, argumentando contra as vantagens do sombreamento, que este método de cultura, pela umidade relativa a que expõe os cafezais, facilita climaticamente o processo de propagação da broca. Desejariamos, embora como leigos, perguntar a esse inimigo gratuito do sombreamento porque na Colombia e nos países produtores da America Central, onde a quase totalidade das lavouras está submetida a regime de sombra não existe o problema da broca. Não será porque ali, mais felizes do que nós, os nossos concorrentes não teriam tido as

suas culturas infestadas. Acreditamos que não.

Dentre os diversos meios que se conhece para a extirpação da broca, o que mais radicalmente oferece essa oportunidade é o repasse, que evita a permanência de frutos na árvore com os ovos e o próprio "stephanoderes" adulto em seu bojo, pois que é só ali que ele consegue viver e se propagar. Entretanto, já pela carencia de braços para esse serviço, já pela densa folhagem com que o café se cobre para sua defesa contra as anormalidades do clima no regime de lavoura ao sol, aquela operação é dificultada e o grão infestado oferece campo para propagação continua e implacável da praga. No entanto, à sombra, o caféiro perde de 1/2 a 2/3 de sua folhagem, vendo-se perfeitamente quase todo o esqueleto da árvore, facilitando assim a retirada de todos os grãos na primeira colheita, dispensando até o repasse".

O MAIS BARATO SISTEMA DE COMBATE

A experiência do Vale do Paraíba não confirma outra coisa, senão passemos ao que diz a respeito o sr. Joaquim de Barros Alcantara:

"Nem o combate à broca, assunto que hoje focaliza a atenção de todos nós e que tanto nos aflige, dispensa maior atenção. Pelo que se verifica em Caçapava, o sombreamento é o melhor, o mais eficaz e o mais barato sistema de combate ao inseto que tão grandes prejuízos tem causado à nossa economia. Em 1942 o grau de infestação no cafezal, hoje sombreado, era de 42%. Nesse ano fizemos sultura de vespa. Em 1946 era de 0,5 em 1947 de 0,6 e em 1948 ainda por determinar. Acre-

ditamos, pelas sondagens realizadas, não atingir na presente safra nem as porcentagens dos ultimos anos, enquanto que nas lavouras a céu aberto do município e na propria fazenda anda pela casa dos 20, 30 e até 50%. Isso se deve ao fato, creio eu, de, na lavoura sombreada, nos meses de dezembro, janeiro, fevereiro e março não se encontrar um só fruto temporão em condições de multiplicar a broca. O sombreamento realiza assim o repasse natural por prego inteiramente gratuito.

O regime de sombra combate ainda eficazmente a erosão, abriga as lavouras da geada, dos ventos frios e dos calores excessivos. Reunificando o solo e mantendo-o em estado de fertilidade permanente, deve prolongar o ciclo vegetativo dos caféiros, criando uma situação de riqueza estável e permanente para os seus proprietários e, consequentemente, para a Nação".

ROTAÇÃO DE CULTURAS

Muito e muito teríamos que escrever sobre a exploração do solo e uma cousa não podemos deixar de mencionar: a nossa velha mania de ir derrubando matas para formar novas lavouras para abandoná-las após alguns anos quando a produção começa a decair.

Felizmente hoje já se pensa um pouco mais a esse respeito. Procura-se adubar as terras e protegê-las com culturas em cordões ou em terraceamento. Outros vão mais longe. Fazem o terraceamento e a rotação de culturas. E' justamente o que se faz na Fazenda "S. Pedro". Numa área de mais ou menos 20 alqueires, com curvas de nível planta-se o milho, para após sua colheita semear o trigo e após esta cultura iniciar o plantio de uma leguminosa que tem sido a soja. Quanto ao preparo do solo e colheita dos cereais tudo é feito mecanicamente. Para esta ultima operação, a colheita, a Fazenda conta com uma "Colhe-Tudo" e que além de colher o cereal, debulha-o, bate-o, abana-o e ensaca-o. A palhagem vai ficando pelo campo. Eis aí o caminho para elevar a produção por alqueire, baixar o custo dessa produção e possibilitar um melhor salario ao nosso homem do campo, elevando assim o seu baixo poder aquisitivo. Podemos adiantar que com este modo de trabalhar a direção da Fazenda "S. Pedro" espera poder pagar ao homem do campo, o mesmo que as industrias pagam aos operarios nos grandes centros urbanos.

(Conclue na pag. 104)

10.a Exposição-Feira Agro-Pecuária e Industrial de Juiz de Fora

Inauguração — Semana Ruralista — Desfile — Concurso Leiteiro
Comissões Julgadoras — Encerramento

Reportagem de Paulo Feijó

INAUGURAÇÃO

A cidade de Juiz de Fora, considerada a "Manchester" brasileira, viveu dias intensamente festivos com a inauguração da Exposição-Feira Agro-Pecuária e Industrial.

Compareceram ao ato, pessoas de grande destaque, entre as quais se contava a presença do Dr. Daniel de Carvalho, Ministro da Agricultura e mui digno representante do Sr. Presidente da República, Dr. Milton Campos, governador do Estado e ainda do Dr. Américo Rennée Janetti, Secretário da Agricultura do Estado de Minas, acompanhado de seus oficiais de Gabinete.

Proferindo brilhante discurso, o Dr. Cleveland Duarte Braga, presidente do Centro Rural daquela cidade, apresentou aos presentes votos

de boas vindas, falando a seguir o Dr. Daniel de Carvalho, em seu e em nome do Presidente da República.

Encerrando a série de tão vibrantes orações e por delegação do Dr. Milton de Campos, discursou o Dr. Américo Renée Janetti, que expressou todo o seu entusiasmo pelo desenvolvimento que, cada ano, se faz sentir no setor Agro-Pecuário, formulando votos de estímulo e prosperidade para as Exposições vindouras, traçando outrossim, as diretrizes que a Secretaria de Agricultura do Estado, vem de organizar para beneficiar a Agricultura e Pecuária do grande Estado que é Minas Gerais.

Cortando a fita simbólica, o Governador do Estado deu por inaugurada a Exposição, sob calorosos aplausos dos presentes.

A Comitiva deu então início às visitas de praxe aos "Stands" ali existentes. Entretanto, devido ao pouco tempo dedicado àquele mister, muitos deixaram de ser visitados, perdendo, portanto, os expositores, uma grande oportunidade de terem registradas em seus livros de visitas, assinaturas de tão ilustres personalidades acorridas ao local da Exposição.

Teve acato, por quantos visitaram a Exposição, sendo muito aplaudida, dando mesmo nota de destaque ao recinto, a apresentação da Granja "Monte Verde", uma miniatura da



O Sr. Presidente do Estado de Minas Gerais, Dr. Milton de Campos, quando discursava tendo ao lado o Dr. Daniel de Carvalho, Ministro da Agricultura e autoridades civis, Eclesiásticas e militares.

ATO INAUGURAL, QUANDO DISCURSAVA O DR. CLEVELAND BRAGA, PRESIDENTE DO CENTRO RURAL DE JUIZ DE FORA

original, existente na Fábrica de Projéteis de Juiz de Fora.

Em contraste com aquele magnífico feito, foi porem a ocupação de "Stands" com projéteis, balas, etc. completamente em desacôrdo com o que ali se expunha, o que pensamos ter sido uma lacuna dos organizadores da Exposição, que, naturalmente, não pensaram no quanto prejudicaria a alguns expositores, que, por falta de espaço, não puderam expôr seus produtos.

INSTALAÇÃO DA SEMANA RURALISTA

Entre festivas comemorações, foi instalada a Semana Ruralista.

E' de relevante utilidade para quantos se dedicam à Agricultura e Pecuária aquela organização, não só para leigos, como principalmente para os próprios Fazendeiros e servirá para aumentar seus conhecimentos e aprofundarem-se cada vez mais na arte moderna de criar.

A Secretaria de Agricultura, como sempre, espera o apoio dos Srs. Fazendeiros e demais interessados, para concretizar mais essa realização.

Apesar do adiantado da hora e fugindo ao habitual, teve lugar ao anoitecer o desfile dos exemplares,



representantes das diversas raças ali concentradas. Esse pormenor, no entanto, não poudo ofuscar o sucesso que se antevia para a 10.ª Exposição Agro-Pecuária de Juiz de Fora. Pode-se afirmar ter sido uma das melhores até o momento realizadas, reunindo não só apreciável quantidade, como também ótima qualidade de animais.

Notamos na raça Holandêsa Preto e Branca, um belíssimo plantel ainda não igualado pelos apresentados nas exposições realizadas este ano.

Apreciamos também na raça Holandêsa Vermelha e Branca, apesar

dos poucos animais expostos, exemplares magníficos.

Na raça Guernsey, constatamos uma apresentação regular.

A raça Suíça teve apenas um representante que a honrou galhardamente.

Foi fraca a apresentação do gado Jersey e ainda mais da raça Zebú, — pois a última, sempre se fez representar por exemplares admiráveis, deixando transparecer claramente, maior adesão dos apreciadores do gado, leiteiro em detrimento do Zebú.

Havendo, entretanto, na zona, fazendeiros aptos a exporem finos espécimens, da raça, não deveriam deixar de fazê-lo.

Os equínios e muars foram também muito bem representados.

CONCURSO LEITEIRO

O concurso leiteiro do ano, não suplantou à média diária do anterior. Impossível seria, não ressaltarmos a vaca campeã de propriedade do Sr. José de Andrade Reis.

Coronel José Custodio Pinto, membro da comissão executiva da X Exposição de Juiz de Fora, entre os Drs. Amleto Mosei, chefe do Serviço de Defesa Sanitaria Animal do Ministerio da Agricultura e Edgard Marcondes Ramos, auxiliar do chefe do mesmo serviço.



Sr. José Andrade Reis, abastado fazendeiro de Juiz de Fora, cavalcando o campeão da raça Mangalarga, na X Exposição de Juiz de Fora.

animal que conta 13 anos de idade.

Competia com ela, até as duas últimas ordenhas um animal de propriedade do Sr. José Custódio Pinto, que, adoecendo, foi desclassificado.

COMISSÕES JULGADORAS

Alguns fazendeiros apelaram para que fizéssemos um comentário acerca das comissões julgadoras, de vez que não concordaram com algumas de suas decisões, entretanto, as aludidas comissões eram compostas de abalisados técnicos do Estado de Minas.

Aconselhamos aos Srs. Fazendeiros que se sentem prejudicados, recorrerem aos técnicos componentes daquelas comissões e indagaram dos motivos — pelos quais se julgam prejudicados, pois, a finalidade dessas Exposições é justamente esclarecer quaisquer dúvidas quanto à pureza das raças.

ENCERRAMENTO

A' noite, no edifício do Forum, teve

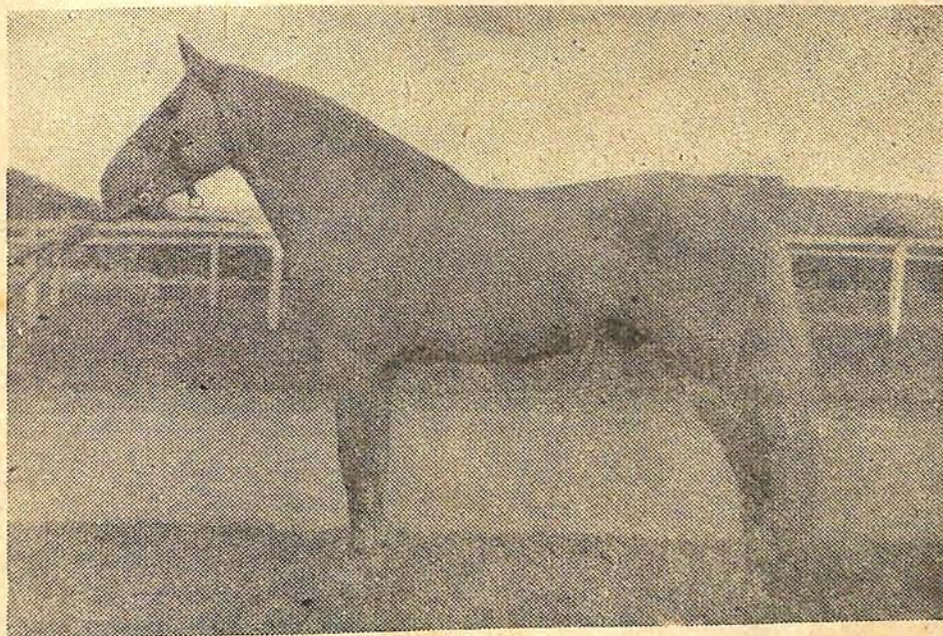
lugar a solenidade do encerramento, tendo sido convidado para presidi-la o Gal. Comandante da Região e o representante do Sr. Ministro da Agricultura.

Num discurso de agradecimento ao comparecimento de expositores e demais pessoas presentes, falou mais uma vez o Dr. Cleveland Duarte, aproveitando o ensejo para fazer a entrega dos prêmios aos respectivos vencedores.

Abrindo um parêntesis, nós, representantes da Imprensa Técnica, queremos salientar e agradecer as gentilezas e solitudes de que fomos alvo, por parte do Dr. Cleveland Braga, entre outras a de nos facultar — condução especial para nos conduzir ao local da Exposição, bastante afastada da cidade, facilitando assim a nossa tarefa. Muito gratos, Dr. Cleveland.



FAZENDAS "GOUVEA" e "SÃO JUDAS TADEU" Município de Juiz de Fora — E. F. C. B. — Estado de Minas Gerais. Prop. : Cel. Francisco Tostes



"TANGO" — Campeão absoluto da raça Campolina na X Exposição de Juiz de Fora e mais três primeiros prêmios em exposições regionais. Considerado o mais belo exemplar apresentado na X Exposição de Juiz de Fora.

FAZENDA DO GATETE

Mun. Mathias Barboza
Distrito Simão Pereira E.F.C.B.
Est. Paraibuna — Est. Minas

Prop.:

JOSÉ CUSTODIO PINTO

"CATETE — GHANDI" — primeiro prêmio da raça holandêsa, vermelho e branco. Puro por cruzar e com ano e meio

"CATETE — ELEGANTE II" primeiro prêmio e campeã da raça holandêsa, vermelho e branco. Com um ano e meio de idade e puro por cruzar.

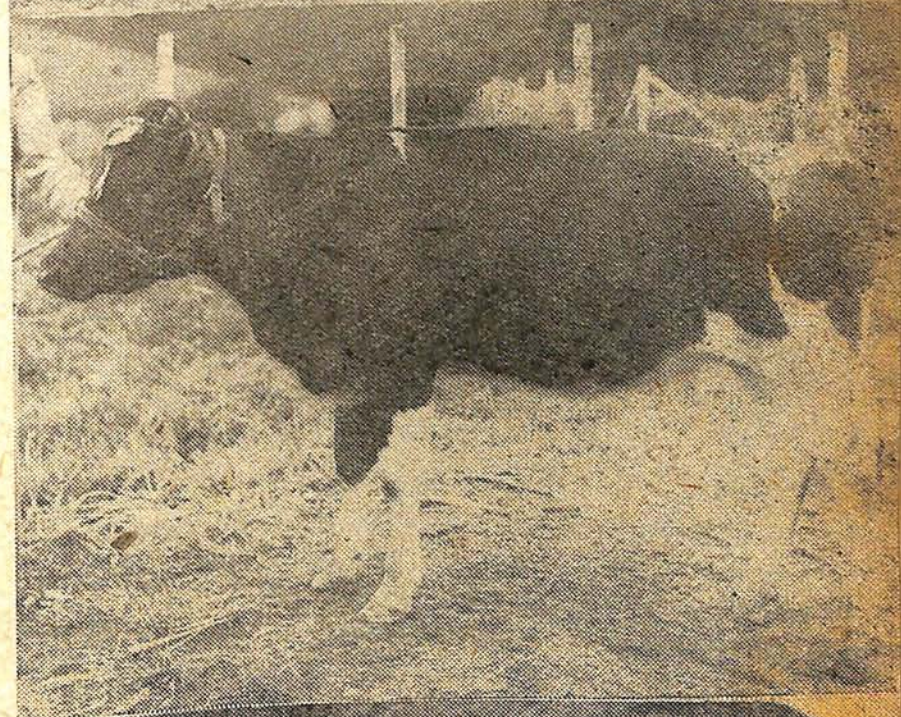
"CATETE — GEITOSA" - primeiro prêmio da raça Holandêsa, vermelho e branco, com 2 anos.

A "FAZENDA DO CATETE" possui finíssimo plantel de gado holandês, vermelho e branco. Deixou de ser classificada ao final do concurso leiteiro, apesar de estar na dianteira, por ter adoecido sua vaca concorrente.

"GRUPO DE RAÇA" — primeiro premio e campeão da raça holandêsa, vermelha e branca.

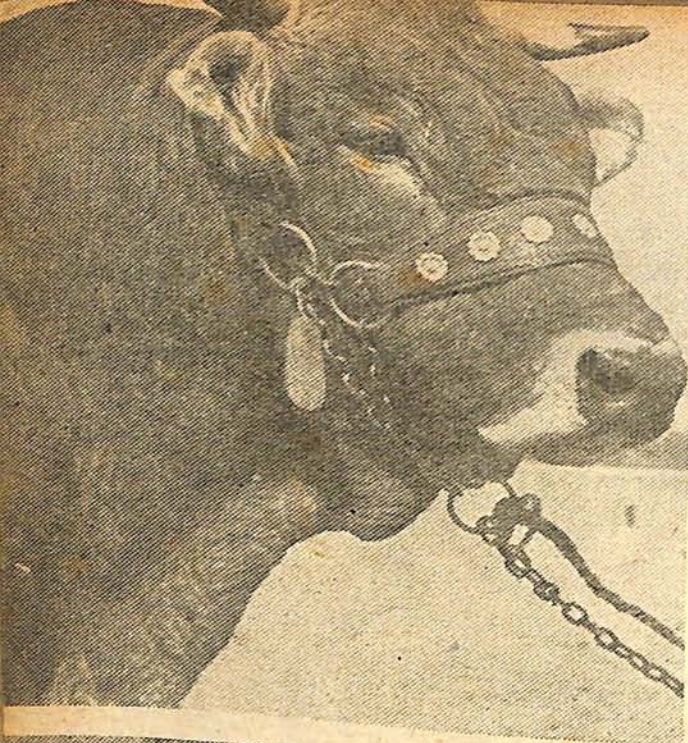


"CATETE — ELEGANTE" — primeiro premio e campeã da raça holandêsa, variedade vermelha e branca.



"FIDELIO" — primeiro premio e vice-campeão, registrado na A. P. C. B., adquirido na Exposição.





Écos da III Exposição Regional de Animais de S. João

“FAZENDA

S. João da Boa

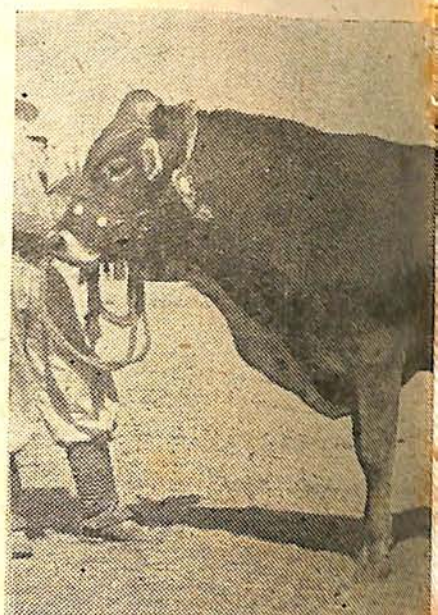
Prop.: José Procópio

O Sr. José Procópio de O. Azevedo, há mais de 20 anos que vem se dedicar à criação de gado. Para se ter uma ideia da alta qualidade desse rebanho e do sucesso alcançado, basta consultar a “Revista dos Criadores”, de Julho de 1941, Julho de 1944 e de Dezembro de 1944. A. P. C. B. E. é o único rebanho Schwyz que mantém a produção leiteira por 300 dias de lactação. Do sucesso que a representação do criador José Procópio alcançou em S. João da Boa Vista, nada melhor que as informações e clichês que foram apresentados o melhor touro da raça Indú-Brasil, “Americano II”, a

por: “Americano II”, “At-

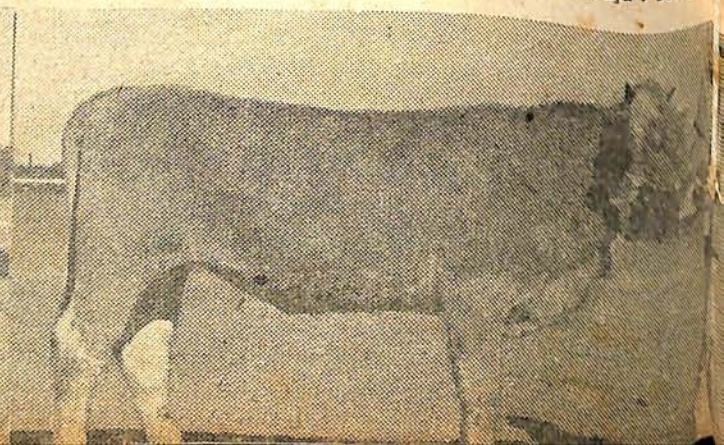


“BANDOLEIRO” — Puro de origem e primeiro premio da raça na I Exposição Agro-Pecuaría de Pirassununga e primeiro premio na categoria de machos com dois dentes, na III Exposição Regional de São João da Boa Vista.



“CHEQUE” — Puro de origem e primeiro premio da raça na I Exposição Agro-Pecuaría de Pirassununga e primeiro premio na categoria de machos com dois dentes. Foi cabeça do melhor conjunto de machos com dois dentes, na III Exposição Regional de São João da Boa Vista.

Reprodutoras puras de origem. Da esquerda para a direita: “BATALHA”, concorrente ao Concurso Leiteiro de São João da Boa Vista e primeiro premio na categoria de fêmeas sem muda. Os segundo e terceiro premios foram também conquistados pela “BATALHA”, bem pertenceu à Fazenda do Retiro. E finalmente, “PAPOULA”, considerada a “melhor fêmea da raça”. Pertence à Fazenda do Retiro.



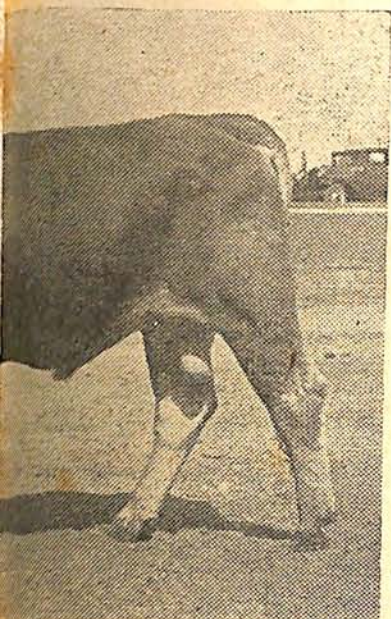
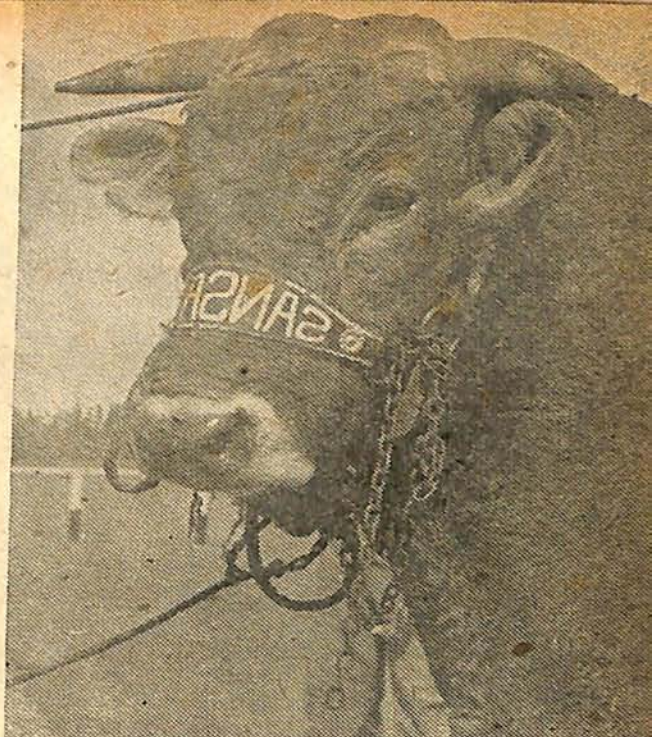
da Boa Vista

DO RETIRO"

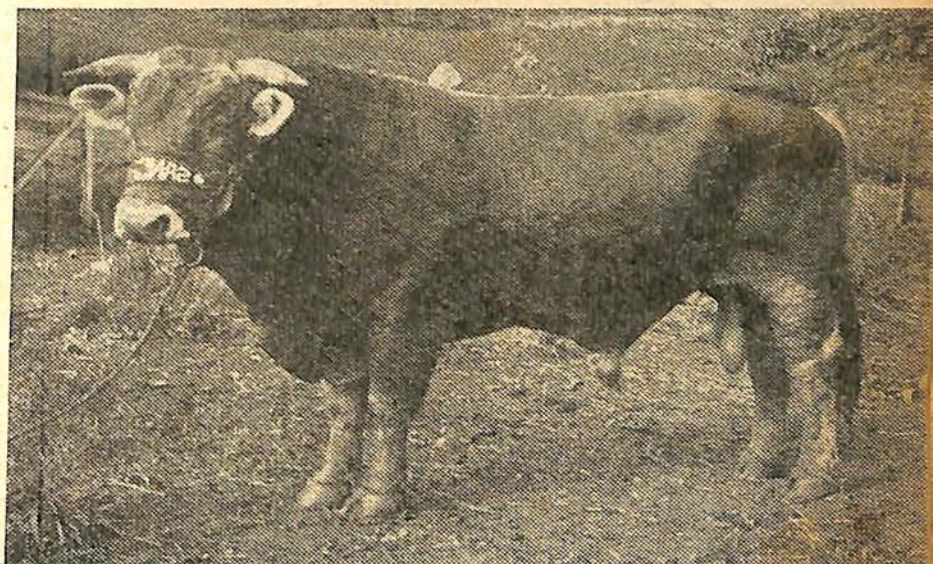
— Cia. Mogiana E. F.

de Oliveira Azevedo

dedicando a criação de gado Schwyz, puro de origem e puro por cruza. que vem alcançando em nossas exposições nada melhor do que vê a o de 1945. O rebanho é registrado e a produção leiteira controlada pela controlada e com varios resultados de 3.000 a 3.800 litros de leite em Procópio de O. Azevedo, alcançou na III Exposição Regional de Animais e estampamos nestas paginas e aos quais podem juntar-se, ainda, ao de o melhor fêmea da mesma raça, "Atrevida" e o melhor conjunto, formado eida", "Nila" e "Duqueza"

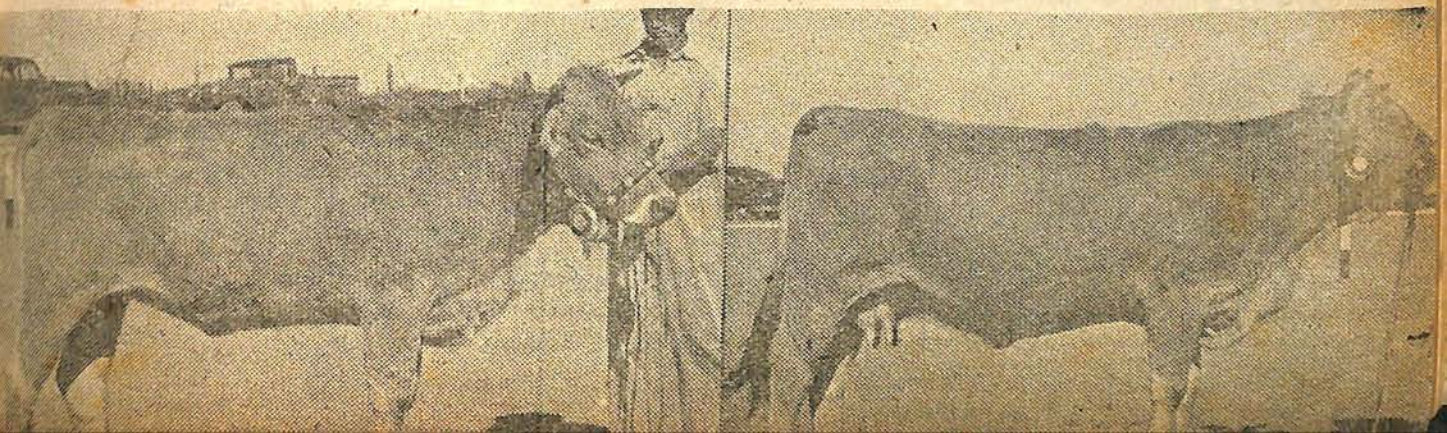


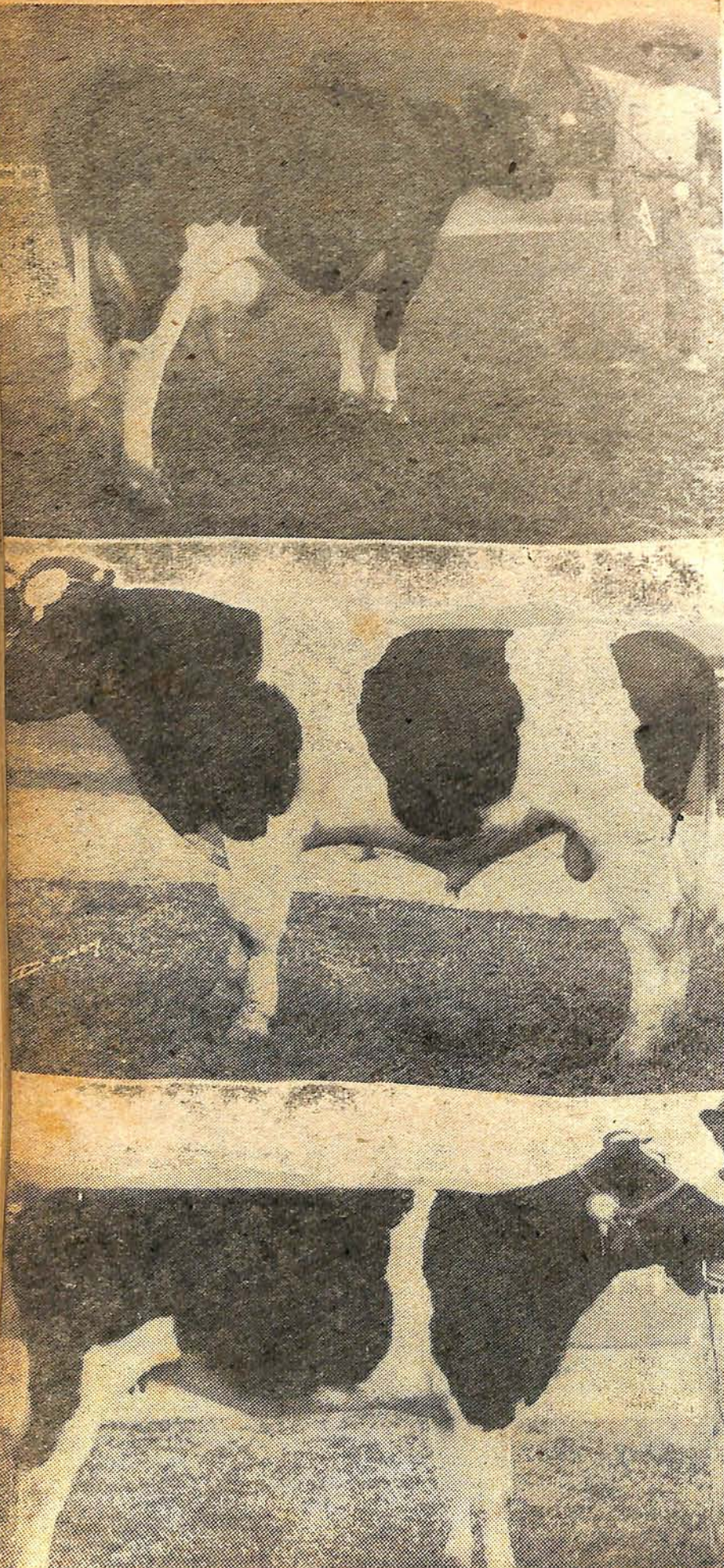
embo na categoria de machos com 2 da raça, integrado por "POLONE- Taça "Banco Mercantil do Estado



"SANSÃO" — Puro de origem. Atual chefe do rebanho e campeão em diversas Exposições.

a produção de 62,895 quilos de leite e 2.857,22 quilos de gordura com 3,33% de M. G. "GAZELA", primeiro da do Retiro. "PLATEA", primeiro premio na categoria de fêmeas com 4 dentes. sendo que o segundo premio tam- categoria de fêmeas com mais de 4 dentes e na qual os 2.o e 3.o premios pertenceram também à Fazenda do Retiro





X EXPOSIÇÃO AGRO-PECUARIA
DE JUIZ DE FORA

GRANJA FRISIA

Prop. :
JOÃO FRERICHs

Estação de Mantiqueira — Mu-
nicipio de Santos Dumont —
Estado de Minas Gerais

“FRISIA - CONFIANÇA” —
Campeã da raça Holandêsa.
Pura por cruza e com 6 anos

“FRISIA - JAN” — Reservado
campeão da raça Holandêsa.
Puro de origem e com 2 anos.

“FRISIA - MIMOSA” — Pre-
miada na Exposição. Pura de
origem e com 3 anos.

“FRISIA - MIMOSA — Premia-
da na Exposição. Pura de ori-
gem e com 3 anos.

A Granja “Frisia” vem apresentando
em varias exposições finissimos exem-
plares da raça Holandêsa, preto e
branco, sempre obtendo o maior su-
cesso.

GRANJA FRISIA

Prop. :
JOÃO FRERICHES

"FRISIA - CAPACIDADE" —
Reservada campeã da raça Ho-
landêsa. Pura de origem e com
3 anos.

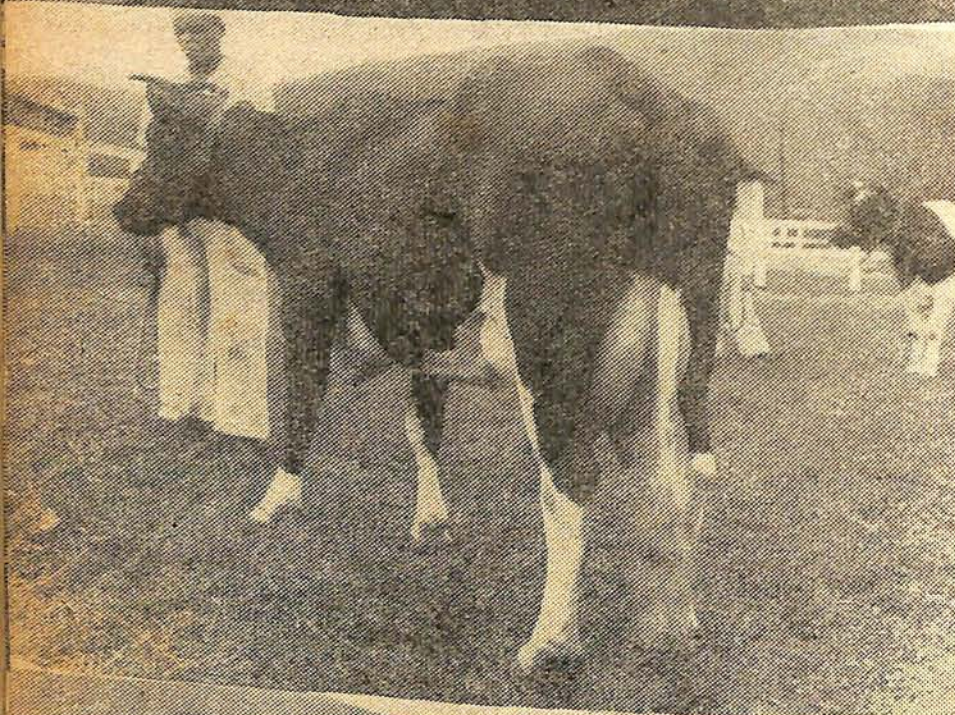
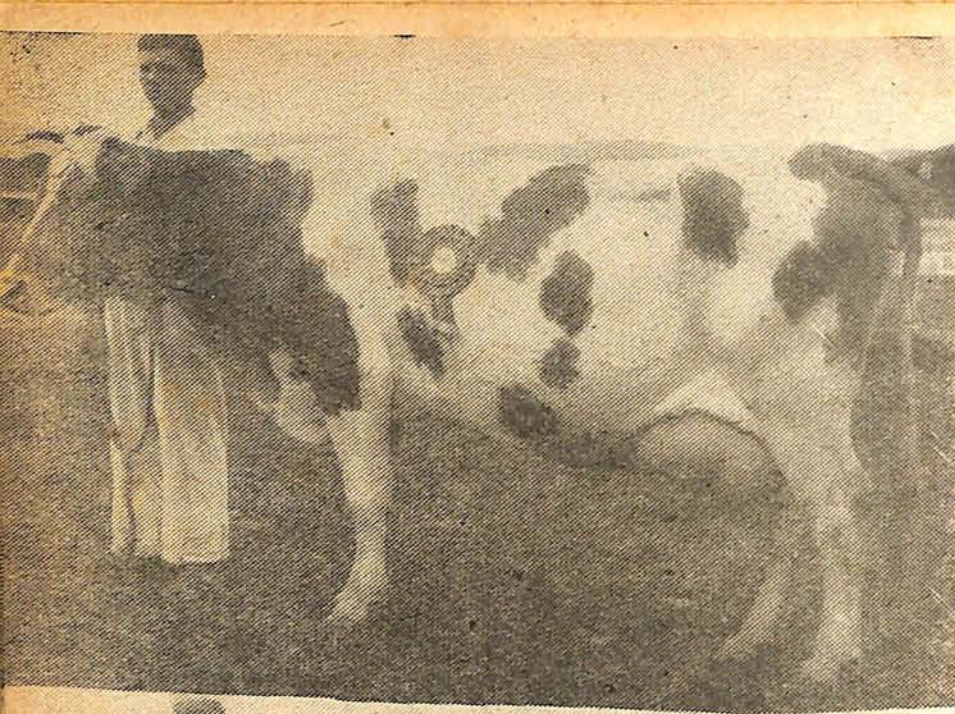


"FRISIA-JURITI" — Premiada,
pura de origem e com 2 anos.



"FRISIA - ANTENA" — Pre-
miada na Exposição. Pura de
Origem e com 2 anos.





X EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA
DE JUIZ DE FORA

FAZENDA DA "HERDADE"

Mun. MATIAS BARBOZA —

E. F. C. B.

Est. de Minas Gerais

Prop. :

JOSÉ DE ANDRADE REIS

"HERDADE GOVERNANTA" — Holandêsa, vermelha e branca, puro sangue. Campeã do Concurso Leiteiro na X Exposição Agro-Pecuária de Juiz de Fora e com a média diária de 26,716 quilos de leite. Registrada sob numero 9967 E. G. E.1 e nascida em 27 — 10 — 1935.

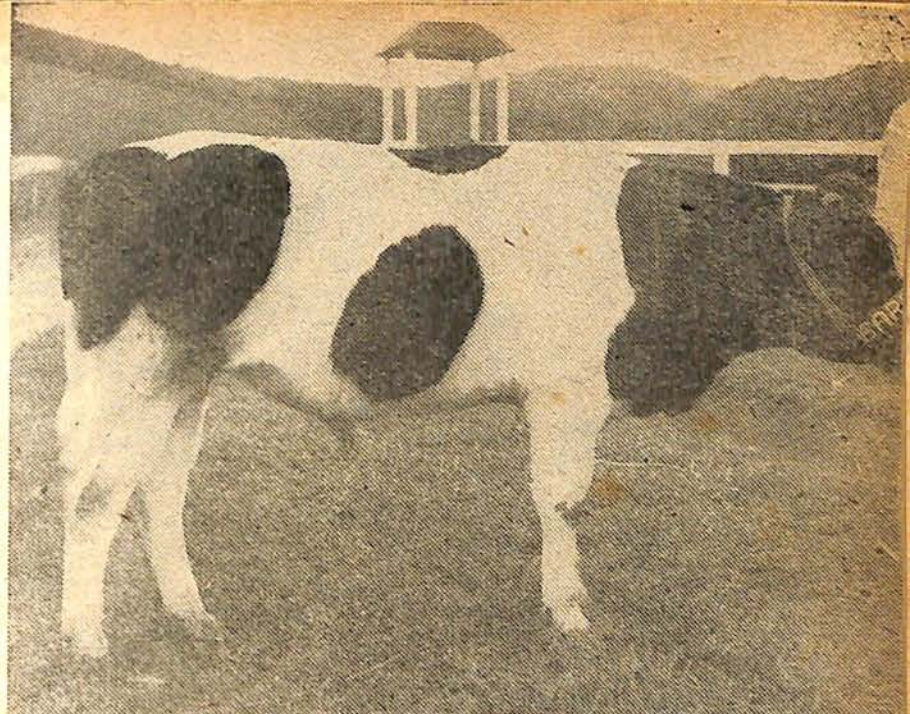
"HERDADE ALIADA" — primeiro premio em tipo e segunda colocada no Concurso Leiteiro com a produção diária de 25,516 quilos de leite. É uma holandêsa, preta e branca.

"HERDADE AMADA II" — da raça Holandêsa, preta e branca. Puro sangue de origem. Nascida em 7-2-1944 e registrada sob n. 9953 E. G. N. 1

A FAZENDA DA "HERDADE" TEM SEMPRE À VENDA GADO HOLANDES VERMELHO E BRANCO, PRETO E BRANCO E CAVALOS MANGALARGA.

FAZENDA DA HERDADE

"HERDADE BORADEIRO" — primeiro premio e puro de origem. Nascido em 25-2-1947 e registrado E. G. O. 1. E' tataraneto de "Syylvia — Colantha Carinhosa Pontiac", que foi campeã argentina e mundial de leite.



"HERDADE-CERES II" — segundo premio e puro de origem. Registro E. G. O. 2 e irmão de "Boradeiro".



Grupo de oito vacas e dois touros puros de sangue.

A Fazenda da Herdade apresentou dez animais, nove dos quais foram premiados, sendo o décimo já campeão do ano anterior. Na parte agricola expôs café despulpado, tirando o primeiro premio.



X EXPOSIÇÃO - FEIRA AGRO-
PECUÁRIA DE JUIZ DE FORA



ALGUNS EXEMPLARES DE
NOVILHAS DA RAÇA
GUERNSEY, PREMIADAS, DO
REBANHO DA GRANJA "PRI-
MAVERA", DE PROPRIEDA-
DE DO ENGENHEIRO AU-
GUSTO BOTELHO JUNQUEI-
RA, NO BAIRRO DA GRAMA
(MUCUNGÊ), ARREDORES
DA CIDADE DE JUIZ DE
FORA.

Avda. Barão do Rio Branco, 1721
Caixa Postal, 49 — Fones: 1690 e 3043

JUIZ DE FORA

Estado de Minas Gerais.

FAZENDA TABATINGA

Serraria - Matias Barbosa

L. F. C. B. — Est. de Minas Gerais

Prop. :

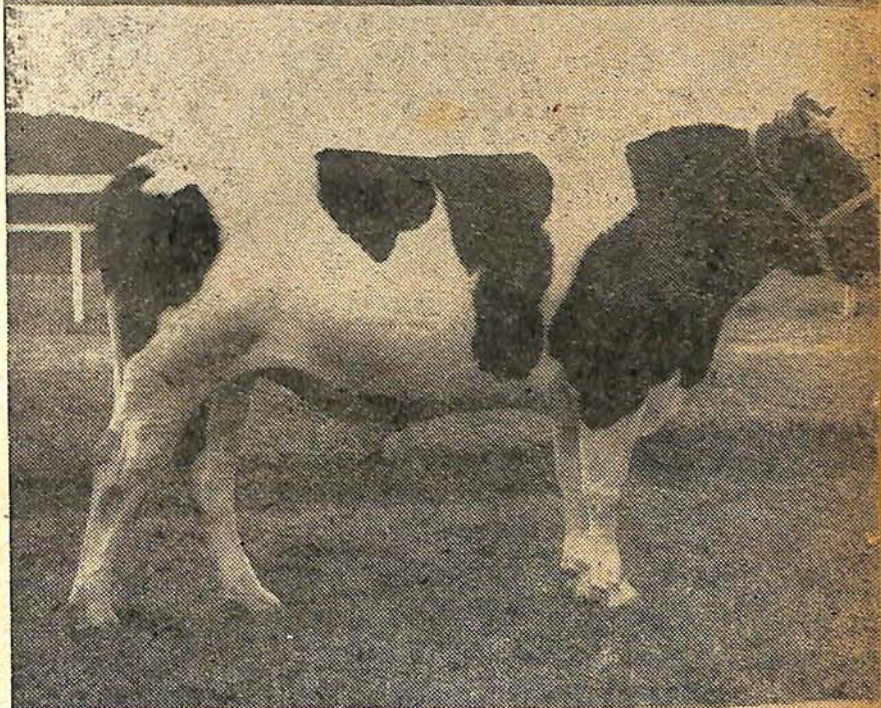
CEL. SEVERINO JUN-
QUEIRA DE ANDRADE

"OCEANO" — Da raça holan-
dêsa, preto e branco, primeiro
prêmio e com dois anos de
idade.

"APICE" — da raça holandêsa,
preto e branco, premiado e com
dois anos e meio.

"JAFFA" — da raça Holandê-
sa, primeiro prêmio e puro
por cruza.

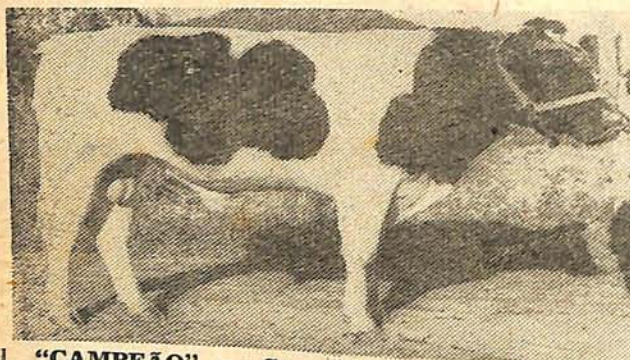
A fazenda TABATINGA não só
cria gado da raça holandêsa
preto e branco como, também,
cavalos Mangalarga, de pura
origem.



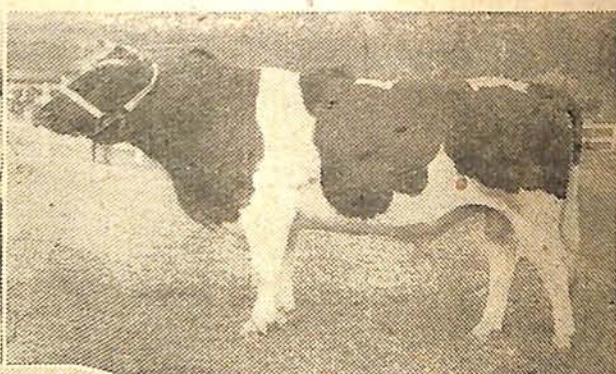
Fazenda "Bôa Esperança"

Treis Ilhas — E. F. C. B. — Estado de Minas

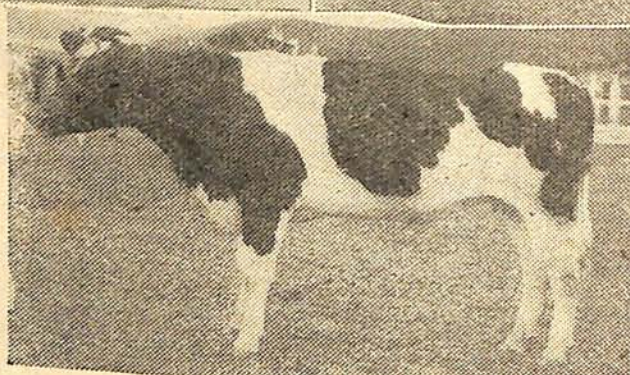
Prop. : JOAQUIM JOSE' PINTO



"CAMPEÃO" — Segundo premio da raça Holandêsa, preta e branca, na X Exposição de Juiz de Fora.



"BRASIL" — 1.º premio da raça Holandêsa, preta e branca, na X Exposição Agro-Pecuaría de Juiz de Fora.



"GLORIA" — Um segundo premio da raça Holandêsa.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES DA RAÇA HOLANDÊSA

Fazenda "Santa Antonina"

MUNICIPIO DE ALÉM PARAIBA — E. F. C. B. — Estado de Minas

Proprietario : José B. Ferreira da Fonseca



"SOL" — Segundo premio e "ao nosso ver" o melhor representante da raça.

A Organização dos Serviços de Controle Leiteiro no Estado de S. Paulo

Relato sobre a organização de um Serviço de Controle Leiteiro e Mantigueiro em uma associação de criadores e sobre um novo método agora em experimentação.

FIDELIS ALVES NETTO
Médico Veterinário

Esta é a quarta parte deste trabalho. A primeira parte ou seja: "A Introdução" e "Organização atual de controle leiteiro "padrão", foi publicada na edição de Março. Na edição de Abril, publicamos o final dessa parte, mais: "Controle leiteiro "Inicial". Na edição de Maio, entramos na "Discussão da organização e execução do Serviço de Controle Leiteiro "Padrão" e vantagens e proveitos do Controle Leiteiro "Inicial". Agora, finalizando essa série de trabalhos, publicamos; "Normas para a execução do Controle Leiteiro "Inicial", finalidades, da inscrição, do método e execução do controle leiteiro inicial, do sistema de calculo, do registro dos resultados, do local de análises e calculos, penalidades e disposições gerais.

Art. 1.º — O "Controle Leiteiro Inicial" organizado pela Secção de Controle da Produção Animal, (S. 51 da D. 5), do Departamento da Produção Animal, tem por finalidades:

a) controlar e registrar a quantidade e o valor butíroso do leite dos rebanhos leiteiros pertencentes aos criadores inscritos no referido Serviço;

b) registrar a alimentação fornecida aos animais sob controle com o fim de orientar o arraçamento e determinar o custo de produção de leite;

c) fornecer aos criadores elementos que permitam empreender a seleção e o melhoramento dos rebanhos.

DA INSCRIÇÃO

Art. 2.º — Os criadores que desejarem submeter a controle animais de sua propriedade deverão pedir sua inscrição na sede do Serviço de Controle Leiteiro — P.D.A. — ou em inspetorias regionais.

Art. 3.º — Poderão ser inscritos no Controle Leiteiro Inicial vacas de quaisquer raças, graus de sangue e idade. No ato de inscrição deverão ser fornecidos os seguintes dados, em relação a cada vaca: nome, número e entidade de registro (quando numerada ou registrada em Herd-

Book), data do nascimento (ano, ou idade apenas, na falta de outros dados), raça, grau de sangue ou predominância e data da parição. Com relação à propriedade, nome, situação e demais dados que permitam o fácil acesso.

§ Único — A primeira inscrição será feita de acordo com o art. 2.º; a inscrição dos demais animais será feita por ocasião do controle leiteiro fornecidos então os dados acima referidos.

DO MÉTODO E EXECUÇÃO DO CONTROLE LEITEIRO INICIAL

a) GERAL

Art. 4.º — O controle leiteiro e butírométrico será mensal.

Art. 5.º — O prazo normal de duração do controle será de 300 dias, contados a partir do 8.º dia da parição, inclusive. Os casos de lactações inferiores ou superiores a 300 dias serão assinalados nos registros, no último caso os cálculos deverão fornecer também a produção referente a 300 dias. Não serão controladas lactações superiores a 365 dias.

Art. 6.º — O término da lactação quando verificado antes de 300 dias contados do 8.º dia, inclusive, da

data da parição, deverá ser assinalado; em caso de dúvida ele será considerado como o 15.º dia após o último controle em que a vaca produziu mais de 1 (um) quilo de leite.

Art. 7.º — O controle executado mensalmente compreende a produção de 24 hs.

Art. 8.º — O criador ou seu encarregado fará a pesagem do leite de cada vaca, registrando a produção no impresso fornecido pelo serviço e em seguida colherá uma amostra do mesmo diretamente do balde, depois de estar cuidadosamente homogeneizado. Esta operação será feita em cada ordenha separadamente.

Art. 9.º — A cada amostra de leite a ser enviada para análise, deve ser adicionado um conservador, de acordo com as instruções fornecidas na ocasião.

Art. 10 — Os resultados das pesagens bem como as amostras, devidamente marcadas e coincidindo com os registros de produção, em seguida à última ordenha serão entregues ao encarregado do serviço para análise, cálculo e registro.

Art. 11 — Os funcionários do serviço sempre que possível acompanharão os trabalhos de pesagem e

Norte do Paraná

Vendem-se ótimas terras para plantação de café e cereais, bem como para criação de gado e porcos, em pequenos e grandes lotes, com facilidade de pagamento.

CLIMA SAUDÁVEL — TERRA FERTIL — ESTRADA DE FERRO E DE RODAGEM

Para mais informações dirijam-se á

CIA. DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

A maior empresa colonizadora da América do Sul

Centro de Administração e Agência Principal:

LONDRINA — R. V. P. S. C. — PARANÁ

Sede:

SÃO PAULO — Rua São Bento, 329 — 8.º and.

Titulos registrados sob N. 12, de acôrdo com o decreto N. 3078, de 15 de Setembro de 1938.

NOTA: — Nenhum agente de venda está autorizado a receber em nome da Companhia.

b) QUANTIDADE TOTAL DE MATÉRIA GORDA — A quantidade total de matéria gorda de uma lactação é calculada do mesmo modo que a do leite, dividindo-se a soma das quantidades obtidas em cada dia de controle, pelo número de controles e multiplicando-se o resultado pelo número de dias de lactação.

Para obter-se a quantidade de matéria gorda produzida em Cada Dia de Controle, mensal, procede-se do seguinte modo: multiplica-se, separadamente, o número correspondente à quantidade de leite pela percentagem de matéria gorda verificada em cada ordenha e somam-se os resultados. Para êsse cálculo pode-se aplicar a seguinte fórmula:

$$Qmg = \frac{L \times \% M.G.}{100}, \text{ onde}$$

Qmg = quantidade de matéria gorda,

L = quantidade de leite,

%M.G. = percentagem de matéria gorda.

Para calcular-se a QUANTIDADE TOTAL DE MATÉRIA GORDA DE UMA LACTAÇÃO, pôde-se aplicar a seguinte fórmula:

$$Qmg = \frac{Smg}{n} \times N,$$

Qmg = quantidade total de matéria gorda,

Smg = soma das quantidades de matéria gorda verificada em cada dia de controle,

n = número de dias de controle,

N = número de dias de lactação.

c) PERCENTAGEM MÉDIA DE GORDURA DA LACTAÇÃO — A percentagem média de gordura de toda a lactação será calculada pelos resultados obtidos nos diversos controles. Para isso multiplica-se a quantidade total de matéria gorda da lactação por 100 e divide-se o produto pela quantidade total de leite. Obtem-se assim a percentagem média de gordura para toda a lactação. Pôde-se aplicar a seguinte fórmula:

$$P = \frac{Qmg \times 100}{Ql}, \text{ onde}$$

Qmg = quantidade total de matéria gorda,

P = percentagem de matéria gorda,

Ql = quantidade total de leite.

DO REGISTRO DOS RESULTADOS

Art. 17 — Para registro dos resultados serão empregados os impressos e fichas que forem necessários, sempre em número mais reduzido pos-

colêta de amostra, auxiliando quando necessário.

Art. 12 — O registro dos componentes da ração e regime de trato serão anotados pelo encarregado do serviço.

Art. 13 — Nos casos de irrupção de febre aftosa ou outra moléstia aguda infecciosa e de fácil disseminação o criador deverá comunicar o fato imediatamente ao Serviço de Controle Leiteiro.

b) DO SISTEMA DE CÁLCULO

Art. 14 — Nas folhas de registro o criador deverá comunicar a data de parição das vacas que entram em controle, secagem, transferência, doenças, etc..

Art. 15 — Mensalmente serão fornecidos aos criadores inscritos os resultados parciais e finais de controle leiteiro e mantigueiro.

Art. 16 — Os cálculos parciais e finais de quantidade de leite e matéria gorda serão procedidos tendo por base o seguinte:

§ 1 — No fim da lactação será calculada a produção total de cada vaca, de acôrdo com os resultados mensais, sendo considerados:

a) quantidade total de leite:

b) quantidade total de matéria gorda;

c) percentagem média da matéria gorda de toda a lactação.

§ 2 — O cálculo para obtenção desses valores será procedido da maneira seguinte:

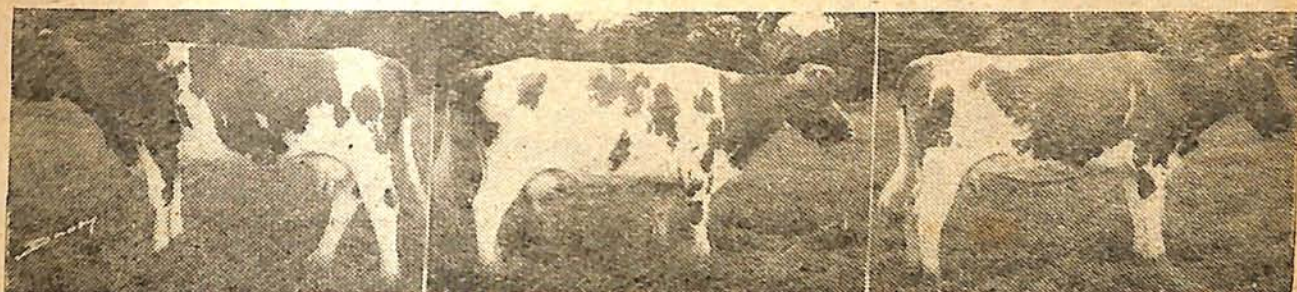
a) QUANTIDADE TOTAL DE LEITE —

Determina-se, primeiro, a média das quantidades de leite obtidas nos controles mensais. Para êsse fim divide-se a soma das quantidades de leite controladas pelo número de controles efetuados e multiplica-se em seguida o resultado pelo número de dias de lactação.

A quantidade total de leite pode ser calculada, pois, de acôrdo com a seguinte fórmula:

$$Q = \frac{S}{n} \times N, \text{ onde:}$$

Q = quantidade total de leite,
S = soma das quantidades de leite obtidas nos diversos controles,
n = número de controles efetuados,
N = número de dias de lactação.



“Valquira”, Mombuca” e “Platina”, com a produção leiteira controlada pela A. P. C. B. e pertencentes ao rebanho de holandês, vermelho, do Sr. Orlando de Barros Pereira.

sível. Ao criador será feita uma comunicação semestral dos resultados obtidos.

Art. 18 — As vacas inscritas receberão o N. de inscrição próprio, o qual não mais deverá ser dado a outro animal, ainda que o 1.º seja afastado do controle. Cada séde de controle terá um prefixo, ficando livre para numerar os animais registrados.

Art. 19 — Todas as comunicações feitas pelo serviço quer dirigidas aos criadores interessados, quer a outrem, independentemente do fim a que se destinam, devem encerrar a declaração de que as pesagens e amostras foram fornecidas pelo criador.

Art. 20 — Não serão emitidos certificados de produções controladas neste serviço.

DO LOCAL DE ANÁLISES E CALCULOS

Art. 24 — Obrigações — são condições para usufruir os benefícios do serviço:

a) fornecer os dados referentes à inscrição, pesagem e colêta de amostras com a máxima lisura;

b) não se esquecer que nos dias de controle os bezerros não poderão mamar diretamente nas vacas e sim serem alimentados em baldes ou não serem alimentados;

c) permitir a entrada dos funcionários do serviço nos estábulos e locais de ordenha para acompanhar o andamento das provas;

d) zelar pela conservação do material que lhe fôr entregue, responsabilizando-se pela devolução integral, e

e) aceitar como definitivos os dias marcados para o controle, quaisquer que sejam as condições do gado, tempo e fazenda, exceto no caso do art. 13.

Art. 23 — Direitos — Os criadores inscritos no Controle Leiteiro Inicial têm direito a:

a) uma comunicação mensal dos resultados parciais e finais de lactação dos seus animais;

b) a consulta sobre o andamento do controle de suas vacas;

c) a consultas detalhadas sobre trato e alimentação do gado leiteiro, e

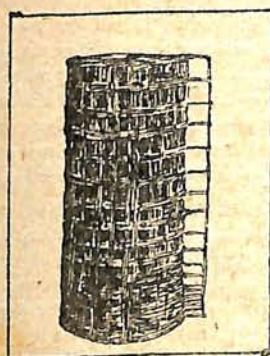
d) a reclamação sobre irregularidades verificadas no comportamento dos funcionários ou da execução dos serviços.

PENALIDADES

Art. 24 — Os criadores que no correr dos trabalhos se afastarem da verdade, em seu prejuízo e em prejuízo do serviço terão a sua inscrição cancelada.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 25 — Os casos omissos no presente regulamento serão resolvidos pelo encarregado chefe do serviço ou pela chefia da Secção de Controle da Produção Animal e seus superiores conforme a sua importância.



TÉLAS DE ARAME 9 VÊZES GALVANISADO — importado dos Estados Unidos — **PARA CERCADOS DE GADO, PORCOS, AVES, ETC.**

Altura Fio N.º de Fios Espaço de fios Rolos Metro

Metros	N.º	Horizontais	Verticais	mts.	Ks.	Cr\$
1,07	11	9	6"	100	133	13.00
1,24	14,5	20	6"	50	38	13.00
1,54	14,5	23	6"	50	44	15.00

ARTHUR VIANNA — CIA. DE MATERIAIS AGRICOLAS

Rua Florêncio de Abreu, 270 — Tel. 2-7101 — S. PAULO

BRUCELOSES ANIMAIS

MARIO D'APICE

Med. Vet. — Instituto Biológico

A denominação de brucelose, abrangendo a febre ondulante do homem, a melitococcia das cabras e ovelhas, os abortos contagiosos da vaca e porca, e certas infecções de caráter purulento, em outras espécies animais.

A importância que a brucelose, especialmente a bovina, está assumindo entre nós, pelo elevado índice de infecção e prejuízos econômicos, além do perigo da infecção do homem, exige que se tomem desde já as providências, afim de permitir e possibilitar a aplicação das medidas sanitárias indicadas, atendendo particularmente às nossas condições econômicas de criação.

BRUCELOSE BOVINA

A brucelose bovina ou aborto contagioso das vacas, é uma infecção muito contagiosa, caracterizada clinicamente pelo acentuado número de abortos em série, acompanhados de retenção das secundinas. Trata-se de uma das mais graves doenças dos bovinos, porquanto, com o aborto, além da perda do bezerro, sobrevêm em geral complicações, por mamites, com diminuição de produção de leite, mortalidade dos bezerros recém-nascidos, infecções uterinas que não raramente terminam com a esterilidade da vaca.

A doença é devida ao microbio chamado *Brucella abortus*.

A vaca infectada, por ocasião do aborto, elimina grande quantidade de germes contidos no útero, placenta e feto, disseminando-os, assim nos pastos, alimentos, água, utensílios, etc. O leite também veicula o microbio do aborto, quando este se localiza no úbere.

A infecção dos bovinos processa-se em geral, pela ingestão de alimentos e água contaminados pelo microbio causador do aborto, em

virtude das continuas descargas das vacas infectadas. A penetração desse microbio pode-se dar pelo contacto da pele, mesmo intacta, com material contaminado; pelo habito das vacas lambem as secreções ou o produto do aborto, e pelos olhos (conjuntiva), quando atingidos pelos líquidos infectados, etc. Os bezerros se infectam transitoriamente através da ingestão do leite contendo o microbio do aborto.

O microbio do aborto para se instalar e infectar o organismo apresenta uma particularidade interessante: é preciso que os animais tenham atingido a maturidade sexual (idade de reprodução). Assim, entre os bezerros, o germe dissemina-se sem maiores consequências, por não encontrar as condições favoráveis para se fixar. Nas novilhas e vacas prenhes, o microbio se localiza no útero, provocando os fenômenos inflamatórios que originam o aborto. A maioria das vacas infectadas aborta uma, duas e raramente três vezes, dando a seguir cria a termo, com a eliminação de grande quantidade de microbios do aborto. Essas vacas aparentemente "curadas" é que constituem o perigo permanente, porquanto transformando-se em "portadoras de microbios", em cada cria normal, eliminam descargas infectantes, disseminando assim a doença às novilhas e vacas que com elas estão em contacto, particularmente na ocasião da cria ou aborto.

A introdução de "portadoras de microbios" é a responsável pela instalação e disseminação da doença num rebanho, até então não infectado.

No início o número de abortos em série se repete, atingindo até 40 a 50% do rebanho. Os bezerros às vezes nascem a termo, porém mortos ou então morrem em geral na primeira semana de vida. A re-

tenção da placenta é muito comum, perdurando um corrimento infectante que dura até meses. Quando isso ocorre num rebanho e coincide com a introdução de vacas há algum tempo, deve-se suspeitar da brucelose bovina. Entretanto, a certeza só pode ser oferecida pelo exame de soro-aglutinação, que consiste na pesquisa de elementos contidos no soro do sangue, presentes apenas no animal infectado, e que tem a propriedade de aglutinar os microbios que lhe deram origem (neste caso o microbio do aborto).

BRUCELOSE SUINA

Nos porcos a infecção é muito grave, e o germe, embora semelhante ao do aborto das vacas, tem propriedades particulares, sendo denominado *Brucella Suis*.

Os sintomas mais comuns se caracterizam pelo aborto, que em geral ocorre no 2.º ou 3.º de mês de prenhez, esterilidade, irregularidade do cio, retenção da placenta, etc. No cachaço, além de lesões articulares, a manifestação mais comum é a orquite, ou inflamação dos testículos donde resulta tornar-se infecundo.

O combate à brucelose suína, uma vez que não há tratamento específico, reside apenas no exame de sangue submetendo todos os animais à soro aglutinação e removendo aqueles que reagirem positivamente. O mesmo critério deve ser aplicado aos animais adquiridos, antes de serem colocados na criação.

Considerando a gravidade e a facilidade com que os homens se infectam devemos ter o máximo cuidado em manipular os produtos de origem suína. Aliás, nos matadouros e frigoríficos é que o homem tem maiores probabilidades de se contaminar, conforme mostram as estatísticas a respeito.

BRUCELOSE CAPRINA

Nas cabras e ovelhas, a infecção, pelo menos em nosso Estado, apresenta apenas interesse experimental, porquanto até o momento não ocorreu, felizmente, a verificação de nenhum caso de infecção quer nos animais, quer no homem. Isto não afasta o prosseguimento de continuas pesquisas, tendo-se em conta que o germe específico desta doença (*Brucella melitensis*), é a causa da brucelose mais grave e mais mortal ao homem.

MÉTODOS DE COMBATE À BRUCELOSE BOVINA

Resumidas as características da doença nos animais e tendo presente que essa infecção pode acometer o homem, tratemos da orientação sanitária que devemos seguir para controlar esta gravíssima doença. Daremos ênfase particularmente ao combate à brucelose bovina, por ser esta, pelo menos entre nós, a mais comum.

Os diversos métodos de combate à brucelose bovina baseiam-se no estabelecimento do diagnóstico dos animais infectados, às vezes mesmo aparentemente sadios, porque eles constituem a fonte mais perigosa de contágio. Dentre as várias provas, a soro aglutinação destaca-se por uma série de razões, dentre as quais, por ser a mais prática e eficiente. Baseados nessa prova diagnóstica estabeleceram-se os seguintes métodos de combate:

a) — Erradicação ou sacrifício dos animais reagentes: — Consiste em submeter o rebanho a repetidas provas de soro-aglutinação eliminando-se e sacrificando-se os animais com reação positiva.

Este método, teoricamente, não permitiu alcançar na prática os resultados que eram de se esperar. A impressão geral que se tem é de que não basta eliminar os animais infectados, mas é preciso também proteger, ao mesmo tempo, os animais sadios, afim de abrigá-los contra a infecção. Há a acrescentar que, pelos continuos afastamentos de animais produtivos, sem indenização alguma, criamos um sério problema econômico que os criadores não poderão arcar, donde o desinteresse pela execução e observação desse método.

Ao cuidarmos do problema sob o ponto de vista sanitário, não podemos, nem devemos relegar a plano secundário os interesses do criador, que consistem antes de tudo, em proteger os animais sadios.

b) — Separação em dois rebanhos: — Os animais infectados, em lugar de serem sacrificados são colocados em outro local, absolutamente isolados, de modo a se formarem dois rebanhos, um infectado e outro indene. Sua aplicação cria tantas dificuldades, como: instalação, utensílios, pessoal de serviço, pastos, etc., absolutamente isolados, que não permite uma ampla execução. Não há criação, pelo menos

em nossas condições, capaz de suportar economicamente as despesas de manutenção de duas criações isoladas numa só fazenda.

c) — Vacinação: — As tentativas de vacinação datam desde a descoberta da doença. Após muitos estudos e experiências verificou-se que uma amostra especial do microbio, a *Brucella 19*, era capaz de conferir sólida resistência à doença.

Recomenda-se sua aplicação, sem restrição, aos bezerros de 6 a 10 meses. Entre nós, como em outros países, aplica-se e recomenda-se a vacinação dos bezerros, associada ou não aos planos de combate que assinalamos atrás.

Entretanto, nós no Instituto Biológico, baseados em verificações feitas por autores estrangeiros e por nós também realizadas chegamos à conclusão que será de toda a conveniência a vacinação dos animais adultos, independente da idade. Infelizmente, embora a vacinação de adultos não seja contraindicada, mas até vantajosa sob certos aspectos, pois lhe garante pela vacinação uma proteção ativa contra a brucelose, apresenta a séria desvantagem de tornar os animais com reação positiva, impossibilitando a distinção posterior dos animais infectados dos vacinados. Apesar disso é preciso convir que o sacrifício dos reagentes ou a formação de dois rebanhos não deve ser aconselhada sob pena de imprevisíveis prejuízos, não porque deixe de estar teoricamente certo, mas por uma série de circunstâncias, ligadas às nossas condições de criação, índice de infecção brucélica, sistema de exploração, deficiência técnica material para assegurar uma extensão mais ampla e mais rigorosa de controle, etc.. Por essa razão, temos a impressão que seria desejável imprimir outra orientação, em face dos novos conhecimentos e novas condições de trabalho, sob pena de sobrevir o desinteresse ante a incerteza da falta de adequada proteção dos animais ainda não infectados.

Baseados nos trabalhos estrangeiros e em nossas próprias observações, recomendaríamos a observação de um certo número de providências em consideração aos seguintes fatos:

a) — O animal infectado não aborta durante toda a vida, mas em geral, apenas duas ou três vezes, depois das quais pode dar cria a termo. Esses animais, não constituindo fonte do contágio e de dis-

NÃO! não marque seu gado a fogo USE

PASTA RADICAL

LATA (1/2 Quilo) Cr\$ 40,00

Um produto que revolucionou os antigos processos de marcação a fogo.

Rápido. Econômico. Indolor. Protege o couro. Evita bicheiras. Aplicação fácil.

Pedidos pelo
REEMBOLSO POSTAL
Representante:
José Aparecido Ramos Calvoso

Rua Anita Garibaldi, 231 — 1.º andar — Sala 109
Tel. 3-4021 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 100



seminação da doença aos vacinados, não precisam ser eliminados, a menos que sejam vacas de baixo preço, de pouca produção leiteira ou estéreis.

b) — O papel do touro na transmissão da doença tem sido objeto de inúmeras atenções, entretanto, a observação e experiência sob as mais severas condições, demonstraram que o mesmo só deve ser eliminado quando apresentar orquite (complicação frequente da doença), porque neste caso, constitui um mau reprodutor e quase nunca um transmissor ativo da doença.

c) — O êxito de uma campanha dessa natureza só poderá ser praticamente assegurado quando todo o serviço estiver sob orientação de instituições oficiais. A conservação da amostra da Brucella 19 requer condições apropriadas: os antígenos deverão ser rigorosamente controlados e a vacina, por se tratar de amostra viva, também que seja mantida sob cuidados pois mesmo assim, sua duração é muito limitada. Paralelamente, o critério da aplicação da vacina em um rebanho deve obedecer a uma série de condições capazes de tornar os resultados de uma campanha geral tão uniformes quanto possíveis para que toda e qualquer deficiência ou descuido não redunde em prejuízo do valor do método, descredenciando assim, injustamente, perante os criadores, um dos processos mais satisfatórios e eficientes de combate à brucelose.

Em face dessas considerações, as providências que julgamos mais condizentes com nossas condições econômicas e de criação seriam:

1.o — Vacinação geral dos bezerros acima de 6 meses de idade e dos adultos que reagirem negativamente à prova de aglutinação, desde que a infecção seja comprovada bacteriológica ou sorologicamente. A marcação e o atestado de vacinação se limitariam apenas aos bezerros vacinados de 6 a 10 meses de idade.

2.o — Todos os animais adultos que apresentassem reação positiva deveriam ser considerados como infectados. Entretanto, aos animais puros ou destinados ao registro genealógico ou os que o criador julgar necessário, poderiam ser submetidos a duas provas de aglutinação, com intervalo de 30 a 60 dias. Caso apresentassem reação negativa, seriam marcados e lhes seria forne-

cido um atestado de vacinação, com todos os elementos de identificação ao serem vacinados, afim de salvaguardar os interesses em jogo.

3.o — A vacinação se faria uma única vez e por um prazo limitado, procurando abranger o maior número possível de rebanhos. Decorrido esse tempo, a vacinação se aplicaria apenas aos bezerros, associada ou não aos outros planos de erradicação.

4.o — Com esta orientação, protegeríamos imediatamente os bezerros e os animais adultos ainda indenes, com todas as vantagens decorrentes e com o mínimo de sacrifício e esforço.

A desvantagem da persistência do título aglutinante, cuja distinção poderia influir sobre o valor econômico do animal, seria contornada pela aglutinação prévia e respectivo atestado de vacinação. ("O Biológico" — Março-1948)



Dinol
PROTEGE
A CRIAÇÃO

DÁ gosto ver como sara uma cria atacada de diarreia e tratada com Dinol. Na fazenda, o Anti-Disentérico Dinol vale o mesmo que um pião, visto que facilita o trabalho de todos, curando logo e salvando tempo para outros serviços. Aplica-se tanto em leitão como em galinha, tanto em bezerro como em gado grande. Fácil de dar por boca, nunca faz mal, sai barato e, além de curar, desinfeta as fezes, evitando novos contágios. Porisso, o patrão enche o peito e garante: "Dinol, além de pião é dotôr".

• O Anti-Disentérico Dinol é dado por boca, em qualquer estado, idade ou espécie de animal — não tem contra-indicações; pode ser guardado muito tempo, nunca se estraga.

• Os maiores criadores do Brasil afirmam as vantagens do Dinol.

• Prefira o Concentrado para um litro, que sai ainda mais barato.



ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
RUA SENADOR FEIJÓ/30 - S/LOJA - SÃO PAULO

Temperatura e humidade na incubação artificial dos ovos de perúas

Henrique F. Raimo

Méd. Vét. - Zootecnista do D. P. A.



Na incubação artificial dos ovos de perúas, a temperatura e a humidade no interior da câmara de incubação, representam os fatores que mais influem para uma eclosão compensadora.

O controle desses fatores deve ser rigoroso, de modo a não permitir variações.

De um modo geral, cada chocadeira apresenta para cada local onde funciona, suas melhores características técnicas cabendo ao avicultor ou técnico em incubação, o controle continuado e em eclosões sucessivas, apurar quais as graduações mais adequadas para o caso de sua sala de incubação, incubadora e capacidade à eclosão dos ovos que recebe para incubar.

No entanto, segundo experiências feitas, existem limites de graduação, entre os quais deve o técnico colocar a graduação da sua incubadora, sem o que terá prejudicado a produção econômica dos peruzinhos.

Assim sendo, para cada tipo de chocadeira há uma graduação ótima dos fatores que condicionam uma eclosão perfeita.

Uma divisão liberal separa as chocadeiras em dois grupos, a saber:

- a) — chocadeiras do tipo de ventilação natural ou seccional;
- b) — chocadeiras do tipo de ventilação forçada ou cabine.

TEMPERATURA — CHOCADEIRA DO TIPO SECCIONAL

As chocadeiras de ventilação natural ou seccionais, são muito comuns em nosso meio avícola, com aquecimento pela eletricidade ou pelo querosene.

Para as chocadeiras deste tipo, a graduação da temperatura mais indicada pode ser:

1.º) — 1.ª semana — 100,5.º F.

2.ª semana — 101,5.º F.

3.ª semana — 102,5.º F.

4.ª semana — 103.º F.

2.º) — nas 4 semanas de incubação — 102.º F.

As graduações citadas satisfazem perfeitamente na prática da incubação artificial.

O termómetro deve estar colocado acima dos ovos, sendo preferível a uma altura de 5 centímetros.

Como a ventilação é natural e a fonte de calor colocada na parte superior da câmara de incubação, as camadas de ar interior da chocadeira apresentam temperaturas diferentes.

Assim, no início da incubação, quando a temperatura é de 100,5.º F. acima dos ovos (mais ou menos 5 cms.), a parte inferior dos mesmos, junto à tela da gaveta porta-ovos, apresenta uma temperatura de 93.º a 95.º F. Contudo, esta temperatura não prejudica o embrião, que se desenvolve na parte superior da gema, bem na metade do ovo. A diferença de temperatura entre as partes superior e inferior dos ovos, diminui pelo desprendimento de calor provocado pelo desenvolvimento do embrião.

TEMPERATURA — CHOCADEIRAS DO TIPO CABINE

Os fabricantes de incubadoras de ventilação forçada recomendam as temperaturas de 99.º, 99,5.º ou 100.º F., segundo os tipos de chocadeiras de sua fabricação.

Porém, as experiências revelam que a temperatura ótima está entre os limites de 96.º F. a 100.º F. (mínimo e máximo de temperatura, para uma eclosão satisfatória), sendo mais aconselhada a temperatura de 99.º F., que apresenta os melhores resultados de eclosão.

Durante as 4 semanas de incubação a temperatura é a mesma (99.º F.).

No entanto, se os ovos são transferidos para o nascedouro em separado, a temperatura deve ser baixada para 97 ou 98.º F., nos últimos 4 ou 6 dias de incubação.

HUMIDADE

A humidade representa um dos principais fatores de êxito de incubação artificial dos ovos de perúas.

Controla-se o grau de humidade pela leitura do termómetro húmido ou do higrómetro.

Refinazil

O AMIGO DA CRIAÇÃO

FARELO COM 28% DE PROTEÍNA

Rações balanceadas



A comparação da leitura das graduações da escala do termómetro de incubação com as da escala do termómetro húmido, nos dará o grau de humidade relativa em percentagem, através de escala de redução.

Os higrómetros de incubação apresentam ao operador, o grau de humidade relativa, expresso em percentagem, diretamente na escala de graduação, segundo a temperatura acusada pelo termómetro de incubação.

O grau de humidade relativa mais aconselhada é de 61% nos primeiros 24 dias de incubação e 70% nos últimos dias até a eclosão, valendo para qualquer tipo de incubadora.

A humidade relativa de 61% representa uma graduação de 87.0 F. de humidade direta, na escala do termómetro húmido, quando a temperatura da chocadeira acusar 99.0 F. e, os 70% de humidade relativa representam na escala do termómetro húmido, a graduação de 90.0 F., na temperatura de 99.0 F., marcada pelo termómetro de incubação.

O controle da humidade na câmara de incubação, pelo exame da câmara de ar dos ovos, espelho da evaporação da humidade do interior do ovo, é um dos meios empregados para se aferir a graduação da humidade relativa necessária ao desenvolvimento normal da incubação.

Segundo as experiências realizadas pela Estação Experimental do Idaho (U. S.), os ovos de peruá, incubados em condições ótimas de humidade de perdem em peso, devido à evaporação, na seguinte proporção:

N.º de dias de incubação	Peso perdido até a data
6 dias	3 a 4 %
12 "	6,5 a 7,5 %
18 "	9,5 a 10,5 %
24 "	13,5 a 14,5 %

Os ovos de peruá, em média pesam de 73 a 88 gramas. Nessa base podemos calcular a perda em peso dos ovos, segundo as percentagens citadas para os diferentes dias de incubação.

Podemos deduzir dessas experiências que com referência às exigências de humidade na incubação artificial dos ovos de peruá, duas fases distintas são necessárias ao desenvolvimento normal do processo embrionário, a saber:

1.a fase — do 1.º a 24.º de incubação com um grau de humidade relativa de 61%, destinado a manter uma correta evaporação da humidade do interior dos ovos;

2.a fase — do 24.º ao 28.º dia é necessário um grau elevado de humidade relativa (70%), destinado a manter um ambiente favorável à picagem e saída dos peruzinhos.

Os pesquisadores da Estação Experimental de Idaho, tendo em vista as percentagens de evaporação dos ovos e a medida da altura da câmara de ar de centenas de ovos, apresentam algumas medidas-índices para se calcular o ponto ótimo da humidade no interior da câmara de incubação:

N.º de dias de incubação	Altura da câmara de ar em mm.
6 dias	6 mm.
12 "	8 a 9 mm.
18 "	11 mm.
24 "	15 mm.

Com essas medidas padrão e um higrómetro de eficiência comprovada, poderá o avicultor ou técnico em incubação viver às claras com as necessidades em humidade, de sua incubadora e dos ovos de suas peruás.



“TRISTEZA BOVINA”

O que é “tristeza bovina” — Como se transmite — Porque dizemos “premunição contra a tristeza” — Metodos de premunição.

RENATO LOPES LEAO
Méd. Vet. D. P. A.

A recente importação de bovinos da raça holandesa da Republica Argentina, feita sob os auspícios da Secretaria da Agricultura do Estado, veio colocar em evidência a “Tristeza”, importante moléstia parasitária dos bovinos, causadora de elevadas perdas nos nossos rebanhos, responsável direta do fracasso das primeiras tentativas de importação de bovinos exóticos em nosso País. Nos primórdios da importação de reprodutores estrangeiros verificou-se que a grande maioria deles morria pouco tempo após sua chegada, atingindo por vezes as perdas 90-97% dos animais chegados. A princípio, atribuiu-se essa elevada mortalidade à inadaptação dos bovinos exóticos às novas condições do meio ambiente. Pesquisas científicas posteriores trouxeram a identificação do mal, comprovando a responsabilidade da “Tristeza” na alta letalidade que se

observava entre os animais recém-ingressados no País.

Diagnosticada a doença, cuidou-se de se preservar tais bovinos contra a infecção natural, sempre de grande virulência, a fim de que se tornasse possível a introdução em nosso meio de apurados espécimens das raças bovinas estrangeiras capazes de melhorar o rebanho indígena. Surgiu assim, a prática da “premunição” dos animais importados, logo após a sua chegada, a fim de dotá-los de proteção contra os parasitos responsáveis pela “tristeza”. Este é o tratamento que vêm recebendo os lotes chegados da Argentina e que têm sido objeto de curiosidade por parte dos elementos ligados à bovinotecnica paulista. Nos galpões do Departamento da Produção Animal onde se encontram recolhidos os bovinos Holando-Argentinos, grandemente visitados pelos nossos criadores, vem sendo feita

por veterinários especializados a sua premunição contra a tristeza, para que os mesmos passem, após, nas fazendas, corresponder às finalidades de aumentar a produção de leite e melhoramento dos característicos raciais de nosso rebanho bovino.

I — O QUE É A “TRISTEZA BOVINA”

Sob tal denominação estão agrupadas 3 doenças parasitárias distintas, determinadas por protozoários que atacam os globulos vermelhos do sangue, destruindo-os e acarretando anemia, ictericia, hemoglobinuria.

Os parasitos causadores da moléstia são:

1) *Piroplasma bigeminum* — identificado pela primeira vez no Brasil por Fajardo (1904). Parasita dos globulos vermelhos, grande, piriforme, geralmente bigeminado, um ao lado de outro ou se unindo pelas extremidades afiladas formando ângulo agudo. É parasita específico dos bovinos,

A piroplasmose é uma doença cosmopolita. Sintomas principais: temperatura elevada (41 graus ou mais); olhar "triste", lágrimação; polipnéa (90-100 movimentos respiratórios por minuto); hemoglobinúria precoce, nefrite com eliminação de cilindros epiteliais e granulados; nos casos agudos apresentam sintomas nervosos.

2) **Babésia argentina** (Franciella Argentina) — mencionada pela primeira vez entre nós por Carini. Estudando clinicamente a doença em nosso meio, Dupont denominou-a de "forma visceral da tristeza". São parasitos dos glóbulos vermelhos, muito pequenos, em formato de anel ou elipse, geralmente aparecendo isolados, às vezes 2 e excepcionalmente 4 por hemácia. Encontrados em grande número em esfregaços do rim, miocárdio e capilares do cérebro.

Período de incubação — 16 dias em média. Sintomas principais: febre (40,5 a 41,8 graus); diminuição do apetite; ruminação irregular; grande prostração; pulso e respiração acelerados; anemia breve podendo haver ou não hemoglobinúria. Os parasitos são raros no sangue periférico durante todo o período da moléstia.

3) **Anaplasma marginale** — estudado no Brasil por Gomes de Faria logo após ter sido pela primeira vez descrito por Theiler na África do Sul, em 1910. Em determinadas zonas do País a anaplasmosse atinge 100% dos bovinos. A localização dos parasitos nos bordos dos glóbulos vermelhos é a razão de seu nome. Sintomas principais: febre (até 42 graus), com exacerbações variáveis; olhar triste, orelhas pendidas; mucosas de uma palidez impressionante; anemia progressiva; icterícia; polipnéa; pulsações fracas e irregulares (100-120); ruminação lenta ou abolida; anorexia mais ou menos pronunciada perturbações hepato-esplênicas.

Nos países sul-americanos, especialmente no Brasil, é frequente a tristeza aparecer como uma tripla doença hemoparasitária dos bovinos (piroplasmose, babesiose e anaplasmosse). Tais plasmoses podem porém, aparecer como infecções puras.

A tristeza é também, conhecida por outros nomes, assim: malária bovina, febre do Texas, hemoglobinúria do gado.

As plasmoses bovinas e especialmente a anaplasmosse, pelos acentuados distúrbios que provocam nos organismos sensíveis, sempre foram consideradas como doenças profundamente depressivas e altamente anemiantes, exigindo, por isso, longa convalescença.

E' causa frequente da morte de bezerras em nosso meio. Ainda, pela forte anemia que acarreta, consti-

tue importante causa predisponente para o estabelecimento de infecções secundárias, integrando o complexo da denominada "pneumointerite dos bezerras". Assim, no combate à esta, não devemos jamais por de lado o combate ao carrapato.

II — COMO SE TRANSMITE A MOLESTIA

A transmissão da doença é feita por intermédio dos carrapatos. No decorrer de sua evolução o carrapato passa por 3 fases distintas: a) larva; b) ninfa; c) imago. Esses 3 estádios podem se processar em unico animal (é o que acontece com o "Boophilus microplus" carrapato muito comum entre os bovinos, em nosso meio), ou, em animais diferentes. O adulto alimentando-se com sangue infectante se contamina — o parasita passa assim para óvos e a transmissão é feita pelos descendentes — as larvas e as ninfas já podem assim, infectar animais que parasitam. Outras vezes é a larva ou ninfa que se infecta e a transmissão se faz pelos imagos ou mesmo pelas ninfas. Ou ainda, os adultos se infectam e a propagação se efetua por intermédio dos imagos da geração seguinte (S. Toledo Piza). Há portanto uma transmissão hereditária da piroplasmose bovina entre os carrapatos.

O combate ao carrapato constitui, como vemos, condição essencial na profilaxia da "tristeza bovina".

São ainda conhecidas verdadeiras epizootias de anaplasmosse por contaminação de agulhas empregadas na vacinação dos bovinos, pelas tenazes de castração e de descornamento, pelas varas com ferrão usadas pelos tropeiros, segundo observações de autores vários.

Devemos ainda assinalar a possibilidade do mosquito veicular a doença, conforme modernos estudos a respeito.

III — POR QUE DIZEMOS "PREMUNICAÇÃO CONTRA A TRISTEZA"

Os bovinos que contraíram a "tristeza", seja naturalmente através da picada do carrapato contaminado, ou artificialmente por inoculação de sangue infectante, se restabelecem adquirindo resistência com relação a uma nova infecção. Não há porém, o desaparecimento completo do parasito do organismo (o que acontece nos estados de "imunidade"). O parasito continua a viver no corpo do hospedeiro e sem perder sua virulência específica — estabelece-se um estado de equilíbrio, de acomodação, entre o organismo invadido e o microbio invasor, ao qual se deu o nome de "premunicação". No bovino que passou pela premunicação não há uma extinção completa da infecção; a resistência que adquire está condicionada

à presença do parasita que promoveu a infecção inicial, no sangue circulante.

Os bovinos nacionais são naturalmente premunidos contra a tristeza; possuem a infecção em estado de latência; em seu sangue circulam os parasitos responsáveis pela moléstia. O carrapato que parasita nossos bovinos carrega dentro de si o germen infectante.

Bovinos importados, vindos de pastagens onde não grassa o carrapato e a tristeza, soltos em nossos pastos, postos assim em contacto imediato com nosso carrapato, irão contrair a plasmose em forma grave, bastante virulenta, sucumbindo à infecção si não atendidos a tempo.

E' o que se procura evitar com a premunicação dos bovinos importados. Eles aqui chegados, após um período de observação, são submetidos à doença, mas em uma forma atenuada, de mais fácil combate. Acompanhando-se o decurso da doença e usando-se meios adequados de tratamento conseguir-se-á ao organismo o estado de proteção visado, de premunicação contra a tristeza.

Em certos países, como a Argentina, encontramos zonas carrapata-das e zonas sem carrapato. Animais a serem transportados desta para aquela zona passam primeiramente pelos postos de imunização para receber identico tratamento ao que aqui vêm sendo feito.

No caso de animais nacionais e portanto naturalmente protegidos, devemos considerar ainda, o perigo de, em certas fazendas, ficarem os bovinos completamente afastados do carrapato por longo tempo, podendo após contrair a plasmose ao entrar em contacto com o elemento infectante.

IV — MÉTODOS DE PREMUNICAÇÃO

Citaremos como métodos de premunicação:

a) provocar a doença colocando o animal em contacto com o carrapato infectante;

b) idem, por injeção de sangue virulento, contendo os parasitos da moléstia;

c) idem, pela injeção de cada um dos parasitos por vés provocando-se cada uma das parasitoses em separado: piroplasmose, babesiose e anaplasmosse. Os parasitos seriam obtidos em estado de pureza através de passagens em animais sensíveis, tornando-se ainda menos virulentos, e consequentemente determinando uma moléstia mais benigna mas capaz de determinar o estado de proteção.

Aqui no Estado o método que tem sido usado em maior escala é o de sangue dirêto mais tripallavina. O

bovino a ser premunido e inoculado com sangue contendo os vários parasitos ao mesmo tempo. Procura-se porém, injetar um sangue cuja virulência é atenuada biologicamente — o doador escolhido deve ser relativamente idoso, constantemente carapateado. A escolha do doador é fundamental para o sucesso do método.

Para melhor compreensão consideremos várias fases no decurso de um processo premunitivo, assim:

1.a — os animais a serem premunidos são colocados debaixo de uma observação rigorosa por uma vintena de dias. Controle diário da temperatura. Vacinação contra a Febre Aftosa ou outras infecções reinales.

2.a — escolha do doador. Exame clínico do doador a fim de excluir infecções estranhas.

3.a — coléta do sangue infectante (sangria da jugular). Injetar os animais a serem imunizados. Dose:.... 2-10cc sob a pele.

4.a — controle diário da temperatura retal pela manhã e à tarde. Aparecimento da piropasmose do 7.o-14.o dia; clinicamente, elevação da temperatura (39-41,5 graus).

Exame sistemático de esfregaços de sangue dos animais febricitantes. Mediar convenientemente o animal até normalizar a temperatura.

5.a — anaplasmosse do 19-24.o dia; clinicamente, febre (39 até 42 graus), sintomas ictericos. Fase fortemente anemiant e depressiva. Exames hematológicos. Vigilância constante para uma terapeutica conveniente.

6.a — convalescença. Ao acesso agudo da doença segue-se uma fase de transição lenta para a infecção crônica, que às vezes dura até meses. Considerar o perigo das recaídas. Evitar cargas excessivas de carapatos ou estados patológicos anemiantes. Cuidados especiais de trato. Tônicos sanguíneos. Reconstituintes.

A temperatura ambiente tem uma acentuada influência sobre a generalidade das infecções. A temperatura elevada, nos meses de verão, aumenta a virulência do agente agravando o decurso da doença.

Animais novos, fêmeas ainda não fecundadas, são os mais recomendados para as importações, tendo-se em vista este processo permunitivo a que devem ser submetidos. Animais jovens resistem muito melhor às infestações de carapato e inoculações de sangue virulento. A melhor época para a premunicação seria mesmo entre 3-6 meses, bezerras ainda mamando.

V — TRATAMENTO DA TRISTEZA BOVINA

Como medicamentos mais usados no tratamento da plasmose citaremos:

1) Tripanflavina — administrada diariamente na dose de 0, 5-2, grs. em solução aquosa 1-2%, via intravenosa. Contraindicada nos estados apiréticos.

2) Azul de Tripan — em solução aquosa 1%. Dose: 0,20-1, grs.. Via subcutânea ou intravenosa. Usar de preferência doses baixas, repetidas.

3) Acaprina — contraindicada nas formas agudas e hiperagudas, em razão da queda brusca de temperatura que determina, às vezes fatal. Para um efeito mais lento associá-la ao óleo canforado (20 cc), injetando-se de uma só vez.

4) Urotropina — solução aquosa 40%. Dose: 100-150 cc de preferencia na veia.

5) Cacodilato de sódio — só ou associado à glicose ou dextróse, por ex:

Cacodilato de sódio .. 22,5 grs.
Dextróse 5,
Água estéril 100, cc
Dose: 10-15 cc.

6) Isohemoterapia (transusão) — injeção intravenosa de sangue 3-4 litros

Sol. citrato de sódio 10% 100-120 cc injeções fracionadas de 500 cc, 3-4 vezes ao dia.

7) Smith e Howell recomendam um método misto: o sangue do doador é recolhido em um balão contendo a solução abaixo na proporção de 5 cc para cada 450 cc de sangue a recolher:

Citrato de sódio 3, grs.
Dextróse 50,
Sulfatizol sódico 2,
Água destilada 100, cc
Dose — 2-3 litros diários.

8) Recomenda-se nos ataques agudos de anaplasmosse:

a) dieta rigorosa, hidrica, por vários dias;

b) administração diária, em jejum, de laxantes;

c) alcalinizar o sangue — todo animal com tristeza tem tendência à acidosis, causa frequente da morte em individuos que veem sendo tratados.

d) produtos vitamínicos (ácido ascórbico). Antitóxicos (princípio antitóxico do fígado). Soro glicosado.



SEU BEZERRO
DEVE SER
TRATADO COM

Pasta Caloa

**PRODUTO DE ALTO PODER CICATRIZANTE,
ANTISSÉTICO E REGENERADOR DOS TECIDOS**

Os ferimentos superficiais, escoriações, cortes e pisaduras nos ANIMAIS, bem como todas afecções da pele, eczemas, sarnas, micuins, etc., desaparecem rapidamente com o uso da PASTA CALOA.

E' eficiente desinfetante e o mais poderoso protetor do umbigo dos bezerrros recém-nascidos.

Abrevia o tratamento da "UMBIGUEIRA" e é um ótimo auxiliar nos casos de "ESPONJAS".

EM LATAS DE 500 GRAMAS (1/2 QUILO) LATA Cr\$ 20,00



ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
RUA SENADOR FEIJÓ, 30 - S/LOJA - SÃO PAULO

RECEITUÁRIO...

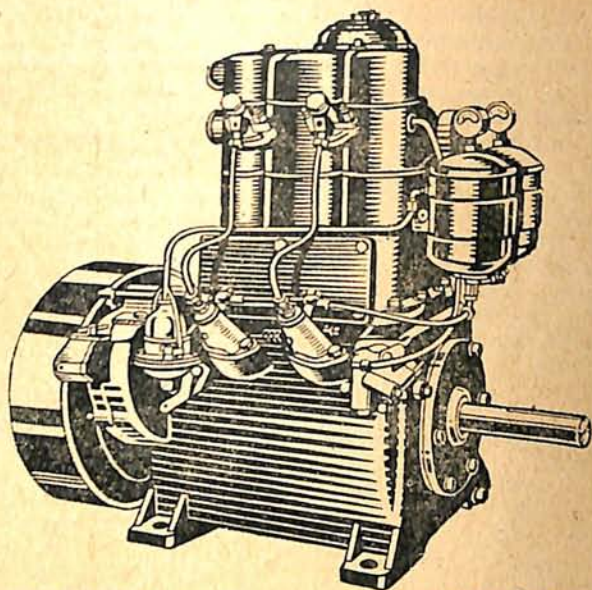
(Conclusão da pag. 88)

se um quilo de açúcar, ferve-se cinco minutos e se engarrafa. Uma vez engarrafado, fervem-se as garrafas em banho-maria a 100°C durante 15 minutos. Utilizado com soda constitui agradável bebida refrescante.

LICÔR DE MAÇÃS — Trituram-se bem dez quilos de polpa de maçãs maduras; prensam-se e o suco resultante mistura-se com 4 quilos de açúcar e 6 litros de álcool puro; filtra-se em papel de filtro e pode-se juntar 12 gramas de essência de maçãs que se compra nas drogarias. Outra fórmula para este mesmo licôr é a seguinte: Tomam-se quatro quilos de maçãs, 4,5 litros de álcool puro, 3,5 litros de água, 5,5 quilos de açúcar e 50 gramas de essência de maçã. Procede-se a seguir, como no caso anterior.

VINHO OU SIDRA DE LARANJAS — Uma fórmula para preparar outra bebida agradável à base de laranjas e pode também ser industrializada, é a seguinte: Dissolvem-se 4 quilos de açúcar em 11 litros de água, a fogo suave. Quando o açúcar estiver totalmente dissolvido, juntam-se as cascas e o sumo de 15 laranjas maduras. Deixa-se em um recipiente, preferivelmente em um barrilzinho, durante 3 ou 4 dias, em lugar temperado para que fermente, agitando-se com frequência. Tapa-se o barril durante esse tempo e quando a fermentação tenha terminado decanta-se o líquido claro e se engarrafa. Outra fórmula para o mesmo produto é a seguinte: Deixa-se durante doze horas o sumo de certa quantidade de laranjas misturado com volume igual de água. Para cada 8 litros de sumo de laranja utilizado junta-se um quilo de açúcar. Põe-se a mistura a fermentar em uma vasilha apropriada em lugar fresco e quando termine a fermentação se envasa em frascos que se tapam muito bem e se guardam em lugar fresco.

AGUARDENTE DE LARANJAS — Corta-se em rodela uma dúzia de laranjas que se colocam em maceração em 4 litros de álcool puro. Ao cabo de uma semana passa-se por uma prensa e ao líquido resultante se juntam 500 gramas de açúcar. Outra fórmula que o prepara misturado ao de limão, aconselha proceder deste modo: Põe-se em



DIESEL deve ser o seu MOTOR HALLETT

a sua marca

Assistência técnica eficiente e peças sobressalentes como garantia de bom funcionamento

G. BORGHOFF & CIA.

AV. GEN. OLÍMPIO DA SILVEIRA, 63 - TEL.: 5-4351
TELEGR.: "BORG MAGNETO" - S. PAULO

maceração em 4 litros de álcool puro meio litro de sumo de laranjas e meio litro de sumo de limão, as cascas de duas laranjas e as de um limão. Depois de 24 horas cõa-se o líquido resultante e se lhe juntam dois quilos de açúcar dissolvidos em 2,5 litros de água. Aos 15 dias, o álcool de laranja — limão está preparado: decanta-se a parte clara do líquido e se engarrafa.

CREME DE LARANJAS: Os cremes se diferenciam dos licores porque têm menor graduação alcoólica que estes. O de laranja pode preparar-se assim: Cortam-se 3 dúzias de laranjas em rodela, com cascas previamente lavadas: juntam-se 8 litros de álcool puro: deixa-se em maceração 14 dias; juntam-se 14 quilos de açúcar dissolvidos em 18 litros de água, 45 cm³ de tintura de açafrão.

Uso Vetdrinário

FERRO

Poderosos restauradores das energias

FERRASIL

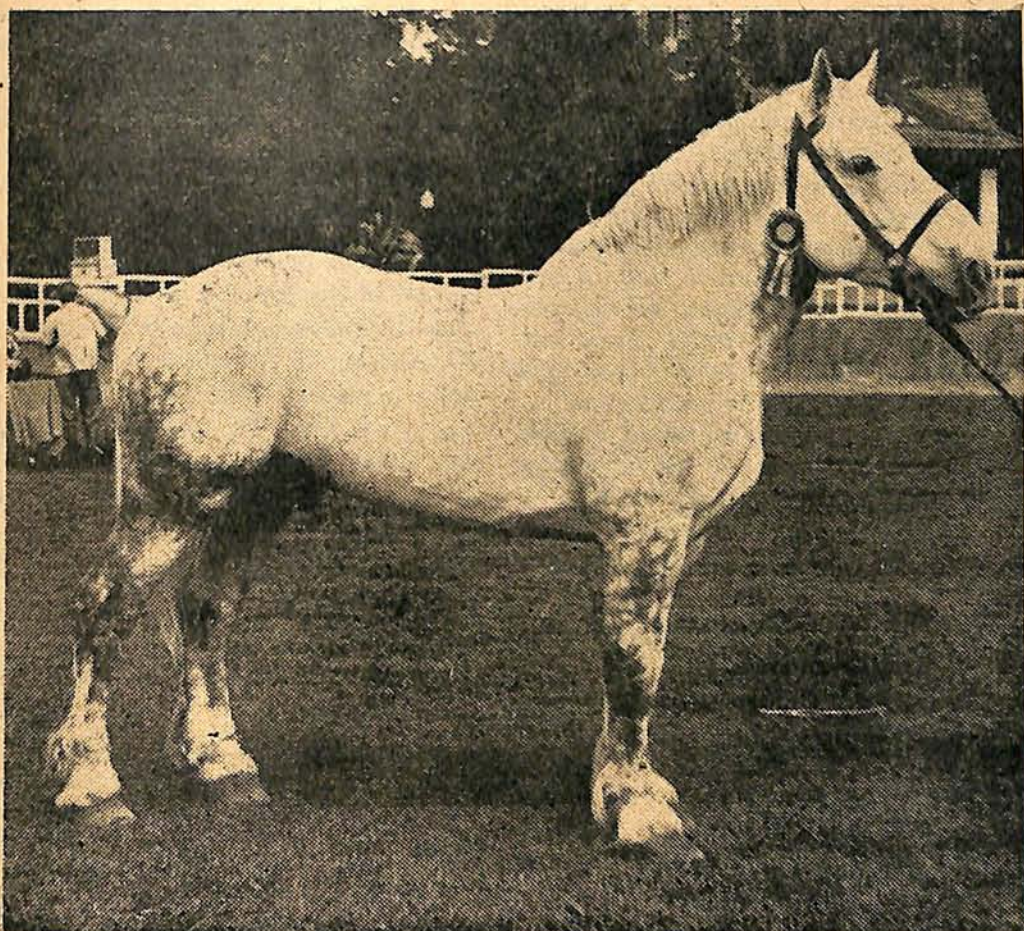
ARSÊNICO

Estimulantes da nutrição — Não tem contra indicações — Para animais de qualquer porte.

Injetavel

IODO

DEP. DE VETERINÁRIA DOS "LABORATORIOS IODOBISMAN S. A." — Rua do Rosário, n.º 158 — Cx. Postal 2.528 — RIO DE JANEIRO — LITERATURA À DISPOSIÇÃO



Erros de julgamento no cavalo de tiro

Dr. Angelo Sala

Não desejamos fazer aqui uma crítica inútil e demolidora, mas apenas poder dar, para possibilidades práticas, alguns conselhos aos criadores de cavalos de tiro para melhor e perfeita seleção.

Todos os criadores são pessoas técnicas e competentes que, em geral, antes de seguir uma orientação ezoognosica vão a contento criando cruzamentos, que, se podem dar a ilusão de objetivo favorável, a maior parte das vezes são produtos que

deixam a desejar de muitos aspetos. Falamos de boa aparência, de estampa, de um complexo de elementos subjetivos que nada têm que ver com as regras elementares de zootecnia. Naquelas partes em que o cavalo enfeixa todas as suas qualidades os olhos do julgador não param. Importam-se cavalos da Argentina para tiro pesado rápido e tiro pesado lento e diante de massas musculares bem desenvolvidas o olho do apaixonado se fixa com certa satisfação, mas bem poucos observam as par-

tes inferiores que são as essenciais para o cavalo de tiro.

Para o julgamento dos cavalos de velocidade os interessados são concordes sobre um metodo que não admite nem opiniões pessoais, nem arbitrios: "a prova sobre o terreno". Para os cavalos de tiro a cousa é muito diferente: não existem provas dinamometricas porque os cavalos nunca são sujeitos a treinamento e o julgamento ezoognósico dado por conhecedores se reveste do maximo valor. Aqui é preciso perguntar-se: estes conhecedores são sempre técnicos e á altura da sua tarefa? Parece-nos que não. Existem regiões importantissimas nas patas dos cavalos de tiro que são quasi sempre esquecidas e às quais precisaria dar valor principal e observá-las com extremo rigor: são as regiões que vão dos boletos para baixo. Não é aqui o caso de recordar a sua estrutura anatomica complexa, nem a função de locomoção dos boletos, das quartelas, das coroas, dos pés.

Dois fatos interessam ser evidenciados:

1) Os defeitos destas regiões se transmitem nas reproduções com uma obstinação surpreendente e portanto os defeitos paternos ou maternos reaparecem fatalmente nas novas gerações.

2) A constituição destas regiões, principalmente das quartelas, nos cavalos de tiro devendo exercer uma função diversa daquela dos cavalos de corrida, deve ser necessariamente diferente. A região da quartela tem por base ossea a primeira falange que concorre na formação da articulação metacarpo-falangea nos membros anteriores e da articulação metatarso-falangea nos membros posteriores. Embora se continue a repetir que a quartela seja "grande e espessa", porque isto implica em maior extensão das superficies das duas articulações citadas da quartela, tanto no extremo superior como no inferior, também isto nos cavalos de velocidade é, proporcionalmente, menor com respeito àquele dos cavalos de tiro. Além disso, são considerados dois outros fatores: o comprimento e a inclinação das quartelas.

Nos cavalos de velocidade as quartelas são relativamente longas, porque isto é uma função vantajosa dos boletos como órgãos de amortecimento dos choques que experimentam os pés quando, na corrida, eles batem no sólo, exigindo-se uma inclinação conveniente das proprias quartelas. Si isto não acontecesse poder-se-ia imaginar quais as reações sofridas por quem montasse num cavalo que não correspondesse a estes requisitos.

"Comprimento e inclinação" devem ser enfeixados em determinados limites que de outra forma se mostrariam ou em "longos juntados" ou em "bai-

xo juntados". defeitos muito graves, especialmente quando se juntam, determinando estiramento nos tendões e ligamentos com consequente enfraquecimento rapido do cavalo. De qualquer modo nos cavalos de velocidade a prova decisiva, como já assinalamos, é a prova sobre o terreno, que pode também fazer passar estes defeitos quando o cavalo atingiu o seu objetivo.

Em tudo diferentes devem ser as quartelas do cavalo de tiro "curtas e pouco inclinadas", dois fatores de solidez. O esforço da quartela do cavalo de velocidade é completamente diverso daquele do cavalo de tiro: o primeiro tem função de amortecedor, o segundo representa uma grossa alavanca, onde sobre os membros anteriores gravita o peso do corpo, e sobre os posteriores a torça. Também aqui existe um limite ao qual não se pode transgredir, pois cairíamos nos "curtos juntados" ou nos "direitos de rosca". Precisaríamos reportar as observações e as indicações numericas de muitos autores, mas em geral não são observadas em nada nas aplicações praticas.

Tratando-se de boletos, de quartelas, de coroas, etc. ninguém faz mensurações. Na prauca confiança nos conhecedores, os quais tem o sentido da medida e sabem na verdade tecnicamente observar cada parte de um cavalo, mas muito frequente, ao contrario, muitos encarregados de comprar reprodutores, especialmente na Argentina, não vem absolutamente nada do grave defeito das patas. Não é preciso muito para revelar tal defeito quando já tenna sido o mesmo observado sobre o cavalo vivo. Isto é cousa grave, porque basta percorrer as criações e observar os produtos para se ter uma ideia de reprodutores com quartelas fracas e também garannoes com o mesmo defeito.

Os cavalos defeituosos são inexoravelmente eliminados do numero de bons individuos e muito mais facilmente adquiríveis. É preciso sempre ter presente o brocardo dos criadores belgas, que o cavalo de tiro deve ter "Bonnes pattes" e que não é difficil fabricar bons modelos por decalque, mas é difficilimo fazer nos cavalos patas corretas.

Não se importem cavalos defeituosos, nem se façam reproduzir, porque não é o numero que conta, mas a qualidade; não se repita, como nos aconteceu de ouvir que se em outras nações, especialmente europeias, um cavalo defeituoso pode ser eliminado, no Brasil é impossivel. Não são necessarios muitos garanhões para fazer uma boa familia; ocorre um garanhão perfeito, mães, boas, uma técnica de reprodução inteligente.

Professor H. Vallée

Pelo Dr. J. J. Carneiro Filho

(Do Ministério da Agricultura)

Estas linhas são traçadas para render nossas homenagens à memória do Professor Henri Vallée. Sua morte foi dolorosamente sentida em todos os meios científicos, em face de sua obra que lhe valeu nomeada universal.

Vallée nasceu em 16 de junho de 1874, em Dijon, na França, e faleceu em 12 de março de 1947 em sua cidade natal, para onde havia se retirado quando a doença começou a diminuir a sua grande produção científica.

Sua carreira é iniciada em 1892 quando ingressa no primeiro ano do curso da Escola Veterinária de Alfort, de onde se diploma em 1897, classificado como o primeiro aluno de sua turma. Começa aí a se manifestar o vigor de sua inteligência que vai se acentuando à medida que os anos correm. Em 1898 ingressa na Escola de Toulouse como repetidor da cadeira de Polícia Sanitária Animal e entra em contato com seu mestre Leclainche, com quem vai realizar mais tarde, trabalhos de sólida experimentação científica e de repercussão mundial. Em 1900 tem a sua primeira promoção a Chefe de serviço e no ano seguinte é feita sua remoção para Alfort como chefe de laboratório de Nocard.

Nocard era uma inteligência, um caráter, e ao lado de Roux, um dos grandes discípulos de Pasteur; assim se projetou, em um excelente ambiente de trabalho, a carreira científica de Vallée.

Sucede que Nocard em plena força de suas atividades e de seu prestígio, desaparece prematuramente em 1904. Vallée é levado pelo destino a ocupar a cadeira do Mestre, e depois de um concurso brilhante é no-

meado professor de Doenças contagiosas de Alfort.

Em 1905 é nomeado Diretor do Instituto de pesquisas de doenças infecciosas do Ministério da Agricultura e, em 1911, aos 37 anos de idade, é diretor da Escola de Alfort, onde permanece durante todo o difícil período da primeira guerra mundial.

A administração com o seu complicado mecanismo não o seduzia nem devia ter sido o seu forte. E ele deixa a direção da Escola de Alfort mais tarde, para se consagrar inteiramente ao trabalho de pesquisa. — No Instituto de pesquisas do Ministério da Agricultura Vallée permanece de 1905 até 1931, durante portanto cerca de 27 anos, com Carré e Rinjard. É esse o período de suas grandes descobertas que lhe grangeiam nomeada universal, sobre carbunculo sintomático, sobre gangrena, sobre febre aftosa, sobre tuberculose, sobre anemia infecciosa do cavalo.

Quando se dá a aposentadoria de Leclainche em 1931, Vallée é levado à Direção geral dos serviços veterinários de França, o posto supremo de uma carreira profissional em seu país. Exerceu ainda as funções de Comissário do Governo no Senado francês, onde sua voz é ouvida no plenário com acatamento em questões técnicas especializadas sobre as quais era necessário fornecer aos legisladores orientação segura relativa aos problemas de higiene pública. Tem aí um trabalho dos mais eficientes na discussão de problemas como legislação sobre tuberculose e controle de produtos de origem animal.

Em 1933 uma enfermidade traiçoeira interrompe brutalmente as suas atividades científicas. Conselhos médicos e solicitações de seus íntimos levam-no a se retirar para a sua Borgonha natal. Aí permanece até que a morte vem interromper sua vida cheia de serviço à sua Pátria e à Ciência.

Sua obra científica é com efeito considerável e toda ela do mais alto valor.

Sobre o carbunculo sintomático seus estudos feitos com Leclainche, são clássicos; é a eles que se devem os grandes progressos no problema da vacinação contra esta devastadora doença do gado. No capítulo das gangrenas do homem e dos animais sua contribuição é notável pelos enormes serviços que o soro polivalente prestou aos feridos no curso da guerra de 1914.

No capítulo da tuberculose sua contribuição é do mesmo modo notável, estudando as vias de infecção do bacilo no homem e nos animais, aspectos especiais do mecanismo da imunidade e ainda sobre controvertidos e delicados problemas do diagnóstico pela tuberculina. É de sua autoria a técnica de diagnóstico pela instilação ocular da tuberculina, tão simples na sua aplicação e de resultados tão corretos quanto os que fornece a prova intradérmica. É de seus trabalhos do mesmo modo, que surgiu a técnica de inoculação com doses duplas, conhecida como técnica de Vallée. Ocupa-se ainda da paratuberculose bovina, estudando o preparo da paratuberculina utilizadas no diagnóstico da doença.

Com Carré e Rinjard descobre a causa da anemia infecciosa do cava-

lo, quando destreem hipóteses e teorias reinantes, para fixarem que a doença é produzida por um vírus.

Sobre este problema ingrato da febre aftosa, que esperou tantos anos para fornecer segredos de interesse aplicado, Vallée com seus colaboradores tem duas contribuições simplesmente notáveis: em primeiro lugar, demonstra a existência de tipos imunologicamente distintos, problema ainda tão inexplorado no capítulo dos vírus. A descoberta pareceu, no início, tão revolucionaria que grandes sábios negaram a sua existência. Waldemann, professor e pesquisador alemão de grande nomeada não quer aceitá-la. Vallée fornece-lhe novos dados experimentais e material de trabalho para confirmação. Só então Waldemann aceita e confirma a descoberta francesa.

E' importante assinalar o alcance desta descoberta, pois ela abriu o campo a descobertas posteriores do mesmo genero em outras doenças de vírus, como é o caso da encefalomyelite equina para citar um unico exemplo. Só esta descoberta, pelo seu alto interesse aplicado e pelo principio fundamental que fixou, bastaria á gloria de um pesquisador. Mas, ainda no terreno da febre aftosa, é

ele o primeiro á demonstrar a possibilidade de se conseguir uma imunidade solida por meio do vírus tratado pelo formol. Foi este um dos pontos de partida ao trabalho de Waldemann, que consegue pelo curso de duas técnicas associadas, uma vacina de imunidade duravel.

As distinções e honrarias que os meios cultos reservam ás grandes inteligencias a serviço da ciencia, vieram por isto mesmo ás suas mãos quasi que naturalmente, sem que fosse necessario solicita-las. Era comendador da Legião de Honra da França, laureado pela Academia de Medicina e pela Academia de Ciencias, membro do Conselho Superior de Higiene e do Conselho de Agricultura, e ainda Delegado permanente da França no Comité de Higiene da Liga das Nações. Para a Academia de Medicina entrou em um pleito com 63 votos em 65 votantes.

Nestas linhas de um rapido necrologio não cabe recordar toda a sua vasta produção científica. Assinale-se tambem que o homem de ciencia que ele foi era ainda um expositor dos mais perfeitos que se pode imaginar, suas aulas, suas conferencias, seus discursos eram de uma clareza admiravel; á esta se aliavam o brilho da exposição, a eloquencia persuasiva, a vasta e solida cultura, a linguagem correta, impecavel e elegante. Pode-se dizer que é difficil encontrar um professor tão com-

pleto. Suas conferencias em Buenos Aires, em 1929, depois reunidas em livro, tiveram grande repercussão.

Conservava para os seus discipulos as mesmas gentilezas com que os recebia e tratava em França. Em uma de suas últimas cartas, que nos enviára de seu retiro, mandava estas linhas comovedoras: "sua lembrança está sempre aqui presente e é diante de uma fotografia da prestigiosa baía de Guanabara, devida á sua gentileza, que trabalho no meu escritorio".

Em 1937, de volta á Europa, vimolo pela ultima vez, na sua residencia de campo, em Dijon. Amigos comuns haviam nos prevenido em Paris, que o Mestre estava hemiplegico, seu olhar não possuía mais aquela expressão forte. Abraçando-o na entrada de sua casa, onde nos acolhia, em uma bela manhã de junho, não nos foi possivel conter as lagrimas de emoção!

E' um dever que aqui cumprimos: recordar a largos traços a vida e a obra do Mestre, tão marcada de clarões do genio!

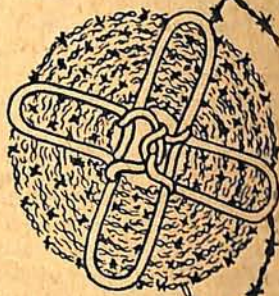


ARAME FARPADO

PARA CERCAS

Arame farpado estrangeiro - 400 metros
Arame farpado nacional - 250 metros
Arame liso p/ cercas, 15/16 - 1200 metros
Grampos para Cercas

Bons Preços — Pronta Entrega



ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES
Rua Senador Feijó, 30 - S/loja - São Paulo

DOCE DE LEITE

Dr. José de Assis Ribeiro

RESUMO: — Definição — Matéria prima e ingredientes — Instalações — prédio e aparelhagem — Tecnologia da fabricação — Características do produto — Composição — Defeitos — Julgamento.

Definição — Doce de leite é o produto resultante da concentração ou evaporação ao ambiente (cocção) da mistura constituída de leite e açúcar, adicionada ou não de aromatizante (baunilha), de creme, chocolate, côco, etc.

O ante-projeto do Código Nacional da Alimentação denomina "doce de leite" ao produto preparado com leite integral ou não e açúcar, podendo ser ou não aromatizado com substâncias de uso permitido legalmente.

A legislação argentina considera "doce de leite" o produto obtido por cocção até concentração conveniente e caramelização parcial do leite integral ou desnatado, ou adicionado de creme, com açúcar de cana ou de beterraba, com ou sem adição de substâncias aromáticas.

Matéria prima — os elementos principais são o leite e o açúcar.

Leite — somente o de qualidade ótima poderá ser transformado em doce bom. Os defeitos do leite se refletem diretamente na qualidade do produto. Além das características normais (cor, fluidez, cheiro, sabor, etc.), deve apresentar acidez entre 16 e 19°D e percentagem de gordura padronizada, de 2,5 a 3%.

Acidez — os caracteres organoléuticos do doce dependem da acidez. Acidez ótima corresponde a doce perfeito. A textura do produto se apresentará tanto mais granulada (de esfarinhada a talhada) quanto mais elevada a acidez. A consistência e o paladar também se alteram. Evitam-se estes defeitos neutralizando a acidez, com emprego de alcalino em quantidade dosada, como na redução da acidez de cremes para obtenção de manteiga extra. Entretanto, excesso de alcalino prejudica a coloração (deixando o produto muito escuro) e o paladar (tornando-o enjoativo).

Gordura — teor de gordura padronizado corresponde a doce de quali-

dade estandardizada. O teor mínimo de gordura no produto é 5%. Assim, deve-se empregar leite com percentagem de gordura previamente determinada. E, como leite de alto teor de gordura exige mais açúcar, e, consequentemente, o magro ou desnatado exige menos quantidade de açúcar, para se estandardizar a quantidade de açúcar ter-se-á que, primeiramente, padronizar a gordura do leite. Para que o doce resultante se apresente dentro do padrão, pode-se empregar leite com gordura de 2,5 a 3%. A padronização do leite é procedida nas mesmas maneiras adotadas para o leite de consumo ou para o fabrico de queijos.

Açúcar — comumente, é empregado o açúcar de cana. Pode também ser o de beterraba. Deve ser de qualidade ótima, preferentemente, refinado e sem umidade. Defeitos do açúcar tem repercussão direta na qualidade do produto. A proporção de 20% sobre o volume do leite é a mais indicada, podendo ser ligeiramente diminuída em leite de baixo teor gorduroso. Excesso de açúcar torna o doce menos fino e mais açucarável (facilita a formação de cristais), embora de maior rendimento.

Glicose — para tornar o doce de consistência mais característica e mesmo, para evitar cristalização acentuada, substitui-se parte do açúcar comum por glicose (açúcar de amido de milho). A glicose tem de ser de qualidade ótima, sem o menor indicio de fermentação, coisa que não é rara quando embalada em vasilhame impróprio. A acidez da glicose ou do açúcar pode prejudicar profundamente o doce. Mel de abelha também pode ser empregado como adjuvante do açúcar, quando de ótima qualidade.

Ingredientes — são os aromatizantes — baunilha ou vanilina, e outras substâncias adicionáveis ao doce de leite para torná-lo mais saboroso ou

mais nutritivo, como cacau, coco, chocolate, nozes, amendoas, avelãs, amendoim e semelhantes.

Neste particular, o ante-projeto do Código Nacional de Alimentação estabelece o seguinte: "Quando o doce de leite for adicionado de cacau, amendoim; coco, castanha do Pará, castanha de caju e outras substâncias permitidas, será obrigatória a declaração, nos rótulos, dessa mistura, assim: "Doce de leite com cacau", "doce de leite com amendoim", etc. Neutralizante como o bicarbonato de sódio tem sido empregado para reduzir a acidez do leite, sabendo-se que seu excesso é prejudicial ao produto, escurecendo-o e intensificando o gosto "enjoativo". Cloreto de sódio também pode ser empregado, na intenção de melhorar o paladar do doce. Sua percentagem pode ir de 0,2 a 0,5%.

Quanto aos ingredientes, o ante-projeto do Código Nacional de Alimentação estatuiu o seguinte: Não será permitido adicionar aos doces de leite geleificantes ou substâncias estranhas de qualquer natureza, embora inócuas, exceto o bicarbonato de sódio, em quantidade estritamente necessária para a neutralização parcial da acidez do leite, e o amido puro até o máximo de 2%, como adjuvante de técnica industrial.

INSTALAÇÕES — PRÉDIO E APARELHAGEM

Prédio — deve obedecer aos princípios gerais de construção e de higiene previstos na regulamentação vigente (ver planta de orientação organizada e distribuída pela DIPOA). O mais aconselhável é a instalação da fábrica de doce de leite junto à usina de beneficiamento ou à fábrica de laticínios. Isto quer dizer não ser indicável a montagem de um estabelecimento exclusivo para doce de leite.



IDENTIFIQUE

Seus animais marcando-os

com

BOTÕES DE ALUMÍNIO

Na marcação e identificação do GADO BOVINO, SUINO E OVINO, empregue BOTÕES DE ALUMÍNIO.

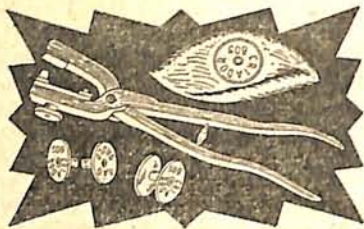
De um lado do botão podem-se gravar numeros seguidos, identificando cada animal separadamente, e do outro lado, marcas, nomes, endereços, etc., no maximo até dez letras). O botão de alumínio é colocado na orelha do animal e não pôde ser tirado sem destruição.

O alicate fura a orelha e rebita o botão.

Botões numerados e com nome cento Cr.\$ 230,00

Botões lisos (sem numeros e sem marca) .. cento Cr.\$ 200,00

ALICATE cada Cr.\$ 120,00



madeira. E, em algumas já apresentamos a fabricação em pasteurizador dinamarquês vertical desprovido da tampa, obtendo-se produto acetável.

Nas salas de fabricação, por sobre as tachas, devem ser instalados ventiladores ou exaustores, de modo a intensificar a circulação do ar, facultando não só maior evaporação, como evitando a condensação do vapor nas paredes e no fôrro do cômodo, umedecendo-os e os mojando.

O leite destinado à fabricação do doce deve ser o melhor, sendo feito o julgamento mediante as provas rápidas (acidez, gordura, densidade, lacto-filtração, etc.), as quais deverão ser realizadas, sistematicamente, no laboratório do estabelecimento.

TECNOLOGIA DA FABRICAÇÃO

Há detalhes técnicos que variam em cada estabelecimento. Entretanto, estas variações tem um limite em atenção às percentagens de vários componentes determinados em lei. A qualidade do leite, as proporções e a qualidade do açúcar, a forma de misturá-los, a maneira de se efetuar a agitação, o modo de aquecimento, a temperatura mantida, o formato do recipiente, o instante em que se retira do calor, o modo de resfriamento e de enlatamento, e, até mesmo a esterilização final são fatores que influem na qualidade, no tipo e na composição química do produto.

Sequência das operações — mistura, evaporação (cocção) e resfriamento.

Mistura — vertido o leite no recipiente (já com gordura padronizada, com acidez natural ou reduzida, cru ou pasteurizado) abre-se o vapor, pondo em movimento as hélices do aparelho mexedor, para evitar queimar-se o leite ao nível das paredes aquecidas. A adição do açúcar pode ser feita numa das três formas:

a — adicionar toda a quantidade, até 20% do volume do leite, de uma só vez, logo que o leite esteja aquecido; ou,

b — misturar em 3 partes iguais, em 3 momentos, isto é, 1/3 da quantidade do açúcar antes de iniciar a fervura, 1/3 logo que começa a ferver, e, 1/3 logo após à ebulição ou

c) — preparar uma calda prévia, dissolvendo o açúcar em água ou em leite, pasteurizar a 90°C e adicionar ao leite no começo da operação.

Não se pode dizer qual a melhor forma. Só a experiência pode revelar qual seja.

Cocção — a evaporação é favorecida pela agitação intensa e continua da mistura. Depois de iniciada a operação, o leite não pode mais fi-

O estabelecimento deve dispor de uma sala exclusiva para o doce de leite, próxima da recepção e da caldeira a vapor. Será de piso cimentado, de paredes azulejadas até 2 m, janelas teladas, portas providas de mola de vai-vem, teto forrado de estuque, preferentemente provido de ventilador, etc.

Aparelhagem — tanque de recepção; filtro centrífugo ou desnatadeira-padronizadora; pasteurizador dinamarquês (que serve também para pre-aquecer o xarope); tachos de fundo duplo (com circulação de vapor), movel (para despejar) ou fixo (com torneira no fundo), com mexedor simples (num só sentido) ou duplo (em dois sentidos); depósitos de resfriamento (com circulação de água fria); enchedor mecânico ou manual; cravadeira, esterilizador, etc. E' exigida a instalação de caldeira a vapor. Não há razões de ordem técnica que justifiquem a fabricação do doce de leite a fogo direto, e, pelo contrário, este processo pode prejudicar o pro-

duto, além de não lhe permitir uniformidade. Ademais, para a devida higiene da fabricação, o fogo direto não é o indicado. Exige êle maior gasto de combustível e não faculta controle das temperaturas.

As tachas de evaporação devem ser de aço inoxidável, tolerando-se as de ferro estanhado (que são mais baratas no momento da aquisição, porém, muito mais caras nas ocasiões de uso). São proibidas as de cobre descoberto ou estanhado. O formato da tacha é o de campânula invertida, preferentemente largas e pouco profundas facultando grande exposição do conteúdo ao ambiente, para maior evaporação. No centro da tacha deve-se dispor o conjunto de movimentação, para agitação mecânica, simples ou dupla, isto é, mexedores mecânicos num só sentido ou em dois. A capacidade deve ser de 600 litros, admitindo carga de 200 a 240 litros da mistura, cada vez.

Nas pequenas fábricas o trabalho é manual, empregando-se mexedor de

car parado. Pela movimentação do ar, que preferentemente, deve ser aspirado quer diretamente por cima das tachas (para o que algumas são providas de campânulas adaptadas, como nos tipos argentinos), quer por meio de exaustores.

O manejo do vapor é um detalhe importante, mantendo-se pressão igual durante toda a parte inicial, para homogêneo aquecimento até ebulição, reduzindo-se a pressão, na segunda etapa, em que é feita a concentração. Nesta fase, se não houver redução da pressão, haverá subida do leite e consequente derramamento. Isto obriga a uma constante vigilância da operação, indispensável à homogeneidade de cor, de textura e de consistência do produto. Geralmente, o tempo total do aquecimento e concentração é de 2 a 3 horas.

O movimento das hélices ou dos mexedores manuais não pode ser paralisado durante nenhum instante do aquecimento e da concentração, afim de evitar queima parcial do

produto. A verificação do ponto em que esteja terminada a operação é de observação empírica, e pode ser por uma das quatro modalidades:

1 — uma gota de doce retirada da tacha e posta sobre o marmore, indica, ao resfriar-se a consistência que terá o produto;

2 — despejando-se umas gotas do doce em água num copo de vidro, elas caem no fundo sem se dissolverem;

3 — fazendo cair com uma vareta ou colherinha o doce, se observa se é filante ou muito espesso, e.

4 — tomando-se uma gota de doce entre o polegar e o indicador, ao serem separados, o doce se distende, dando aspecto de massa filante, quando de boa liga e bem preparado.

Cada fabricante tem um tipo de produto, de maior ou menor consistência, de cor menos ou mais clara, etc., conforme a preferência dos consumidores.

Quando se deseja aromatizar o doce ou lhe adicionar substâncias próprias, a adição é feita no momento de concluir o aquecimento.

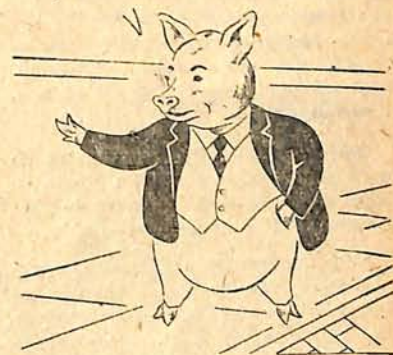
Resfriamento — apresentadas a consistência e a coloração desejadas, fecha-se o vapor e procede-se ao resfriamento. Este pode ser iniciado na própria tacha, fazendo-se correr água fria pelo bojo, mantendo-se as hélices em funcionamento. Assim fica o doce por 20-30 minutos em agitação. Depois disso, é vertido em vasilhas metálicas inoxidáveis, de 25 a 35 litros, que são colocadas em tanques com água corrente, para término do resfriamento. Também o doce pode ficar exposto ao ambiente (livre de poeira e de moscas). Sempre mantido em agitação manual ou mecânica, afim de esfriar mais rapidamente, obtendo-se massa homogênea, de boa liga e brilhante. Assim ficará até temperatura de 45-50°C.

Embalagem — ainda quente, é o doce embalado na forma que se desejar, empregando-se envases perfeitamente limpos, preferentemente esterilizados. Enquanto morno, fechar

EVITE PREJUÍZOS

VACINANDO SEUS PORCOS

CONTRA A PESTE SUINA
com VACINA CRISTAL VIOLETA



A peste dos porcos é uma doença infécto-contagiosa, de efeitos desastrosos, pois quando aparece, sua violência causa mortes em quantidade elevada.

Está em suas mãos EVITAR OS PREJUÍZOS ocasionados pela peste, agindo da seguinte maneira:

- Vacinar preventivamente TODOS OS ANIMAIS SÃOS, renovando a vacinação periodicamente de 6 em 6 meses.
- Vacinar os leitões ao completarem o 30.º dia de vida.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS
está fornecendo vacinas GARANTIDAS COM TESTE DE EFICIÊNCIA, e sob a fiscalização da Diretoria de Defesa Sanitaria Animal do Ministério da Agricultura.

VACINA CRISTAL VIOLETA "HERTAPE"

Vidros de 40 doses — Vidro Cr.\$ 220,00

VACINA CRISTAL VIOLETA "VITAL BRASIL"

Vidros de 100 cm³ — Vidro Cr.\$ 150,00

ATENDEMOS TAMBEM PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL
PEDIDOS A

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS
(EX-FEDERAÇÃO DOS CRIADORES)

RUA SENADOR FEIJÓ, 30 — S/LOJA

Telefones: 2-3832 e 2-6429

SÃO PAULO — BRASIL

as latas em cravadeira. As latas podem ser de 250 gramas a 5 kg, e, uma vez bem fechadas, podem ser levadas ao autoclave, para esterilização a 110°C por 10-15 minutos, o que garantirá a estabilidade microbiana do produto.

Nota — a rotulagem das latas deve observar integralmente as exigências contidas na Portaria 245, de 19-4-45, do D. N. P. A., referente à identificação do produto e do estabelecimento produtor, à data de fabricação, etc.

CARACTERÍSTICAS

Terminada a fabricação, o produto é perfeitamente esteril, e, si não houver contaminação posterior, se conservará por muito tempo em suas características normais.

O doce bem feito deve se apresentar como massa de consistência homogênea, semi-mole, de cor amarelo pardacento, brilhante; de textura fechada, sem grumos, flocos ou bolhas; de cheiro agradável, próprio e de gosto característico. Deve dissolver-se bem na boca entre o vau paladar e a língua, sem a menor sensação de arenoso (mesmo entre os dentes). O gosto pode variar entre os doces simples e os mistos, devendo sempre lembrar neste caso, as substâncias adicionadas. Qualquer gosto estranho, desagradável ou não, constitui defeito.

Composição — Os constituintes do doce de leite, em média: água — 25%; gordura — 8%; cinzas — 2%; lactose — 15%; sacarose — 50%.

Esta composição está mais ou menos de acordo com o cálculo de rendimento, que depende da quantidade de açúcar e da qualidade do leite (com maior ou menor teor de extrato seco) e do grau de concentração. Assim, empregando-se, por exemplo, 100 litros de leite integral (de 12.5% de extrato seco total) e 25% de açúcar, dever-se-á obter 50 kg de doce, na seguinte base:

matéria sólida dos 100 litros de leite
12,5 kg;

açúcar adicionado - na base de 25%
25,0 kg;

água existente em 50 kg de doce
12,5 kg;

Quantidade total do doce obtido
50,0 kg.

O ante-projeto do Código Nacional de Alimentação estabelece o seguinte padrão para o doce de leite:

água — máximo — 25%;
gordura — mínimo — 5%;
resíduo mineral

fixo — máximo — 2%, e,
acidez, em soluto alcalino normal,
por cento — máximo — 5 cc.

DEFEITOS

Qualquer alteração nas características normais do produto constitui defeito. Estes podem ser:

a) — na apresentação — embalagem defeituosa, não protegendo o produto contra o ambiente, facultando contaminação e violação. Falta de rotulagem adequada, ou com dizeres errados ou incompletos. Presença de sujeira de qualquer espécie no produto.

b) — na cor — falta de homogeneidade, dando aspecto marmoreo; cor muito escura denunciando queimado ou excesso de bicarbonato de sódio. Cor muito clara revelando falta de aquecimento intenso (de que não resultou caramelização dos açúcares) o que é comum quando a evaporação é no vácuo parcial.

c) — na textura e no corpo — textura arenosa, dada a cristalização do açúcar, defeito comum em doce de concentração incompleta ou resfriado rapidamente, ou com excesso de sacarose. A cristalização é mais intensificada em doces velhos (de mais de 5 meses). Percebem-se os grânulos, mesmo a olho nú. São duros e arenosos ao morder. Doce talhado, ou com grumos, ou farináceo — são as gradações do defeito resultante do emprego de leite ácido. As vezes a acidez é do açúcar ou da glicose, quando impuros, úmidos e fermentados. O doce apresenta grânulos, ou flocos de massa mais consistente, às vezes, com aspecto esfarinhavel.

Doce muito mole — é o de evaporação incompleta, ficando com excesso de água. Doce muito duro, quando o contrário, principalmente, mediante excesso de açúcar. Doce dessorante é quando a massa começa a soltar sôro resultante da acidificação excessiva — é defeito comum em doces mal fabricados, com emprego de leite ácido e açúcar de qualidade inferior.

d) — no sabor e no cheiro — cheiro e gosto impróprios, como de queimado, de azedo, de queijo, etc., etc. São sempre resultantes de fabricação defeituosa ou emprego de matéria prima e ingredientes anormais. Cheiro e gosto de ranço ou de mijo não são raros em doces velhos e mal conservados.

Para evitar os vários defeitos, além do emprego de matéria prima e ingredientes de qualidade irrepreensível, deve-se trabalhar com apa-

relhagem higiênica e tecnicamente satisfatória, adotando sistema de fabricação racional, em estabelecimento devidamente montado.

O produto deve ser embalado em vasilhame próprio e esterilizado, e conservado ao abrigo da luz e do calor, preferentemente, em câmara frigorífica. Para evitar a cristalização progressiva, de que resulta o doce arenoso, de 15 em 15 dias, virar as latas de posição, para ligeira agitação do doce. Em boas condições, o doce dura até 3 meses sem se alterar.

JULGAMENTO — Escala de pontos.

Embora não esteja prevista em regulamentação uma escala de pontos para julgamento, na rotina de inspeção pode ser adotada a seguinte:

Apresentação	— 10 pontos
Cor	— 10 "
Corpo e textura	— 20 "
Sabor	— 30 "
Cheiro	— 30 "

Doce perfeito — 100 pontos

Crítério:

doce ótimo — de 85 a 100 pontos;

" bom — de 75 a 84 "

" regular — de 60 a 74 "

" ruim, impróprio para venda

em natureza — menos de 60 pontos.

Aproveitamento condicional — defeitos não resultantes de fermentações anormais ou os que não tenham impedido ao doce cheiro e gosto desagradáveis, facultam-lhe aproveitamento condicional. Este aproveitamento pode ser na própria fábrica, permitindo-se dissolução do doce em água — para retirada dos cristais, para posterior cocção, adicionado de leite e açúcar. Também pode ser procedido o aproveitamento do doce em confeitarias, aplicando-o em várias formas de confeitados, tais como balas, bolachas, etc.

Nota — Obtem-se bom tipo de doce de leite submetendo-se latas fechadas de leite condensado ao aquecimento em banho-maria fervente, por 1 a 2 horas. O produto se apresentará com consistência firme, pastoso-gelêica, devido à coagulação da caseína pelo calor, e, de cor amarelo-pardo, dada a caramelização parcial da lactose e da sacarose. Estas alterações modificam também o gosto do leite condensado, conferindo-lhe paladar mais agradável.

AS FAZENDAS DE UM PAÍS SÃO AS SUAS MAIORES FABRICAS E CADA ANIMAL EXERCE A MESMA FUNÇÃO QUE UMA MAQUINA. CADA MAQUINA EXECUTANDO BEM A PARTE QUE LHE COMPETE DARA' BONS LUCROS E SERA' MOTIVO DE SATISFAÇÃO PARA SEU PROPRIETARIO.

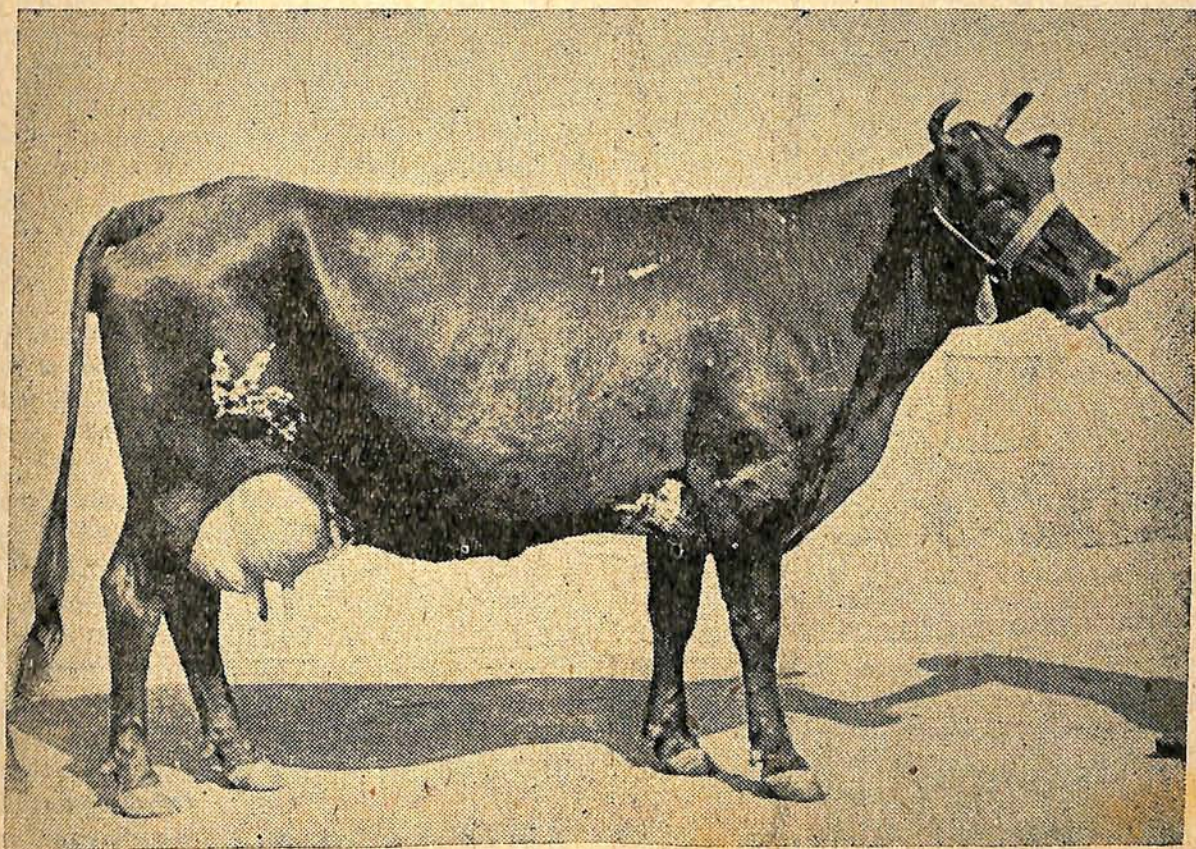
A BÔA VACA LEITEIRA

Hug G. Van Pelt

Hoje em dia a concorrência colocou todas as industrias numa base comercial. O negociante prospera em seus negocios quando pôde vender os seus artigos a preços mais baixos e ainda obter um lucro igual ou maior do que o dos seus competidores. O profissional porspero é aquele que, pelos serviços prestados, recebe dos seus clientes a maior remuneração. O industrial bem sucedido é aquele cujos metodos lhe permitem produzir um artigo e vendê-lo a um preço tão baixo ou inferior ao preço pedido por outros fabricantes e todavia obtem um lucro tão grande quanto esses. O lavrador que consegue produtos em sua fazenda pelo menor custo possivel, levando em conta a qualidade, pode considerar-se prospero. Em tempo algum, o agricul-

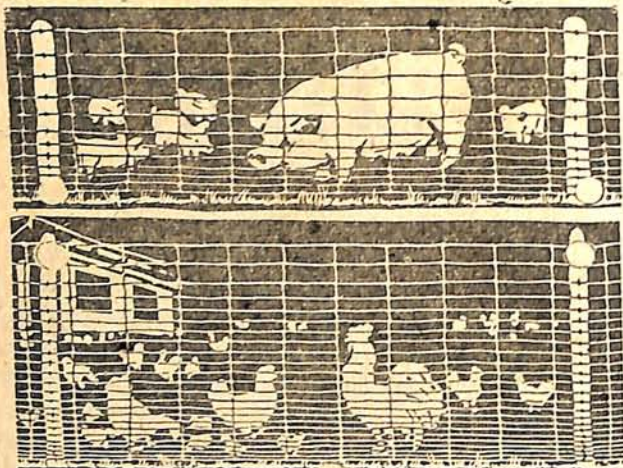
tor deixou de se vangloriar de que, de toda a humanidade, sòmente ele é realmente independente. A tal ponto isso é certo e tão bem foi compreendido pelos agricultores, que é provavel que tivessem negligenciado, ao ponto de, na disputa de preços mais elevados terem deixado passar desapercibido um ponto muito importante; que um cruzeiro poupado no custo da produção de 10 quilos de qualquer produto, é na realidade um ingênuo ganho e provavelmente é o mais facil de ser ganho na fazenda.

Isso sobretudo é verdade com o agricultor produtor de leite ou o homem que na fazenda explora vacas leiteiras. E' geral a crença de que o negocio de leite é trabalhoso e que de cada 100 agricultores ou filhos de agricultores que se encontram e aos



"CAMBUQUIRA" — Uma grande produtora. Criação de Kingma & Cia.

CERCAS "PAGE"



Instalações higienicas proporcionam sempre resultados positivos.
As CERCAS "PAGE", oferecem bom arejamento, entrada de sol e suprimem a umidade nos cercados, evitando doenças — Peça detalhes —

"PAGE" LTDA.

PRAÇA DA SÉ, 371 - 2.º and. - S. Paulo
CAIXA POSTAL, 241 - TELEF. 2-3080

quais o serviço de ordenhar é agradável, haverá talvez 50 que prefiram fazer outro qualquer trabalho na fazenda. Por que? Pela simples razão de que muitas das vacas não merecem ser ordenhadas. As indicações sob as quais são ordenhadas essas vacas, são desfavoráveis. Em quasi todas as fazendas, de 10 a 75% das vacas não dão absolutamente lucro algum e muitas destas são as causas de prejuizos para os seus donos.

Duas razões da existência de tantas vacas que não proporcionam lucros. Primeira: em um grande numero de fazendas não se dá às vacas o cuidado devido. Não recebem o alimento apropriado ou em quantidades convenientes. Os estabulos em que são abrigadas, frequentemente são escuros, húmidos, frios e mal ventilados. As vacas bebem agua, em intervalos irregulares e assim também são alimentadas e ordenhadas e não são consideradas seriamente como beneficiárias da fazenda. Nessas condições são vitimas de doenças, pouco importando que sejam de boa raça ou que tenham excelente individualidade. Está fora de duvida esperar que deem ao seu dono um grande lucro.

Segunda: existem nas fazendas, em todos os países, um grande numero de vacas tão defeituo-

sas na individualidade e aptidão que é impossível que possam dar lucros. Não importa que sejam encontradas nas fazendas sem organização, sob condições improprias ou nas granjas de primeira classe, onde recebem o melhor tratamento e alimento; nunca darão um real de beneficio sobre o custo do alimento que consomem. Calcula-se que das 22.000.000 de vacas que se ordenham nas fazendas dos Estados Unidos da America do Norte, 14.000.000 não darão, absolutamente, lucro algum. A metade destas, dariam algum lucro se recebessem boa alimentação e o cuidado devido. A outra metade, ou 7.000.000 de vacas, não dão lucro porque ou não foram bem criadas ou são individuos sem valor.

Ao tratar-se da seleção das vacas ou da reorganização ou melhoramento do rebanho sob ponto de vista mais lucrativo, a questão deve ser encarada na base economica, comercial e de negocio que o fabricante adota para fazer da seleção das maquinas para a sua fabrica. Na realidade a vaca leiteira, é mais do que uma maquina. E' um ser vivo, sumamente nervoso e u mtanto sentimental, governada em alto grau pela força do habito. Esses são os caracteres que possui, e, além disso, si é uma boa vaca, apresentará todas as qualidades de uma maquina eficiente, duravel e capaz. Portanto, é evidente que, o fabricante de produtos de laticínios tenha um trabalho ainda mais complicado do que o do fabricante de outra qualquer especie de artigos, pois não só, como fazem outros fabricantes deverá dar um carater comercial aos seus esforços, como também deve ter em conta os estragos individuais de cada maquina vivente, em sua fabrica — fazenda.

Quando o criador finalmente reconhecer que na realidade, as fazendas de um país são as suas maiores fabricas, que cada animal está ali com a mesma finalidade que a maquina em outra fabrica, que cada máquina deve executar bem a parte que lhe compete e si a fábrica vai ser a causa de satisfação e de grande rendimento para o seu proprietario, então é que todas as vacas ordenhadas na fazenda serão, para o seu dono uma fonte de lucros e dest'arte o operario não desaparecerá da fazenda para ir trabalhar na cidade, em fabricas de outra classe, por uns quantos cruzeiros por hora. Tanto o agricultor como o seu filho, então se convencerão que de todas as fabricas, os maiores dividendos e interesses sobre o dinheiro empregado são obtidos da fabrica cujo teto é o céu e as parede o horizonte.

Receituário Prático

Leitor Amigo. Encontrará você, aqui, uma série de pequenos ensinamentos práticos e que a todo momento necessitamos em nossas fazendas. Se você precisar de algum conselho para fazer isto ou aquilo, consulte-nos, que teremos o máximo prazer em atendê-lo. Se você tiver, também, alguma cousa para divulgar, envie-nos, que teremos o máximo prazer em publicá-la.

Esterco artificial — Esterco de curral — O esterco deve ser encarado como fertilizante ou corretivo — Estimulante genésico — Emulsão de petróleo — Esmeril — Essência de flores — Esterilidade dos animais — Extrato de fumo — Eletricidade — Ebulição — Dormideira — Dores — Defluxo — Dentifício — Destilação da madeira — Desinfecções — Eucaliptos — Aplicações do eucalipto e variedades aconselhadas — Xaropé de maçãs — Licor de maçãs — Vinho ou sidra de laranjas — Aguardente de laranjas — Creme de laranjas.

ESTERCO ARTIFICIAL — O esterco de curral é o fornecedor de humus às nossas terras. O seu volume, porém, mesmo triplicado, é insuficiente para atender às necessidades de uma só das culturas paulistas — o café.

O lixo da sede e da colônia, o mato das capinas das hortas e jardins, as folhas que forram as alamedas dos pomares, todos os resíduos vegetais; os capins gordura e jaraguá e principalmente o elefante, quando passados na máquina de picar cana, servem para a fabricação do esterco artificial.

O esterco pode ser feito nas próprias esterqueiras ou fossas abertas em terrenos firmes e bem socados.

Faz-se uma camada desse material (qualquer dos citados acima) comprimindo-a muito bem; calcula-se, aproximadamente o peso dessa camada que deve ter de 20 a 25 cmt. de altura. Conhecido o seu peso pulverisa-se:

3% (do peso total) de cloreto de potássio;

5-10% de escórias de Thomas ou cinza de ossos, fosfatos naturais ou qualquer outro fertilizante fosfatado.

Faz-se nova camada de resíduos vegetais de 20 a 25 cmts. e nova pulverização de cloreto e fosfatos e assim sucessivamente até exgotada toda a matéria vegetal.

Cobre-se o monte com uma camada de terra de 20 cmts., socando-se fortemente.

A irrigação é feita da seguinte maneira:

Numa tina, à parte, dissolve-se em 100 litros de água 1 quilo de cal viva e depois de extingui-la: 2,2 quilos de sulfato de amônio ou 1,0 a 1,5 quilos de uréia.

Com essa solução banha-se não só as camadas de resíduos como todo o monte durante a sua fermentação.

A fermentação é rápida e uniforme em toda a massa. No fim de um mês é conveniente cortar verticalmente o esterco, revira-lo e amontoa-lo novamente numa fossa ao lado. Essa operação não é indispensável.

Nova fermentação se produz, mais fraca e de menor duração e no fim de 15 a 20 dias todos os resíduos estão transformados em excelente esterco, mais rico que o conhecido esterco de curral.

Esse processo é devido a M. Roos grande horticultor francês.

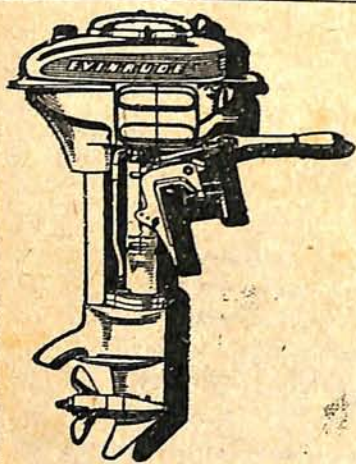
ESTERCO DE CURRAL — O esterco de curral quando bom contém:

0,46% de azoto (N)

0,20% de ácido fosfórico (P_2O_5)

0,56% de potássio (K_2O).

O grande valor do esterco consiste em fornecer à terra a matéria orgânica formadora de humus e em melhorar as suas qualidades físicas e biológicas.



EVINRUDE

O motor de popa preferido

De 1 a 50 H. P.

Assistência mecânica e completo sortimento de peças sobressalentes

DISTRIBUIDORES:

VERDIER & CIA. LTDA.

Av. Duque de Caxias, 730 — Fone 51-6945 — SÃO PAULO

O ESTERCO DEVE SER ENCARADO COMO FERTILIZANTE OU CORRETIVO?

E' um excelente corretivo e um ótimo fertilizante.

E' um modificador das qualidades físicas da terra, favorecendo a humificação dos solos demasiadamente arenosos e afofando aqueles muito ricos em argila. E' armazenador de umidade, de calor, restaurador da flora microbiana e fornecedor de humus, esse elemento tão acertadamente chamado de "alma do solo".

Como fornecedor de elementos nobres minerais utilizados na alimentação das plantas age nas adubações pela quantidade empregada. E' pobre em elementos químicos quando comparado aos fertilizantes do comercio. E' bastante lembrar que são precisos:

100.000 quilogramas de esterco para equivaler em:
N a 1.000 de uréia;

44.563 para equivaler 1000 de sulf. de amoneo;

33.700 para representar 1000 de salitre do Chile e
13.043 para equivaler 100 de torta de mamona.

Quanto ao fosforo, o fosfato de amoneo (amorfo). contém em 1.000 quilogramas 480 quilos de P_2O_5 , quantidade só acumulada em 230.000 quilogramas de esterco!

E em relação ao potassio?

1000 quilos de cloreto têm 500 de K_2O .

91.071 quilos de esterco contém a mesma quantidade!

ESTIMULANTE GENESICO (Veterinaria) —

Para os grandes animais:

a) Ioimbina	1 grm.
Agua destilada	250 grms.
Cloroformio	V gotas

5 vezes ao dia, na agua ou com o farelo moído.

b) Acido arsenioso 0,25 a 0,50 grms. por dia, durante 20 dias, descanso de 10 dias recomeçando-se novamente (cavalos); bodes e carneiros: 0,20 grms, por dia.

c) Ioimbina	0,010 a 0,50 grms.
Sulfato de estriquirina 0,015 a 0,020 grms.	
Agua destilada	10,00 c. c.

Em injeções subcutaneas de 10 c.c. de 2 em 2 dias.

EMULSÃO DE PETROLEO — Como se prepara a emulsão de petroleo, poderoso inseticida de magnifico emprego nos pomares?

Querozene	6 litros
Sabão ordinario ou preto (cinza) ..	250 grms.
Agua	4 litros

Corta-se o sabão em pedacinhos, deita-se em agua quente e ferve-se.

Ajunta-se o querozene aos poucos, em filete fraco, mexendo-se sempre com um pau e durante

ADUBOS



MANAH S. A. Com.
Industr. de Adubos e Ra-
ções. Rua Lib. Badaró.
306. Tel. 3-2293

São Paulo

uns 10 minutos. O querosene deve ser adicionado enquanto a solução de sabão se apresentar bem quente, para se conseguir a perfeita mistura.

Terminada essa operação leva-se a vasilha novamente ao fogo, tendo-se o cuidado preciso. A água empregada deve ser boa, isenta de saes calcareas. A mistura deve ter a consistencia de um creme.

Emprega-se uma parte da emulsão em 10 a 20 de água, em pulverisações.

E' bom inseticida e preventivo de muitos males.

ESMERIL — E' uma combinação de aluminio, silica, oxydos de ferro e outros componentes. O esmeril é muito usado no polimento das superficies metalicas. E' um pó homogêneo, de cor cinzenta escura, formado de pequenos e durissimos granulos poliedricos.

No comercio são conhecidos os esmeris da Baviera, Veneza, Espanha e outros.

Em mineralogia nada mais é que o corindon, pertencente às rochas quistosas metamorficas.

Em S. Paulo o esmeril foi encontrado numa camada de grande extensão, a poucos quilometros da Capital.

ESSENCIA DE FLORES — As rosas, violetas, jasmims, jacintos e outras mil flores dos nossos jardins, são ricas em oleos essenciais, fonte dos mais delicados perfumes.

Varios são os processos empregados na obtenção das essencias:

- a) destilação
- b) infusão
- c) gorduras que absorvem as essencias que depois são recuperadas pelos dissolventes.

Alem desses ha um processo caseiro que dá bons resultados e que consiste em: destacar as petalas e coloca-las em camadas sucessivas num vaso de barro vidrado, sendo a primeira de petalas, a segunda de sal de cosinha, a terceira de petalas e assim em seguida.

Fecha-se o vaso ermeticamente, tendo-se o cuidado de passar sobre a tampa cêra derretida ou parafina. Deixa-se em lugar fresco durante um mês.

Passado esse tempo cobre-se um vidro de boca larga com um pano de linho fino e despejam-se as petalas. O liquido filtrado é o veiculo de uma magnifica essencia que deve ser conservada em vidros e exposta ao sol durante algum tempo.

ESTERILIDADE DOS ANIMAIS — A esterilidade quando consequencia da acidez vaginal é combatida com lavagens de:

Fosfato de sodio 20 grams.

Água fervida morna 1 litro

ou

CARRAPATICIDA PEARSON

PARA DESTRUIR OS CARRAPATOS



NO GADO

Para obter rebanhos isentos de carrapatos, limpos, e sadios, use "Carrapaticida Pearson", mais um produto famoso da já famosa linha "Pearson".

"STANDARD" e "CONCENTRADO"

Peçam gratis o folheto explicativo
Únicos importadores — Pearson S. A.
(Desinfetantes, Inseticidas e Congêneres)

Rua Olimpio de Melo, N. 617 — A
(Antiga São Luiz Gonzaga)
Caixa Postal, 2201 — RIO DE JANEIRO
Distribuidores para os Estados do Rio, Minas Gerais e S. Paulo — Cia. Fábio Bastos, Com. e Ind.,
C. Postal, 2031, Rio de Janeiro

Bicarbonato de sodio 45 grms.

Folhas de eucaliptos 5 grms.

Água fervida 1 litro

EXTRATO DE FUMO — Como se prepara?

1 quilo de fumo preto, de rolo, bem humido, é cortado em pedacinhos e fervido em 2 litros de água até extração da nicotina.

Evapora-se em banho-maria até redução a 1 litro.

Emprega-se diluindo-se na proporção de 1 litro de água pura e 100 c. c. de extrato de fumo (1:10).

ELETRICIDADE — Alguns dados elementares:

Volt: tensão elétrica ou potencial: — Todo o fluido que circula num circuito determina uma tensão que é medida em volts.

Ampêres: intensidade elétrica: — A intensidade de uma corrente elétrica, em igual distancia é maior quanto o fio condutor é mais grosso. A intensidade é medida em ampêres.

Ampère × volt: potencia, em watts.

Ohms: resistencia elétrica: — Algumas substan-

**NAS CIDADES ...
NO INTERIOR...
EM TODO**



BRASIL

ELAS
PRESTAM
BONS
SERVIÇOS!

*Desnatadeiras
Massey-Harris
canadense*

LUBRIFICAÇÃO
AUTOMÁTICA
Distribuidores:

P.A. ALMEIDA & CIA.

QUÍMICO - LACTO - TÉCNICO
R. AUGUSTO SEVERO, 105
CAIXA, 959
SÃO PAULO
TELEF. 4-4312 e 4-4644
TELEGR. YRAM

cias são condutoras de eletricidade, outras se opõem à sua passagem. Essa resistência, absorvendo a eletricidade transforma-a em força útil, calor ou luz. E' essa resistencia igual à relação entre os volts e os ampêres, medida em ohms.

Condensador: — Separando-se dois condutores por uma substancia não condutora constrói-se um condensador. Condensa-se a energia elétrica e o condensador a restituirá em descargas sccessivas.

Acumulador: — E' um reservatorio elettrico. E' carregado de eletricidade extranha. E' acumulada sob a forma de elementos químicos, para ser restituída quando necessaria como se fosse uma pilha.

Indução magnetica: — Uma bobina às proximidades de uma fonte elétrica desenvolve uma zona de influencia chamada "campo magnetico". Um circuito vizinho não eletrizado se eletrisa. E' o que se chama indução.

Dinamo de corrente continua: — Uma bobina com seções parcialmente enroladas às laminas de um colector e virando os polos dum imam, determina uma energia escoando-se nesse mesmo sentido. E' cma corrente continua.

Dinamo de correntes alternativas: — Na ausencia de um colector do escoamento da corrente, a bobina é a séde de variações sucessivas de eletricidade em sentido contrario. Diz-se, então, que se recolhe em cada extremidade dessa bobina uma corrente alternativa. Fracionando-se a bobina em varias partes cada uma delas será a séde de variações ou correntes alternativas.

Com 3 grupos obtem-se uma corrente trifasica, podendo-se obter correntes bi-fasicas, tetra-fasicas.

Montagem em série: — E' o agrupamento de diferentes fontes de eletricidade para a obtenção de uma diferença de potencial mais elevada e assim uma tensão mais forte. A montagem em série dá ao circuito uma amperagem mais elevada.

EBULIÇÃO — Ponto de ebulição de diferentes corpos:

Acido clorídrico a 20°	110°
Acido nítrico concentrado	86°
Acido sulfurico	326°
Alcool	78°
Amoniac	38°,5
Benzol	80°,4
Espirito de vinho	60°
Eter	35°
Enxofre	448°
Bi-sulfureto de carbono	470°



**O Collarinho
TRUBENIZADO
e' molle e não enruga**

**CASA
KOSMOS**

DORMIDEIRA — E' planta da familia das paveraceas (papaver somniferum).

E' uma papoula de lindas flores e que fornece um dos maiores males da humanidade: o opio.

A variedade mais cultivada em grandes áreas do Oriente, é a papaver somniferum alba, a papoula branca.

DÔRES — Dôres intestinais (veterinaria):

Glycerina neutra 15 grms.

Cloroformio puro 1 grm.

1 colherada na agua.

Dôres locais — Calmante:

Extrato de beladona 50 grms.

Unguento papolium 500 grms.

Dôres dos tendões e articulações:

(Cavalos)

Camfora em pó 1 grm.

Oleo 7 grms.

Friccionar.

DEFLUXO — De uma revista tiramos a seguinte receita:

Agua oxigenada 20 vols. 1 colher de sopa

Agua fervente 1 xícara de chá

Aspirar os vapores 3 a 4 vezes ao dia.

Nos casos rebeldes preceder a operação usando-se algumas gotas de adrenalina, afim de facilitar a absorpção da agua oxigenada por toda a cavidade nasal.

DENTIFRICIO — E' aconselhado como bom dentifrício a seguinte receita:

A 4 partes de acido fenico cristalizado lissolvidas em 100 partes de alcool, juntar:

1 parte de eucaliptol

2 partes de salol

1/4 partes de mentol

1/10 partes de timol.

Colorir com cochoilha.

Usar algumas gotas num copo com agua.

DISTILAÇÃO DA MADEIRA — A industria do carvão, embora das mais antigas do mundo, é, também, das mais rotineiras. Até hoje a grande maioria do carvão vegetal consumido em todo o mundo é obtida pelo velho processo da queima em montes de lenha cobertos de terra. As celebres caieiras de carvão dos nossos roceiros.

O processo moderno consiste na queima da madeira em retortas de aço, aproveitando grande quantidade de sub-produtos.

Um dos tipos de fornos mais usados é o Jumbo que dispõe de uma camara de aço de 29 pés de comprimento e que comporta 4 carrinhos movidos sobre trilhos com uma capacidade de 15 toneladas de lenha. A duração da operação é de 24 horas.

Com a queima da lenha por distalação da madeira aproveita-se além do gaz incondensavel, utilizado no proprio aquecimento do forno, o acido

PRODUTOS QUIMICOS AGRICOLAS INDUSTRIAIS FARMACEUTICOS



FORMICIDA "JUPITER"
O CARRASCO DA SAÚVA

BI-SULFURETO DE CARBONO
"JUPITER"

ADUBOS QUIMICO - ORGAN.
"POLYSU" E "JUPITER"

Ingrediente "JUPITER"
em pó e pedras

PO BORDALÊS ALFA
"JUPITER"

ENXOFRE DUPLO VENTILADO
"JUPITER"

DETEROZ

INSETICIDA (D.T.)
AGRICOLA - SANITARIO - DOMESTICO

SULFATOS

de cobre, ferro, etc

ARSENIATOS
DE ALUMINIO E DE CHUNBO
"JUPITER"



Produtos Quimicos "Elekeiroz" S. A.

R. São Bento 503 - C. Postal 255

SÃO PAULO

S. S. publicidade

acetico, o alcool de madeira, o alcatrão e outros sub-produtos. O carvão obtido é levado para camaras anexas onde é resfriado fóra do contato do ar.

DESINFECÇÕES — A desinfecção dos quartos e mesmo de varios objetos (roupas, pratos, talheres, livros, etc.) usados por pessoas doentes pode ser feita com os seguintes processos:

a) — Num caixão perfeitamente fechado ou num quarto depois de bem calafetadas as portas e as janelas, deixa-se evaporar uma solução de formalina, préviamente aquecida, durante 5 ou 6 horas quando se deixa ventilar, podendo-se, tambem, pulverizar uma solução de amoniaco. Deve-se ter cuidado com os vapores da formalina que são venenosos.

b) — Queimando-se nas estufas ou aposentos o enxofre afim de transforma-lo em gaz sulfuroso, um poderoso microbicida. E' bom lembrar que o gaz sulfuroso é toxico.

c) — Uma desinfecção mais facil e rapida é obtida pela pulverização do chão e das paredes com

uma solução de acido fenico ou de formol em agua. As dosagens são de: 30 grms. de acido fenico e 10 grms. de formol por litro de agua.

d) — O cloreto de cal tambem pode ser usado. E' empregado em pulverisações de uma solução de 50 grms. de cloreto de cal por litro de agua.

EUCALIPTOS — Navarro de Andrade aconselha as seguintes variedades:

- a) — Para as regiões tropicais:
citriodora, grandifolia, maculata, resinifera, rostrata, teriticornis.
- b) — Para as regiões frias:
longifolia, meliodora, vimialis.
- c) — Para regiões temperadas:
citriodora, globulus, robusta, rostrata, saligna, teriticornis.
- d) — Para as zonas sugeitas a grandes secas:
rostrata, angulosa, resinifera.
- e) — Variedades sensíveis às secas:
citriodora, globulus, saligna.

APLICAÇÕES DO EUCALIPTO E VARIEDADES ACONSELHADAS

Para postes e dormentes: Globulus, citriodora, longifolia, teriticornis, rostrata, saligna, resinifera, acmenioides, goniocalix, paniculata.

Construções civis: Globulus, longifolia, teriticornis, rostrata, saligna, citriodora e outras.

Marcenaria: Citriodora, maculata, globulus, resinifera, saligna, rostrata e outras.

Fabricação de pasta para papel: Saligna, teriticornis, citriodora, vimialis.

Lenha: Rostrata, teriticornis, saligna, longifolia, botrioides, alba, globulus, vimialis.

Oleos essenciais: Amigdalona, acmenioides, pulverulenta, citriodora, globulus.

Carvão vegetal: Pilularis, longifolia, rostrata, teriticornis, saligna, corninocalix.

Acido pirolenhoso bruto: Robusta, rostrata, teriticornis, longifolia.

Tanino (casca e folhas): Meliodora, pilularis, corinocalix, gonnii.

Estacaria: Globulus, crimbosa, teriticornis, resinifera, rostrata.

Escoamento: Globulus, longifolia, teriticornis, rostrata.

Apicultura: Bosques com variedades mistas.

Arborisação, abrigos e quebraventos: Robusta, vimialis, alba, botrioides.

XAROPE DE MAÇÃS — Pode-se preparar um xarope de maçãs tomando um quilo de polpa de maçãs de boa qualidade e maduras a que se adiciona 1 litro de agua. Deixa-se em contato 12 horas. Prensa-se a pasta e o liquido resultante filtra-se. A um litro do liquido que se obtem junta-

(Conclue na pag. 72)

Só ha uma CREOLINA e esta tem o nome sobre os rotulos

CREOLINA PEARSON

Unicos distribuidores no Brasil
PEARSON S/A.
 (Desinfetantes, Inseticidas e Congêneres)
 Rua Olimpio de Melo, 617 — Caixa 2201
 RIO DE JANEIRO

«Recordes» do Controle Leiteiro da Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Fidelis Alves Netto

NO PRESENTE TRABALHO TEMOS A SATISFAÇÃO DE REVELAR AOS NOSSOS LEITORES A SITUAÇÃO DOS QUADROS DE PRODUÇÕES DO SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO DA A. P. C. B., ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1947.

AS MELHORES PRODUÇÕES DE LEITE REGISTRADAS EM CADA IDADE (OU CLASSE), NÚMERO DE ORDENHAS (OU CATEGORIAS), RAÇA E GRÃO DE SANGUE, EM 365 E 300 DIAS, FORAM REUNIDAS EM DOIS QUADROS DIFERENTES. AS DEZ MELHORES PRODUÇÕES DE LEITE E DE GORDURA REGISTRADAS EM 365 E 300 DIAS ACHAM-SE REUNIDAS EM DOIS OUTROS QUADROS AGORA DENOMINADOS "DE HONRA".

A COMPOSIÇÃO DÊSSES QUADROS, COM OS RESULTADOS OBSERVADOS NOS SERVIÇOS SOMENTE AGORA VEM SER POSSÍVEL, POIS, ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1947 JÁ CONTAVAMOS COM 41 LACTAÇÕES DEVIDAMENTE CONTROLADAS E CLASSIFICADAS E MAIS 488 OUTRAS EM 300 DIAS.

COM OS RECENTES RESULTADOS VERIFICADOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DO CORRENTE ANO VAMOS TER MODIFICADAS MUITAS DAS POSIÇÕES AGORA MENCIONADAS E ASSIM, DENTRO EM BREVE ESPERAMOS PUBLICAR ÊSSES MESMOS QUADROS DEVIDAMENTE ATUALIZADOS.

NO QUADRO I, REPRESENTANDO OS RECORDES PARA QUALQUER RAÇA, VARIEDADE, GRÃO E SANGUE, SÃO CLASSIFICADOS OS MELHORES REGISTROS DE PRODUÇÃO DE LEITE ASSINALADOS ATÉ DEZEMBRO ÚLTIMO, NAS DIFERENTES IDADE E DE ACÓRDO COM O NÚMERO DE ORDENHAS EFETUADAS.

— Quadro I —

“Recordes” do Serviço de Controle Leiteiro até Dezembro de 1947

— Classificação por produção de leite —

Idade	Vaca	Leite	Gordura (ks)	%	Raça	Criador
EM 365 DIAS — TRÊS ORDENHAS						
2 a 3	— Não existe produção registrada nesta idade					
3 a 4	— Arboleda's Yantje 466	5.659,0	209,0	3,70	Hol. p b	P.O. C.A.W. Auerbach
4 a 5	— Urânia 75	5.180,0	180,7	3,48	Hol. p b	M. J. B. Alcântara
5 e mais	— Grauna 58	7.105,0	301,1	4,23	Hol. p b	P.O. J. B. Alcântara
duas ordenhas						
2 a 3	— Duquêsa 451	3.668,0	151,8	4,13	Hol. p b	P.C. J. Moraes Barros
3 a 4	— Arizona 278	4.682,0	181,4	3,87	Hol. p b	P.C. A. Caio S. Ramos
4 a 5	— Tunisia 414	4.327,0	173,0	4,00	Hol. p b	P.C. J. Moraes Barros
5 e mais	— Maravilha 276	5.808,0	176,3	3,03	Hol. p b	M. A. Caio S. Ramos
EM 300 DIAS — TRÊS ORDENHAS						
2 a 3	— Farroupilha Sent. 478	4.714,0	172,2	3,65	Hol. p b	P.C. Col. Advent. Bras.
3 a 4	— Fortalêsa 45	5.388,0	189,3	3,51	Hol. pb	P.C. Col. Advent. Bras.
4 a 5	— Marreca 461	3.633,0	134,1	3,69	Hol. p b	P.C. Col. Advent. Bras.
5 e mais	— Grauna 58	6.420,0	265,2	4,13	Hol. p b	P.O. J. B. Alcântara
duas ordenhas						
2 a 3	— Brandina 397	3.983,0	147,3	3,69	Hol. p b	M. J. B. Alcântara
3 a 4	— Neblina 556	4.787,0	172,8	3,60	Hol. p b	P.C. J. Moraes Barros
4 a 5	— Duquêsa 106	5.014,0	199,35	3,97	Hol. v b	M. Orlando B. Pereira
5 e mais	— Neblina 584	6.118,0	251,1	4,10	Hol. p b	M. Paulo E. Souza

“RECORDES” verificados em um só dia de controle

Produção de leite: Coleira — 34,390 kgrs.,

assinalado em 7-8-45

Produção de Gordura: Roseira — 1,627 kg

rs., Hol. p b M. Cr. Paulo E. de Souza as-

sinalado em 24-9-47

Hol. p b P.O. Cr. D. Berta M. Weiszflog

Quadro de Honra do Serviço de Controle Leiteiro

DA

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Relação das DEZ MAIORES PRODUÇÕES DE

LEITE “QUALQUER CLASSE” registradas até Dezembro de 1947.

1.0	GRAUNA	365 DIAS	
2.0	ÚNICA		
3.0	BELINHA	7.105,0 ks.	Joaquim Barros Alcântara
4.0	MARAVILHA	6.390,0	Carlos A. Willy Auerbach
5.0	ARBOLEDA'S YANTJE	6.027,0	Colégio Adventista Brasileiro
6.0	CAMPINEIRA	5.808,0	A. Caio da Silva Ramos
		5.659,0	Carlos A. Willy Auerbach
		5.286,0	João de Moraes Barros

7.0	JAVANESA	5.253,0	João de Moraes Barros
8.0	PANACÉIA	5.209,0	Colégio Adventista Brasileiro
9.0	URÂNIA	5.180,0	Joaquim Barros Alcântara
10.0	POLACA	5.069,0	João de Moraes Barros

EM 300 DIAS

1.0	GRAUNA	265,2	Joaquim Barros Alcântara
2.0	NEBLINA	251,1	Paulo Eduardo de Souza
3.0	VERA	242,4	Carlos A. Willy Auerbach
4.0	PRATEADA	212,4	Paulo Eduardo de Souza
5.0	VALIZA	205,5	Colégio Adventista Brasileiro
6.0	CARÍCIA	201,6	Paulo Eduardo de Souza
7.0	AMAZONAS ARGENTINA	199,8	A. Caio da Silva Ramos
8.0	DUQUÊSA	199,35	Orlando Barros Pereira
9.0	JANDAIA	199,2	A. Caio da Silva Ramos
10.0	CAMPINEIRA	199,2	Joaquim Barros Alcântara

300 DIAS

1.0	GRAUNA	6.420,0	Joaquim Barros Alcântara
2.0	NEBLINA	6.118,0	Paulo Eduardo de Souza
3.0	PAULISTA	6.093,0	Colégio Adventista Brasileiro
4.0	VALIZA	6.006,0	Colégio Adventista Brasileiro
5.0	PRATEADA	5.868,0	Paulo Eduardo de Souza
6.0	CARÍCIA	5.665,0	Paulo Eduardo de Souza
7.0	ROSEIRA	5.628,0	Paulo Eduardo de Souza
8.0	LORENA	5.599,0	A. Caio da Silva Ramos
9.0	BELINHA	5.503,0	Colégio Adventista Brasileiro
10.0	BONECA	5.496,0	Colégio Adventista Brasileiro

Quadro de Honra do Serviço de Controle Leiteiro

DA

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Relação das DEZ MAIORES PRODUÇÕES DE

GORDURA "QUALQUER CLASSE" registradas até Dezembro de 1947

EM 365 DIAS

1.0	GRAUNA	301,1 ks.	Joaquim Barros Alcântara
2.0	ÚNICA	236,9	Carlos A. Willy Auerbach
3.0	VALQUIRIA	221,2	Orlando Barros Pereira
4.0	BELINHA	215,7	Colégio Adventista Brasileiro
5.0	JAVANÊSA	213,9	João de Moraes Barros
6.0	CAMPINEIRA	212,4	João de Moraes Barros
7.0	AMAZONAS ARGENTINA	211,0	A. Caio da Silva Ramos
8.0	ARBOLEDA'S YANTJE	209,8	Carlos A. Willy Auerbach
9.0	MODERNA	209,5	João de Moraes Barros

Produções máximas registradas no Serviço de Controle Leiteiro

DA A. P. C. B. ATE' DEZEMBRO DE 1947

— Classificação por raça, grão de sangue e idade —

Idade Anos	Vaca	Leite	Gordura %	Proprietário
EM 365 DIAS		Três ordenhas		
RAÇA HOLANDESA p. b.				
		Puras de Origem		
2 a 3 — (1)		—	—	—
3 a 4 — Arboleda's Yantje	466	5.659,0	209,0	3,70 C. A. W. Auerbach
4 a 5 — (1)		—	—	—
5 e mais — Grauna	58	7.105,0	301,1	4,23 J. Barros Alcântara
		Puras por Cruza		
2 a 3 — (1)		—	—	—
3 a 4 — Panacéia	390	5.209,0	175,6	3,27 Col. Advent. Brasileiro
4 a 5 — (1)		—	—	—
5 e mais — Única	342	6.390,0	236,9	3,77 C. A. W. Auerbach
		Mestiças		
2 a 3 — (1)		—	—	—
3 a 4 — (1)		—	—	—
4 a 5 — Urânia		—	—	—
5 e mais — (1)	75	5.180,0	180,7	3,48 J. Barros Alcântara

RAÇA HOLANDESA p. b.

Duas ordenhas

Puras de Origem (1)				
Puras por Cruza				
2 a 3 — Duquêsa	451	3.668,0	151,8	4,13 J. Moraes Barros
3 a 4 — Arizona	278	4.682,0	181,4	3,87 A. Caio S. Ramos
4 a 5 — Tunísia	414	4.327,0	173,0	4,00 J. Moraes Barros
5 e mais — Campineira	296	5.286,0	212,4	4,01 J. Moraes Barros
Mestiças				
2 a 3 — Balinha	429	3.197,0	129,9	4,06 J. Barros Alcântara
3 a 4 — Faceira	383	3.996,0	170,5	4,26 J. Moraes Barros
4 a 5 — Figueira II	166	3.630,0	159,3	4,38 J. Teófilo Fleury Filho
5 e mais — Maravilha	276	5.808,0	176,3	3,03 A. Caio S. Ramos

RAÇA HOLANDESA v. b.

Puras de Origem (1)

Puras por Cruza (1)

Mestiças

2 a 3 — (1)		—	—	—	—
3 a 4 — (1)		—	—	—	—
4 a 5 — Valquiria		—	—	—	—
5 e mais — (1)	66	4.936,0	221,2	4,48	O. Barros Pereira

Produções máximas registradas no Serviço de Controle Leiteiro

DA A. P. C. B. até Dezembro de 1947.

— Classificação por raça, grão de sangue e idade —

Idade anos	Vaca	Leite	Gordura	%	Proprietário
EM 300 DIAS					
Três ordenhas					
RAÇA HOLANDESA p. b.					
Puras de Origem					
2 a 3 —	Arboleda's Bena	59	3.423,0	121,2	3,54 C. A. W. Auerbach
3 a 4 —	Arboleda's Yantje	466	5.266,5	191,7	3,63 C. A. W. Auerbach
4 a 5 — (1)			—	—	—
5 e mais —	Grauna	58	6.420,0	265,2	4,13 J. Barros Alcântara
Puras por Cruza					
2 a 3 —	Farroupilha Sentinel	478	4.714,0	172,2	3,65 Col. Advent. Brasileiro
3 a 4 —	Fortaleza	45	5.388,0	189,3	3,51 Col. Advent. Brasileiro
4 a 5 —	Marréca	461	3.633,0	134,1	3,69 Col. Advent. Brasileiro
5 e mais —	Paulista	477	6.093,0	190,2	3,12 Col. Advent. Brasileiro
Mestiças					
2 a 3 — (1)			—	—	—
3 a 4 — (1)			—	—	—
4 a 5 —	Delta	79	3.366,0	134,1	3,98 C. A. W. Auerbach
5 e mais —	Valiza	49	6.006,0	205,5	3,42 Col. Advent. Brasileiro
Duas ordenhas					
RAÇA HOLANDESA p. b.					
Puras de Origem					
2 a 3 — (1)			—	—	—
3 a 4 —	Magdalena's Lord's II		3.333,0	117,9	3,53 J. Moraes Barros
4 a 5 —	Rita	348	2.597,0	108,3	4,16 J. Moraes Barros
5 e mais —	Mimosa	298	4.845,0	169,2	3,49 J. Moraes Barros
Puras por Cruza					
2 a 3 —	Paraiba	509	3.770,0	137,4	3,64 J. Moraes Barros
3 a 4 —	Neblina	556	4.787,0	172,8	3,60 J. Moraes Barros
4 a 5 —	Malta	33	4.936,0	191,4	3,87 Laffayette A. S. Camargo
5 e mais —	Itapira	404	4.805,0	194,1	4,03 J. Moraes Barros
Mestiças					
2 a 3 —	Brandina	397	3.983,0	147,3	3,69 J. Barros Alcântara
3 a 4 —	Camélia	549	3.578,0	118,4	3,30 J. Moraes Barros
4 a 5 —	Moema	9	4.728,0	178,8	3,78 C. P. Guimarães
5 e mais —	Neblina	584	6.118,0	251,1	4,10 Paulo E. de Souza

RAÇA HOLANDESA v. b.
Puras de Origem (1)
Puras por Cruza

2 a 3 — Platina	593	2.875,0	100,2	3,48	O. Barros Pereira
3 a 4 — (1)	—	—	—	—	—
4 a 5 — Astista	525	3.019,5	116,1	3,84	J. P. M. Andrade & Irmão
5 e mais — Mombuca	189	3.866,0	118,5	3,06	O. Barros Pereira

Mestiças

2 a 3 — Ramona	252	3.039,0	131,1	4,31	O. Barros Pereira
3 a 4 — Fartura	488	4.435,0	177,3	3,99	O. Barros Pereira
4 a 5 — Duquês	106	5.014,0	199,2	3,97	O. Barros Pereira
5 e mais — Pagã	51	5.068,0	167,1	3,29	O. Barros Pereira

Referência — (1) significa : ausência de qualquer registro no grau de sangue e idade.

S. C. L. (Conclusão da página 101)

Nº SCL	Vaca	Cle.	Con- trole	Leite ks.	Gordura ks.	Percen- tagem	Dias	Raça
Antonio Coelho Guimarães. Fda. Boa Vista. Guaratinguetá. Con. em 20-5-48. Regime de campo c ra- ção suplementar, 2 ordenhas. Cont. Rafael Pagano Filho.								
890	Madreselva	3.a	5.o	13,750	0,547	3,97	162	Hol. p b n r
946	Marialva		2.o	12,670	0,383	3,02	61	Hol. p b n r
959	Perfeita		1.o	17,840	0,450	2,52	67	Hol. p b PCOD
960	Margarida		1.o	17,790	0,492	2,76	36	Hol. p b PCOD
Antonio Coelho Guimarães. Fda. Boa Vista. Guaratinguetá. Cont. em 12-6-48. Regime de campo c ra- ção suplementar, 2 ordenhas. Cont. Rafael Pagano Filho.								
890	Madreselva	3.a	6.o	12,790	0,558	4,36	185	Hol. p b n r
946	Marialva		3.o	11,150	0,432	3,87	84	Hol. p b n r
959	Perfeita		2.o	18,810	0,582	3,09	90	Hol. p b PCOD
960	Margarida		2.o	17,500	0,647	3,69	59	Hol. p b PCOD

Observações : — Cle; classe; Hol. = holandêsa; p b = preta e branca; v b = vermelha e branca; n r = não registrada; PCOC = pura por cruza de origem conhecida; PCOD = pura por cruza de origem desconhecida; Hols-Frie = Holstein — Friesian.

Classes : — 1.o) novilhas até 3 anos; 2.a) fêmeas de 3 a 4 anos; 3.a) fêmeas de 4 a 5 anos; 4.a) fêmeas de 5 a 6 anos; 5.a) fêmeas de 6 a 7 anos; 6.a) fêmeas de 7 a 8 anos; 7.a) fêmeas de mais de 8 anos.

São Paulo, Junho de 1948.

(a.) FIDELIS ALVES NETTO



Serviço de Controle Leiteiro da A. P. C. B.

16 - 5 a 15 - 6 - 48

Destacam-se no presente relatório três novos recordes de produção: o primeiro, em 365 dias, de produção de leite para "qualquer classe", alcançada por "Manoelita S. Martinho", de propriedade do Sr. Dario Freire Meirelles. — 7.193. kgs. de leite e 277,4 Kgs. de gordura c/3,85%; o segundo, em 300 dias, também de produção de leite, para "qualquer classe" e categoria, por "Ranchoira II", de propriedade de Sr. Antonio Caio da Silva Ramos — 6.570 Kgs. de leite e 257,1 Kgs. de gordura, c/3,95%; o terceiro, em 300 dias, de produção de gordura, para duas ordenhas, também por "Ranchoira II". Aos criadores Srs. Dário Freire Meirelles e Antonio Caio da Silva Ramos, apresentamos os cumprimentos da A. P. C. B.

LACTAÇÕES TERMINADAS

Raça holandêsa preta e branca, 365 dias, duas ordenhas.

Cle.	Nome	N.º	D.	Leite	Gordura	%	Raça	Proprietário
3.a	Manoelita S. M.	670	365	7.193,000	277,400	3,85	Hol. p b PCOD	Dario F. Meirelles
2.a	Feiticeira S. M.	672	365	6.207,000	263,100	4,23	Hol. p b PCOD	Dario F. Meirelles
2.a	Amazonas B.	610	365	6.087,100	219,000	3,59	Hol. p b PCOD	Antonio C. da S. Ramos
—	Chineza	686	365	7.751,000	190,800	3,31	Hol. p b	Antonio C. da S. Ramos

Raça holandêsa preta e branca 300 dias, duas ordenhas.

2.a	Andina	649	300	5.673,000	196,200	3,45	Hol. p b PCOD	Antonio C. da S. Ramos
—	Abissinia II	652	300	5.412,000	207,900	3,84	Hol. p b	Antonio C. da S. Ramos
2.a	Farropilha S.	478	300	5.309,400	214,500	4,04	Hol. p b PCOC	Colégio A. Brasileiro
7.a	Boneca	692	300	5.062,800	179,100	3,53	Hol. p b 7/8	Antonio C. da S. Ramos
3.a	Melindrosa	353	300	4.764,900	177,300	3,72	Hol. p b 7/8	João de M. Barros
—	Chinêsa	686	300	4.905,300	166,500	3,39	Hol. p b	Antonio C. da S. Ramos
	Getje	707	300	4.466,100	156,300	3,49	Hol. p b	Antonio C. da S. Ramos
	Lindoia III	709	300	4.659,300	175,700	3,79	Hol. p b	Antonio C. da S. Ramos
2.a	Aristocrata	690	300	4.641,300	176,700	3,80	Hol. p b PCOD	Antonio C. da S. Ramos
4.a	Devota II	269	300	4.292,400	158,700	3,69	Hol. p b PCOC	Soc. C. Fda. M. Amélia
3.a	Quaresma	496	300	3.864,900	168,000	4,34	Hol. p b PCOC	Carlos A. W. Auerbach
6.a	Dadá	419	300	3.450,300	146,700	4,25	Hol. p b 7/8	João de M. Barros
7.a	Moderna	387	300	3.196,482	144,727	4,52	Hol. p b 7/8	João de M. Barros
7.a	Vitoriosa	304	300	3.106,500	133,500	4,29	Hol. p b PCOC	João de M. Barros
5.a	Campineira II	212	300	3.034,500	123,300	4,06	Hol. p b 7/8	João de M. Barros
3.a	Floribela S. M.	720	132	3.012,000	119,000	3,95	Hol. p b PCOD	Dario F. Meirelles
3.a	Argentina	730	300	2.923,500	103,800	3,55	Hol. p b PCOD	Soc. C. Fda. M. Amélia
3.a	Balinha	429	300	2.879,100	126,000	4,37	Hol. p b 7/8	Joaquim de B. Alcântara
2.a	Lady	728	300	2.805,000	113,100	4,03	Hol. p b PCOC	João de M. Barros
3.a	Manila S. M.	721	135	2.765,400	107,100	3,87	Hol. p b PCOD	Dario F. Meirelles
5.a	Salina	759	271	2.635,000	98,300	3,73	Hol. p b 3/4	Cia. Agricola Maristela
2.a	Cambraia	703	300	2.626,500	87,300	3,32	Hol. p b PCOD	Soc. C. Fda. M. Amélia

— Janota	931	247	2.534,200	113,100	4,46	Hol. p b PCOD	Vitorio Muggia
5.a Sorocabinha	758	276	2.465,200	105,400	4,27	Hol. p b 3/4	Cia. Agricola Maristela
3.a Dezesseis	791	248	2.436,000	94,700	3,88	Hol. p b PCOD	Cia. Agricola Maristela
3.a Cascata	396	254	2.382,500	124,700	5,23	Hol. p b 7/8	Joaquim de B. Alcântara
4.a Quarenta e Nove	793	270	2.327,000	119,300	5,12	Hol. p b PCOD	Cia. Agricola Maristela
2.a Solina	789	277	2.316,200	99,100	4,28	Hol. p b PCOC	Cia. Agricola Maristela
6.a Combuca	755	209	2.310,200	99,400	4,30	Hol. p b 7/8	Cia. Agricola Maristela
3.a Nicaragua	788	245	2.308,000	107,000	4,63	Hol. p b PCOD	Cia. Agricola Maristela
2.a Dinamarqueza	804	300	2.290,000	105,000	4,58	Hol. p b PCOD	Cia. Agricola Maristela
— Estrelita	731	300	2.257,500	91,000	4,02	Hol. p b n r	Soc. C. Fda. M. Amélia
6.a Bolívia	756	283	2.245,000	98,400	4,42	Hol. p b 1/2	Cia. Agricola Maristela
2.a Campecha	807	234	2.134,300	99,200	4,64	Hol. p b PCOD	Cia. Agricola Maristela
5.a Menina	777	277	2.133,100	93,300	4,37	Hol. p b 3/4	Cia. Agricola Maristela
— Novidade	425	227	1.981,000	67,000	3,36	Hol. p b n r	Soc. C. Fda. M. Amélia
2.a Xanota	775	259	1.955,000	95,000	4,84	Hol. p b PCOD	Cia. Agricola Maristela
5.a Cachoerinha	762	244	1.930,000	84,000	4,33	Hol. p b 3/4	Cia. Agricola Maristela
— Lorena	842	185	1.913,000	82,000	4,27	Hol. p b 7/8	Soc. C. Fda. M. Amélia
2.a Willis M. I. Maid	717	98	1.878,000	65,000	3,43	Hol. p b P O	Dario F. Meirelles
— Tolina	895	300	1.741,500	82,000	4,70	Hol. p b	Cia. Agricola Maristela
— Cabina	880	171	1.701,100	66,000	3,88	Hol. p b 1/2	Cia. Agricola Maristela
— Quarenta e Seis	845	227	1.427,300	69,000	4,81	Hol. p b	Cia. Agricola Maristela
— Persa	896	283	1.381,000	63,100	4,56	Hol. p b PCOD	Cia. Agricola Maristela
— Paraguaia	898	141	1.316,000	53,400	4,06	Hol. p b PCOD	Cia. Agricola Maristela
— Venesiana	916	109	1.307,000	50,400	3,86	Hol. p b	Vitorio Muggia
— Frisia	884	161	1.260,300	64,000	5,04	Hol. p b	Cia. Agricola Maristela
— Cigarra	897	189	1.259,000	47,200	3,75	Hol. p b 3/4	Cia. Agricola Maristela
3.a Conquista	704	101	1.009,500	36,000	3,55	Hol. p b PCOD	Soc. C. Fda. M. Amélia

Raça holandêsa Vermelha e branca — 300 dias e menos, duas ordenhas.

— Amarelinha	504	256	2.644,000	99,300	3,75	Hol. v b	Orlando Barros Pereira
— Odalisca	523	109	1.137,000	48,000	4,21	Hol. v b	Orlando Barros Pereira

Raça Schwyz, 300 dias e menos, duas ordenhas.

7.a Barquinha	701	264	3.561,300	137,000	3,83	Schwyz PCOC	José P. O. Azevedo
6.a Batuta II	696	253	3.007,000	124,000	4,12	Schwyz 3/4	José P. O. Azevedo
4.a Barca	742	244	2.990,200	127,200	4,25	Schwyz PCOC	José P. O. Azevedo

RESULTADOS DE CONTROLE

Nº SCL	Vaca	Cle.	Con- trole	Leite ks.	Gordura ks.	Percen- tagem	Dias	Raça
Colégio Adventista Brasileiro, Sto. Amaro. Con. em 26-5-48. Regime de semi-estabulação, 3 ordenhas. Contr. Rafael Pagano Filho.								
45	Fortalesa	4.a	2.o	23,650	0,982	4,15	67	Hol. p b PCOC
46	Belinha	5.a	4.o	22,970	0,998	4,34	104	Hol. p b PCOC
49	Valiza Sent.	7.a	11.o	8,800	0,361	4,10	330	Hol. p b 7/8
140	Rainha	5.a	3.o	18,960	0,786	4,14	54	Hol. p b PCOD
226	Carícia	5.a	3.o	20,770	0,734	3,53	57	Hol. p b PCOC
309	Marquiza		1.o	27,300	1,049	3,84	13	Hol. p b
478	Farroupilha Sent.	2.a	9.o	6,930	0,359	5,18	288	Hol. p b PCOC

N.º SCL	Vaca	Cle.	Con- trole	Leite ks.	Gordura ks.	Percen- tagem	Dias	Raça
812	Firmeza Sent.	1.a	8.o	17,770	0,773	4,35	228	Hol. p b PCOC
925	Flora Sent.	2.a	4.o	21,060	0,787	3,73	100	Hol. p b P O
926	Estrela		4.o	14,940	0,663	4,43	98	Hol. p b n r
947	Veneza Sent.	1.a	2.o	21,150	0,843	3,98	44	Hol. p b PCOC
948	Garça Sent.	1.a	2.o	19,290	0,733	3,79	28	Hol. p b PCOC

Orlando Barros Pereira. Fazenda Sta. Filomena. Rio Claro. Con. em 29-5-48. Regime de campo c|
ração suplementar, 2 ordenhas. Contr. Mauro de Souza Meirelles.

51	Pagã		4.o	15,230	0,688	4,51	100	Hol. v b 7/8
62	Portuguesa	3.a	8.o	12,030	0,472	3,92	232	Hol. v b 3/4
63	Guanabara	3.a	8.o	7,670	0,255	3,32	234	Hol. v b 7/8
106	Duqueza	2.a	8.o	11,550	0,499	4,32	282	Hol. v b 7/8
333	Carioca	4.a	9.o	14,860	0,732	4,92	260	Hol. v b 3/4
338	Cascadura	3.a	3.o	8,370	0,307	3,66	70	Hol. v b 3/4
392	Maringa	5.a	5.o	12,910	0,721	5,58	121	Hol. v b 7/8
488	Fartura	4.a	5.o	11,840	0,579	4,89	139	Hol. v b 7/8
562	Maravilha		4.o	9,590	0,387	4,03	123	Hol. v b 7/8
591	Andaray	6.a	3.o	13,160	0,624	4,74	67	Hol. v b 3/4
593	Platina		2.o	11,590	0,551	4,75	85	Hol. v b PCOC
626	Loura		1.o	14,670	0,632	4,30	5	Hol. v b
629	Niagara		1.o	11,600	0,494	4,25	29	Hol. v b
726	Britania	4.a	9.o	9,750	0,394	4,04	240	Hol. v b 7/8
814	Canastra	2.a	8.o	8,420	0,477	5,66	227	Hol. v b 3/4
847	Patriarcha	4.a	7.o	7,180	0,299	4,16	202	Hol. v b 3/4
849	Cabana		7.o	14,910	0,748	5,01	190	Hol. v b n r
927	Jurema	5.a	4.o	11,660	0,421	3,61	110	Hol. v b 7/8
936	Caçapavana	2.a	3.o	12,640	0,542	4,28	71	Hol. v b PCOD
949	Premiada	1.a	2.o	10,010	0,473	4,72	84	Hol. v b 7/8
950	Sabiá II	4.a	2.o	12,250	0,572	4,66	50	Hol. v b 3/4
965	Carola		1.o	10,050	0,469	4,66	31	Hol. v b 7/8

Joaquim de Barros Alcântara. Fda. S. Pedro, Caçapava. Con. em 1-6-48. Regime de campo c|
suplementar, 2 ordenhas. Contr. Rafael Pagano Filho.

234	Barroza		5.o	6,950	0,299	4,29	151	Hol. p b 7/8
370	Argentina		1.o	18,150	0,548	3,01	1	Hol. p b
371	Araponga		2.o	11,030	0,414	3,75	27	Hol. p b PCOC
397	Brandina		5.o	14,360	0,510	3,55	138	Hol. p b 7/8
398	Canela		2.o	15,750	0,562	3,56	29	Hol. p b PCOC
399	Bélinha	1.a	6.o	6,000	0,286	4,76	196	Hol. p b PCOC
429	Balinha		2.o	6,390	0,251	3,92	301	Hol. p b 7/8
432	Boneca del Plata		1.o	15,370	0,559	3,63	—	Hol. p b
434	Aliada		2.o	11,580	0,448	3,86	25	Hol. p b 7/8
436	Araruta		2.o	16,120	0,629	3,90	27	Hol. p b 7/8
463	Bonita del Plata		2.o	16,730	0,671	4,01	26	Hol. p b PCOD
490	Bonita Helena		1.o	7,760	0,237	3,05	11	Hol. p b
493	Barquinha del Pl.		2.o	16,810	0,569	3,38	26	Hol. p b n r
815	Baliza		7.o	7,310	0,240	3,28	196	Hol. p b n r
817	Camilla	2.a	7.o	7,200	0,267	3,70	187	Hol. p b PCOD
850	Perola		6.o	6,750	0,251	3,71	199	Hol. p b n r
904	Manga		5.o	6,490	0,304	4,68	183	Hol. p b PCOD

N.º SCL	Vaca	Cle.	Con- trole	Leite ks.	Gordura ks.	Percen- tagem	Dias	Raça
------------	------	------	---------------	--------------	----------------	------------------	------	------

Carlos Alberto Willy Auerbach. Fda. Bela Vista. Mogi das Cruzes. Con. em 29-5-48. Regime de Semi-estabulação, c| ração suplementar, 3 ordenhas.

72	Anilla	1.a	7.o	9,480	0,368	3,88	212	Hol. p b PCOD
73	Alba	1.a	6.o	11,510	0,589	5,11	195	Hol. p b PCOC
206	Buena Pinta		4.o	20,890	0,803	3,84	112	Hol. p b PCOD
342	Unica		3.o	18,810	0,782	4,15	73	Hol. p b PCOD
851	Gorita		6.o	10,890	0,540	4,95	195	Hol. p b PCOC
852	Lorena		6.o	15,780	0,704	4,46	180	Hol. p b PCOC
853	Vera II		6.o	14,440	0,743	5,14	192	Hol. p b PCOC

João de Moraes Barros. Fda. Boa Vista. Campinas. Con. em 4-6-48. Regime de semi-estabulação c| ração suplementar, 2 ordenhas.

210	Araçá		2.o	16,840	0,594	3,52	39	Hol. p b PCOC
296	Campineira		6.o	18,650	0,609	3,26	184	Hol. p b PCOC
297	Dudinha	6.a	7.o	8,400	0,322	3,83	241	Hol. p b PCOC
298	Mimosa		2.o	18,880	0,621	3,28	44	Hol. p b P O
353	Melindrosa	3.a	8.o	12,880	0,467	3,62	298	Hol. p b 7/8
354	Jaca	6.a	3.o	9,090	0,326	3,58	82	Hol. p b 3/4
355	Guariba		2.o	18,230	0,602	3,30	35	Hol. p b PCOD
385	Cocada		3.o	16,380	0,510	3,11	68	Hol. p b PCOC
405	Niagara	7.a	2.o	20,910	0,529	2,52	51	Hol. p b PCOC
414	Tunisia		8.o	9,650	0,420	4,35	184	Hol. p b PCOC
415	Estrelinha II	4.a	2.o	15,090	0,494	3,27	41	Hol. p b 7/8
417	Duvida		1.o	21,640	0,848	3,91	12	Hol. p b 7/8
438	Carioca II	2.a	8.o	6,380	0,268	4,20	267	Hol. p b PCOC
447	Granfina	3.a	7.o	9,090	0,373	4,10	241	Hol. p b 7/8
449	Araçá II		2.o	20,540	0,666	3,24	30	Hol. p b PCOC
470	Dançarina		2.o	20,670	0,697	3,37	61	Hol. p b 1/2
484	Careta II	7.a	4.o	9,360	0,311	3,32	106	Hol. p b PCOD
485	Carinhosa		1.o	11,500	0,490	4,26	2	Hol. p b
500	Garota	7.a	6.o	7,700	0,273	3,54	251	Hol. p b 3/4
506	Garôa	3.a	7.o	9,660	0,334	3,45	228	Hol. p b 7/8
508	Barquinha		1.o	15,400	0,404	2,62	25	Hol. p b
513	Chalupa	6.a	3.o	11,690	0,391	3,34	82	Hol. p b PCOC
515	Arúa		1.o	14,940	0,511	3,42	14	Hol. p b PCOC
516	Quadra	3.a	5.o	7,380	0,223	3,02	140	Hol. p b PCOC
553	Chiquita		1.o	15,620	0,617	3,95	44	Hol. p b
596	Bimba		1.o	17,100	0,606	3,54	4	Hol. p b
598	Duvidosa		2.o	17,330	0,648	3,73	48	Hol. p b PCOC
684	Maricas		1.o	8,690	0,390	5,52	11	Hol. p b
868	Madalena's Ronkje		2.o	16,970	0,561	3,30	51	Hol. p b P O
889	Risonha	2.a	6.o	7,870	0,263	3,34	200	Hol. p b PCOC
928	Aspasia	3.a	4.o	11,270	0,390	3,46	116	Hol. p b PCOC
951	Silveria		2.o	10,920	0,394	3,60	41	Hol. p b 7/8
968	Asiatica		1.o	7,370	0,370	5,63	14	Hol. p b 7/8
969	Boa Vista Utinga		1.o	9,280	0,333	3,58	2	Hol. p b PCOC

Sociedade Civil Fda. Maria Amélia. Fda. Lapa. Con. em 10-6-48. Regime de semi-estabulação c| ração suplementar, 2 ordenhas.

269	Devota II	4.a	9.o	8,480	0,348	4,10	321	Hol. p b PCOC
272	Erna II	6.a	4.o	10,260	0,365	3,55	111	Hol. p b PCOC

N.º SCL	Vaca	Cle.	Con- trole	Leite ks.	Gordura ks.	Percen- tagem	Dias	Raça
274	Bolívia	5.a	5.o	6,710	0,212	3,15	191	Hol. p b PCOD
368	Barbacena		1.o	9,800	0,455	4,64	25	Hol. p b
422	Maravilha	6.a	4.o	10,310	0,402	3,89	112	Hol. p b 7/8
486	Piranga		1.o	7,770	0,251	3,23	13	Hol. p b
730	Argentina	3.a	8.o	8,160	0,308	3,77	305	Hol. p b PCOD
820	Garçonete	2.a	7.o	6,620	0,290	4,38	234	Hol. p b PCOD
822	Mascarada	3.a	7.o	7,100	0,256	3,60	229	Hol. p b PCOD
855	Colombina		4.o	6,320	0,225	3,56	275	Hol. p b PCOD
906	Gostosona		4.o	8,040	0,285	3,54	141	Hol. p b PCOD
929	Arabela	5.a	4.o	7,440	0,240	3,22	121	Hol. p b PCOD
985	Carioca		1.o	10,490	0,377	3,59	10	Hol. p b PCOD

Vitorio Muggia. Fda. Lagôa Alta. Araras. Con. em 1-6-48. Regime de campo c| ração suplementar, 2 ordenhas. Cont. Mauro de S. Meirelles.

603	Virginia		1.o	14,620	0,587	4,01	14	Hol. p b n r
606	Viana		3.o	9,300	0,481	5,17	125	Hol. p b n r
656	Vanilda		1.o	14,320	0,417	2,91	24	Hol. p b n r
861	Violeta		4.o	7,710	0,409	5,30	189	Hol. p b n r
914	Légua		3.o	10,450	0,443	4,23	128	Hol. p b n r
915	Venésia		2.o	9,620	0,415	4,31	188	Hol. p b n r
917	Londrina		3.o	9,650	0,411	4,25	143	Hol. p b n r
918	Júlia		3.o	10,040	0,478	4,76	134	Hol. p b n r
932	Catina		3.o	11,410	0,366	3,20	208	Hol. p b 3/4
966	Garça		1.o	12,490	0,494	3,95	38	Hol. p b n r
967	Viçosa		1.o	15,880	0,659	4,14	24	Hol. p b 7/8

Dario Freire Meirelles. Fda. Granja S. Martinho. Campinas. Con. em 26-5-48. Regime de campo c| ração suplementar, 2 ordenhas. Cont. Mauro de S. Meirelles.

670	Manoelita S. M.	3.a	7.o	14,050	0,590	4,19	372	Hol. p b PCOD
672	Feiticeira S. M.	2.a	7.o	15,570	0,581	3,73	374	Hol. p b PCOD
676	Pompadour S. M.	1.a	7.o	8,110	0,310	3,82	333	Hol. p b PCOD
716	Agata S. M.	2.a	6.o	12,230	0,758	6,19	307	Hol. p b 7/8
718	Linda S. M.	1.a	6.o	14,180	0,576	4,06	286	Hol. p b PCOD
836	Paquetis Aster		4.o	14,270	0,690	4,83	238	Hol. p b P O
867	Carolina		3.o	14,060	0,621	4,41	181	Hol. p b PCOD
952	S M K O Colanthus		2.o	22,860	0,817	3,57	139	Hol. p b n r
961	S M C Joe Homestead		1.o	22,600	0,755	3,34	16	Hol. p b n r
962	Naná P. Ormsby		1.o	26,860	0,966	3,59	22	Hol. p b n r
963	Correntina S M		1.o	25,060	0,246	4,97	30	Hol. p b PCOD
964	Alerta S M		1.o	22,410	0,825	3,68	28	Hol. p b PCOC

Eduardo Ramos. Fda. Chacara Eglantina. Campinas. Con. em 12-6-48. Regime de campo c| ração suplementar, 2 ordenhas. Cont. Mauro de S. Meirelles.

874	Salvadora		6.o	9,110	0,466	5,11	233	Hol. p b n r
875	Froukje		6.o	5,170	0,203	3,92	232	Hol. p b n r
935	Graciosa		3.o	7,500	0,316	4,21	117	Hol. p b n r

N.º SCL	Vaca	Cle.	Con- trole	Leite ks.	Gordura ks.	Percen- tagem	Dias	Raça
Cia. Agrícola Maristela. Fda. Maristela. Tremembé. Con. em 15-5-48. Regime de campo c ração su- plementar, duas ordenhas. Cont. Rafael Pagano Filho.								
752	Barreira	4.a	8.o	5,490	0,264	4,80	327	Hol. p b 1/2
764	Lomba	6.a	8.o	7,300	0,287	3,93	317	Hol. p b 3/4
765	Coronha		2.o	14,410	0,413	2,86	—	Hol. p b 3/4
772	Farmacia	6.a	3.o	10,420	0,460	4,41	89	Hol. p b 1/2
779	Londrina	2.a	4.o	10,730	0,366	3,41	158	Hol. p b 3/4
781	Jacutinga	2.a	8.o	5,740	0,270	4,70	329	Hol. p b 1/2
787	Puebla	2.a	8.o	5,720	0,194	3,39	309	Hol. p b PCOD
794	Guatemala	3.a	8.o	7,580	0,313	4,12	341	Hol. p b PCOD
795	Ciranda	3.a	8.o	4,720	0,206	4,36	364	Hol. p b PCOC
797	Heroína	3.a	8.o	6,300	0,252	4,00	268	Hol. p b PCOC
804	Dinamarquesa	2.a	8.o	5,840	0,266	4,55	288	Hol. p b PCOD
805	Cotija	2.a	8.o	8,150	0,349	4,28	354	Hol. p b PCOD
810	Nevada	2.a	8.o	7,650	0,317	4,14	271	Hol. p b PCOD
840	Avenida	3.a	7.o	5,760	0,381	6,61	257	Hol. p b n r
843	Portenha	3.a	7.o	6,350	0,253	3,98	204	Hol. p b PCOD
844	Vitoria	1.a	7.o	4,890	0,236	4,82	—	Hol. p b PCOC
846	Virginia	1.a	7.o	6,500	0,316	4,86	254	Hol. p b PCOC
876	Jambeira	5.a	6.o	4,850	0,163	3,36	188	Hol. p b 7/8
877	Inglesinha		7.o	6,130	0,266	4,33	190	Hol. p b n r
881	Serena	7.a	6.o	8,300	0,313	3,77	166	Hol. p b 3/4
883	Otawa		6.o	8,050	0,331	4,11	193	Hol. p b n r
885	Turca	2.a	6.o	6,040	0,251	4,15	183	Hol. p b PCOD
892	Brasileira		5.o	11,540	0,461	3,39	139	Hol. p b 1/2
893	Siberiana		5.o	5,270	0,238	4,51	186	Hol. p b PCOD
894	Naja		5.o	6,270	0,276	4,40	165	Hol. p b PCOC
900	Beduina		5.o	4,770	0,202	4,23	174	Hol. p b PCOC
920	Sombuca		5.o	5,560	0,158	2,84	126	Hol. p b 3/4
922	Mambuca		4.o	11,090	0,408	3,67	121	Hol. p b 3/4
923	Patrulha		4.o	6,590	0,271	4,11	111	Hol. p b 1/2
937	Cinco	3.a	3.o	5,880	0,218	3,70	89	Hol. p b PCOD
938	Indiana	3.a	3.o	5,920	0,282	4,76	62	Hol. p b PCOD
939	Canivete	7.a	3.o	9,500	0,343	3,61	83	Hol. p b 3/4
940	Tesoura	3.a	3.o	8,960	0,287	3,20	71	Hol. p b PCOD
941	Julietta	7.a	3.o	11,510	0,387	3,36	80	Hol. p b 3/4
942	Jandira	7.a	3.o	9,320	0,319	3,42	67	Hol. p b PCOC
943	Severa	3.a	3.o	7,060	0,226	3,20	64	Hol. p b PCOC
944	Paulista	7.a	3.o	10,680	0,358	3,35	74	Hol. p b 3/4
953	Montrial		2.o	10,530	0,304	2,88	29	Hol. p b n r
954	Léta		2.o	8,070	0,257	3,18	29	Hol. p b PCOD
955	Begonha		2.o	11,460	0,501	4,37	50	Hol. p b 3/4
956	Palmeira		2.o	10,500	0,374	3,56	62	Hol. p b 1/2
957	Ema II		1.o	11,050	0,407	3,68	20	Hol. p b PCOD
958	Cinta Branca		1.o	17,890	0,624	3,48	8	Hol. p b 3/4

Cia. Agrícola Maristela. Fda. Maristela. Tremembé. Con. em 5-6-48. Regime de campo c| ração su-
plementar, 2 ordenhas. Cont. Rafael Pagano Filho.

761	Rapadura	4.a	8.o	14,300	0,391	2,73	35	Hol. p b 1/2
764	Lomba	6.a	9.o	4,730	0,197	4,16	338	Hol. p b 3/4

N.º SCL	Vaca	Cle.	Con- trole	Leite ks.	Gordura ks.	Perce- ntagem	Dias	Raça
765	Coronha		3.0	12,550	0,431	3,43	—	Hol. p b 3/4
772	Farmacia	6.a	4.0	10,340	0,418	4,04	113	Hol. p b 1/2
779	Londrina	2.a	5.0	9,980	0,383	3,83	180	Hol. p b 3/4
781	Jacutinga	2.a	9.0	5,380	0,238	4,60	350	Hol. p b 1/2
787	Puebla	2.a	9.0	5,350	0,234	4,37	334	Hol. p b PCOD
794	Guatemala	3.a	9.0	6,100	0,276	4,52	367	Hol. p b PCOD
797	Heroína	3.a	9.0	6,470	0,242	3,74	293	Hol. p b PCOC
798	Boliviana		1.0	11,160	0,419	3,75	8	Hol. p b
804	Dinamarquesa	2.a	9.0	4,360	0,171	3,92	313	Hol. p b PCOD
805	Cotija	2.a	9.0	8,010	0,382	4,76	379	Hol. p b PCOD
810	Nevada	2.a	9.0	6,430	0,223	3,46	296	Hol. p b PCOD
843	Potenha	3.a	8.0	5,770	0,266	4,61	229	Hol. p b PCOD
844	Vitoria	2.a	8.0	5,700	0,281	4,92	—	Hol. p b PCOD
846	Virginia	1.a	8.0	6,140	0,335	5,45	279	Hol. p b PCOC
877	Inglesinha		8.0	5,320	0,282	5,30	211	Hol. p b n r
881	Serena	7.a	7.0	5,260	0,172	3,26	187	Hol. p b 3/4
883	Otawa		7.0	7,250	0,314	4,33	219	Hol. p b n r
885	Turca	2.a	7.0	5,550	0,315	5,67	209	Hol. p b PCOD
892	Brasileira		6.0	9,750	0,424	4,34	162	Hol. p b 1/2
893	Siberiana		6.0	6,060	0,241	3,97	211	Hol. p b PCOD
894	Naja		6.0	6,690	0,298	4,45	190	Hol. p b PCOC
922	Mambuca		5.0	5,810	0,252	4,33	145	Hol. p b 3/4
923	Patrulha		5.0	6,030	0,301	4,99	132	Hol. p b 1/2
937	Cinco	3.a	4.0	5,680	0,250	4,40	110	Hol. p b PCOD
938	Indiana	3.a	4.0	5,890	0,279	4,73	83	Hol. p b PCOD
939	Canivete	7.a	4.0	9,210	0,357	3,87	106	Hol. p b 3/4
940	Tesoura	3.a	4.0	5,780	0,272	4,70	92	Hol. p b PCOD
941	Julietta	7.a	4.0	11,180	0,356	3,18	102	Hol. p b 3/4
942	Jandira	7.a	4.0	11,050	0,422	3,81	90	Hol. p b PCOC
943	Severa	3.a	4.0	8,050	0,295	3,66	87	Hol. p b PCOC
944	Paulista	7.a	4.0	11,120	0,495	4,45	97	Hol. p b 3/4
953	Montrial		3.0	9,400	0,343	3,64	53	Hol. p b n r
954	Léta		3.0	8,060	0,288	3,57	51	Hol. p b PCOD
955	Begonha		3.0	9,830	0,400	4,06	72	Hol. p b 3/4
956	Palmeira		3.0	9,600	0,402	4,18	86	Hol. p b 1/2
957	Ema II		2.0	8,880	0,366	4,12	42	Hol. p b PCOD
958	Cinta Branca		2.0	13,770	0,544	3,95	30	Hol. p b 3/4
970	Laracura		1.0	12,170	0,495	4,06	20	Hol. p b 1/2
971	Ruida		1.0	11,700	0,420	3,58	10	Hol. p b 1/2
972	Trinidade		1.0	8,040	0,331	4,11	47	Hol. p b PCOD
973	Falúa		1.0	12,470	0,465	3,72	40	Hol. p b 7/8
974	Caneta		1.0	10,970	0,341	3,10	34	Hol. p b 7/8
975	Mina		1.0	17,030	0,699	4,10	9	Hol. p b 1/2
976	Honduras		1.0	15,790	0,718	4,54	12	Hol. p b PCOD
977	Fidalga		1.0	9,710	0,290	2,98	19	Hol. p b 3/4
978	Formiga		1.0	8,120	0,285	3,50	14	Hol. p b n r
979	Galecia		1.0	9,790	0,319	3,25	11	Hol. p b 1/2
980	Calçada		1.0	10,520	0,470	4,46	58	Hol. p b 3/4
981	Roma		1.0	8,900	0,293	3,29	49	Hol. p b PCOC
982	Guariba		1.0	11,150	0,478	4,28	6	Hol. p b 1/2
983	Matagalpa		1.0	11,200	0,377	3,36	35	Hol. p b PCOD
984	Florsinha		1.0	6,640	0,160	2,40	35	Hol. p b

Cotações dos Produtos Lácteos

Movimento de Junho
de 1948

LEITE (Litro)

1. — DE CONSUMO EM S. PAULO, SANTOS E CAMPINAS:

Preço para o consumo em S. Paulo e Santos, aos produtores no interior de acordo com deliberações — mínimo	Cr\$ 1,60
Da usina para o varejista	Cr\$ 2,50
Preço de venda a domicílio: tipo A (de granja) de	Cr\$ 4,00 a 5,80
" B	3,80
" C	2,80

2. — DE CONSUMO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (30 DE SETEMBRO DE 1947)

Preço a ser pago pelas usinas, cooperativas ou não aos produtores ...	Cr\$ 1,60	Preço de venda pelos postos à domicílio, 1/2 CEL	Cr\$ 1,60
Preço do entreposto para a usina ..	2,10	Preço das leiterias para os ambulantes, litro	2,50
Preço do Entreposto para as leiterias, entregue no Entreposto	2,25	Preço dos ambulantes à domicílio, litro	2,30
Preço do Entreposto para os carros tanques	2,80	Preço dos ambulantes à domicílio, litro, idem 1/2 litro	1,50
Preço dos carros tanques, litro	2,50	Preço das leiterias, no balcão, litro ..	2,50
Preço dos carros tanques, 1/2 litro ..	1,30	Idem, idem, 1/2 litro	1,30
Preço de venda nos postos, a granel, litro	2,50	Idem, idem, 1/4 litro	0,70
Idem, idem, 1/2 litro	1,30	Preço das leiterias para os cafés, litro inclusive carroto	2,60
Preço de venda pelos postos à domicílio, litro CEL	3,00	Preço das leiterias e cafés, servido nas mesas	3,00
		Idem, idem 1/2 litro	1,80
		Idem, idem 1/4 litro	0,80

3. — DE CONSUMO EM CIDADES NO INTERIOR DO ESTADO DE S. PAULO.

Preço para os produtores — mínimo	Cr\$ 1,20
Preços de venda a varejo, em cidades onde existem usinas, até	1,80 a 2,20
Idem, em cidades onde não existem usinas, de	1,70 a 2,90
DESTINADO AO FABRICO DE DERIVADOS — Est. de São Paulo	
Leite integral, entregue na fábrica ou usina — mínimo — Interior	Cr\$ 1,00 a 1,60
Leite integral entregue na fábrica ou usina — mínimo — Capital	1,10 (*)
Leite integral posto na fábrica pago pela forma de gord. butirométrica ..	0,70 a 0,75
Em creme, entregue na fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado	
Gordura butirométrica, na fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado, por quilo	0,80 a 1,00
Gordura butirométrica, na fazenda, transporte por conta da fábrica, ficando o produtor com o leite desnatado	20,00 a 22,00
	19,00 a 21,00

M A N T E I G A (KS.)	São Paulo			Rio de Janeiro á granel		
	Fabricante e importador	Atacadista	Varejistas	Produtores aos atacadistas	Atacadistas aos varejistas	Varejista aos consumid.
Emp. e Rotul. automaticamente ou em latas de peso inferior a 4 ks.	Cr\$	Cr\$	Cr\$		Cr\$	Nacional ou estrangeira
Extra	28,00 á 30,00					
De 1. ^a	28,00		32,00 a 36,00	26,00	28,00 á 32,00	28,00 a 32,00
2. ^a (sem sal)	20,00 á 24,00					
2. ^a (com sal)						
Estrangeira		18,00				

(*) Não há. Os vaqueiros estão vendendo diretamente cru, apurando entre 3 á 3,40.
CASEINA PARA COLA, 10,00 kg., sofrendo concorrência estrangeira, principalmente a cola de soja canadense.

Q U E I J O Kg. — produtos de 1. ^a qualidade (Atacado)	A T A C A D O	
	São Paulo	Rio de Janeiro
Prato	Cr\$ 16,00 á 20,00	Cr\$ 17,00 á 20,00
Parmesão Nacional	18,00 á 25,00	
Parmesão Argentino	24,00 á 28,00	
Minas	600,00	
M. Curado		
Tipo Reino — enlatado, ex. de 12 fôrmas		
embrulhado papel celofane, idem ...		
Clab (fundido) ex. c 48 pacotes de 1/4 kg., c pacote (Marca "Borboleta") ex. c 4 blocos de 2/2 kgs. ..		6,00 48,00
LEITE CONDENSADO		
Caixa de 48 latas de 400 grs., líquido na fábrica ..	180,00	180,00
LEITE EM PÓ — (a granel) Kg.		
Magro		
Gordo		
LACTOSE "Bocke" — kg.		
Em saca, de 20 kgs.		
Em lata de 10 kgs.		
Em lata de 1/2 kg.		
CASEINA — kg.		
De 1. ^a qualidade	9,00 a 11,00	
Argentina	14,00	

Ofertas e Procuras

BOVINOS

GADO HOLANDÊS — Temos á venda 3 touros, puro sangue, filhos de vacas ótimas leiteiras. Preços vantajosos. Fazenda Lagôa Alta, Caixa Postal, 11, Araras, Cia. Paulista E. F.

AVES

TOUROS HOLANDÊS — Registrado, ótima filiação. Habitudo no campo. Vende-se por bom preço — Fazenda Goyapó, Cordeiropolis, C. P. ou em S. Paulo nesta redação.

LACTICINIOS

MANTEIGA — Vendemos qualquer quantidade. Fábrica de Manteiga "Iris", Jaboticabal, Araraquara e Catanduva.

Revista dos Criadores

Volumes encadernados. Temos á venda edições de 1939, 44, 45, 46, e 47 à CR\$ 100,00 Pedidos à redação.

POÇOS

FAZENDEIROS E SITIANTES — Poços semisurgentes. Diâmetro de 3 a 4 polegadas. Água continua. De 500 a 1.000 litros por hora puxada por bomba manual, a moinho ou a motor. Resistentes a toda seca. Único que por sua higiene serve a casas residenciais. Há varios funcionando. Investigação de águas subterraneas. R. MARTINEZ CASTRO, rua Gualachos, 282, Capital. Perfuração: \$120.00 o metro de profundida.

MOTORES

MOTOR PARA BARCO — Temos um para venda, da Marca "EVENRUDE" e de 5,4 H. P. O tipo ideal do motor para pescarias e passeios. O motor está na embalagem que veio da fabrica. Preço, Cr\$ 6.500,00, posto em S. Paulo. Cartas a esta redação.

Cotações do Mercado de Carne

MÊS DE JUNHO

Durante o mês de Junho de 1948 o mercado do gado de corte e de alguns produtos de matança apresentou as seguintes cotações:

Bovinos para engorda		Por rez
		Cr\$ Cr\$
Barretos	750,00 a 900,00	
Triangulo	700,00 a 850,00	
Goiás	650,00 a 800,00	
Mato Grosso	600,00 a 750,00	

Os preços variaram conforme, tipo, qualidade éra e apartação.

Novilhos para abate		Por arroba
		Barretos S. Paulo
Novilhos consumo	65,00	70,00
Carneiros e marrucos	62,00	65,00
Vacas	60,00	65,00
Conservas	58,00	57,00

Suínos p/ engorda (base 5 arrobas)		Por rez
Barretos		Cr\$ 400,00
Suínos para abate		

Enxutos	Cr\$ 150,00 a 160,00
Gordos	Cr\$ 170,00 a 155,00
Especiais	Cr\$ 180,00 a 160,00

Carne Bovina (no tendal)		Por quilo
Dianteiro		Cr\$ 4,25
Trazeiro comum		Cr\$ 4,95
Trazeiro especial		Cr\$ 5,15
Boi casado		Cr\$ 4,25

Couros de Bovinos (Salgados)		Por quilo
		Barretos S. Paulo

Couros de bois	Cr\$ 6,20 a 6,70
Couros de vacas	Cr\$ 5,70 a 6,60

Banha	Por quilo
Em rama	Cr\$ 19,00 a 20,00
Em latas ou caixetas	Cr\$ 16,60 a 18,33

"CAÇAPAVA"...

(Conclusão da pag. 46)

O GADO LEITEIRO

Numa região de terras valorizadas e grandes lavouras nada mais certo do que a manutenção de um rebanho leiteiro de grande produção. Duas a três cabeças por alqueire e uma produção diária de 30 litros de leite. Eis o ideal. E' isso o que vimos em "São Pedro". A novilhada é pura por cruzas e os touros são puros de origem. Atualmente "Winmoor John" é o chefe do rebanho, foi importado dos Estados Unidos e descende de campeões mundiais em produção de leite e gordura. O rebanho vive no regime de semi-estabulação, a produção leiteira é controlada pela A. P. C. B.

e com uma produção média de 14 litros. O Dr. Joaquim de Barros Alcantara sente-se feliz por ter sido o dono da primeira vaca campeã paulista em produção de leite e gordura. A autora do feito foi a "Grauna" e que produziu 7.105,725 quilos de leite e 301,125 quilos de matéria gorda, em 365 dias.

Eis pois o que se faz na Fazenda S. Pedro e só visitando-a é que se vê que não é um "bicho de sete cabeças", é só querer trabalhar um pouco mais e seguir os ensinamentos que a técnica e a pratica aconselham. Dai a razão da frase: "Caçapava — um exemplo maravilhoso".



... A A. P. C. B. há 18 anos, conhece a fundo a praça e porisso sabe onde e como adquirir os melhores artigos de que Você precisa, com descontos de 2 a 10%

CRIADOR VELHO!!!
E AINDA
PERDE BEZERROS
COM PNEUMONIA?
PNEUMO ENTERITE?
TRISTEZA?

O MEIO
SEGURO
DE
COMBATE-LAS

ESTÁ NO USO DA



SULFADEINA 20 %

DE VALOR CURATIVO INDISCUTIVEL
A BASE DE (AMINOBEZENESULPHONAMIDUM)

INDICAÇÕES:

PNEUMONIAS, (PNEUMO ENTERITE, TRISTEZA) FEBRES
PUERPORAIS OU INFECÇÕES UTERINAS PROVENIENTES
DAS RETENÇÕES PLACENTÁRIAS, SEPTICÊMIAS, MAMITES,
GARROTILO, INFLUENZAS, "PNEUMONIA CANINA".

REGISTRADO NO D. N. P. A. SOB N.º 258 EM 24-9-46

A VENDA NA:

Associação dos Criadores

Rua Senador Feijó, 30 - S. Loja